

F E V E R E I R O



EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ROLA

ENTREVISTA
EXCLUSIVA

PET SHOP BOYS

DOS ESTÚDIOS AOS ESTÁDIOS



COM PAGODEIRO CHAMADO

DAVID BYRNE

EURHYTHMICS

A FICHA COMPLETA

KRAFTWERK

A HISTÓRIA

SEPULTURA

EM LONDRES

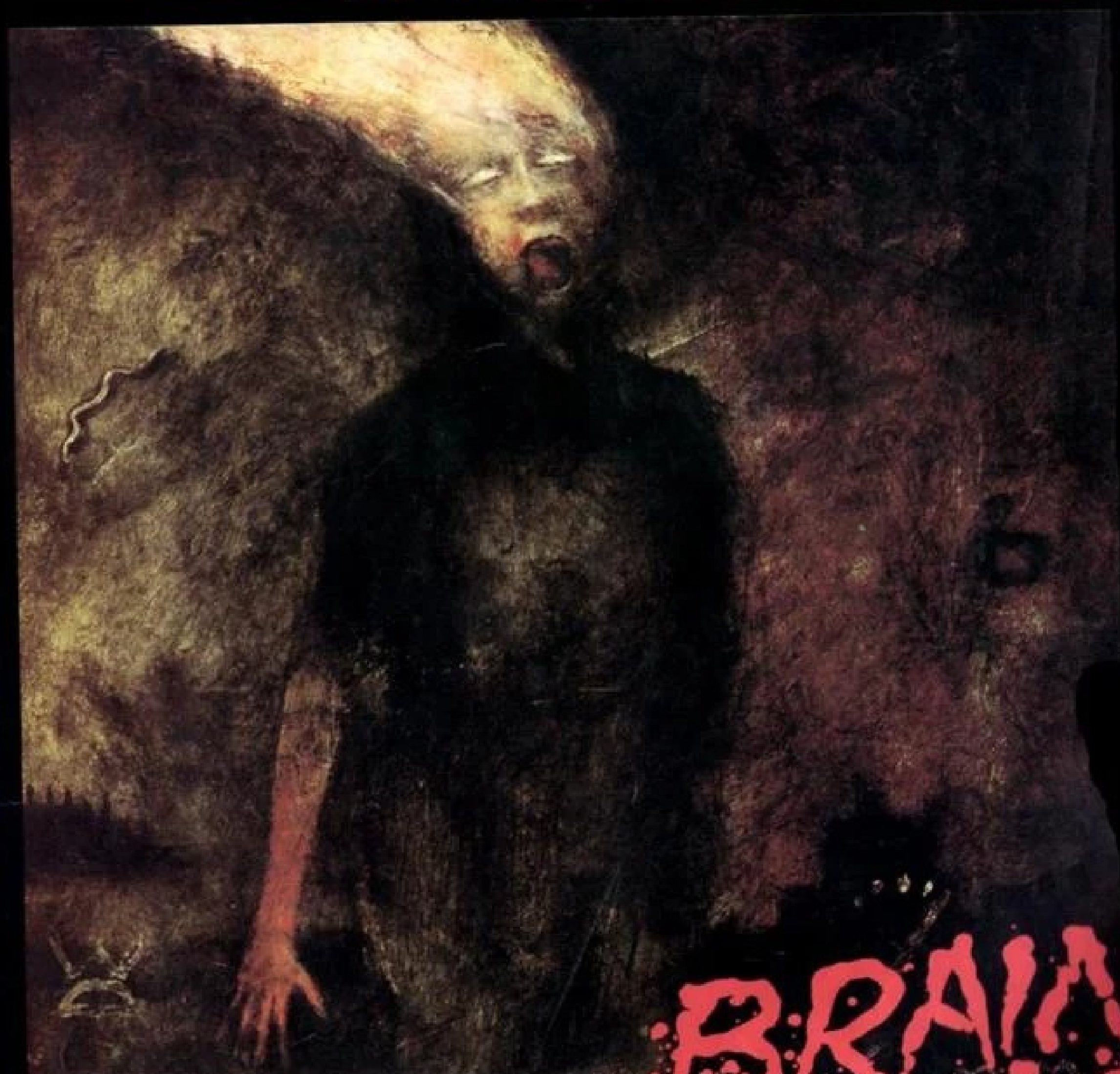
NICK CAVE ♦ YOUNG GODS ♦ LOBÃO ♦ BARÃO VERMELHO ♦ NAPALM DEATH



**PÂNICO
NA MULTIDÃO**

SAIU O NOVO LP

RAMONES



**BRAIN
DRAIN**

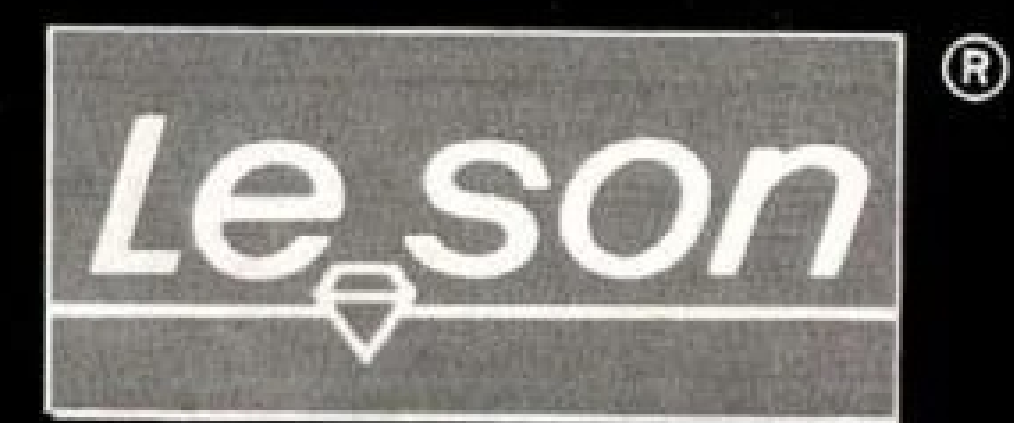


EM LP e CASSETE



**Você tem
a chance de
uma grande
performance.**

**Nós temos
a obrigação.**



**PROFESSIONAL
MICROPHONES**

LE SON e SM-58PLUS são marcas registradas de Le son -
Laboratório de Engenharia Sônica S.A.



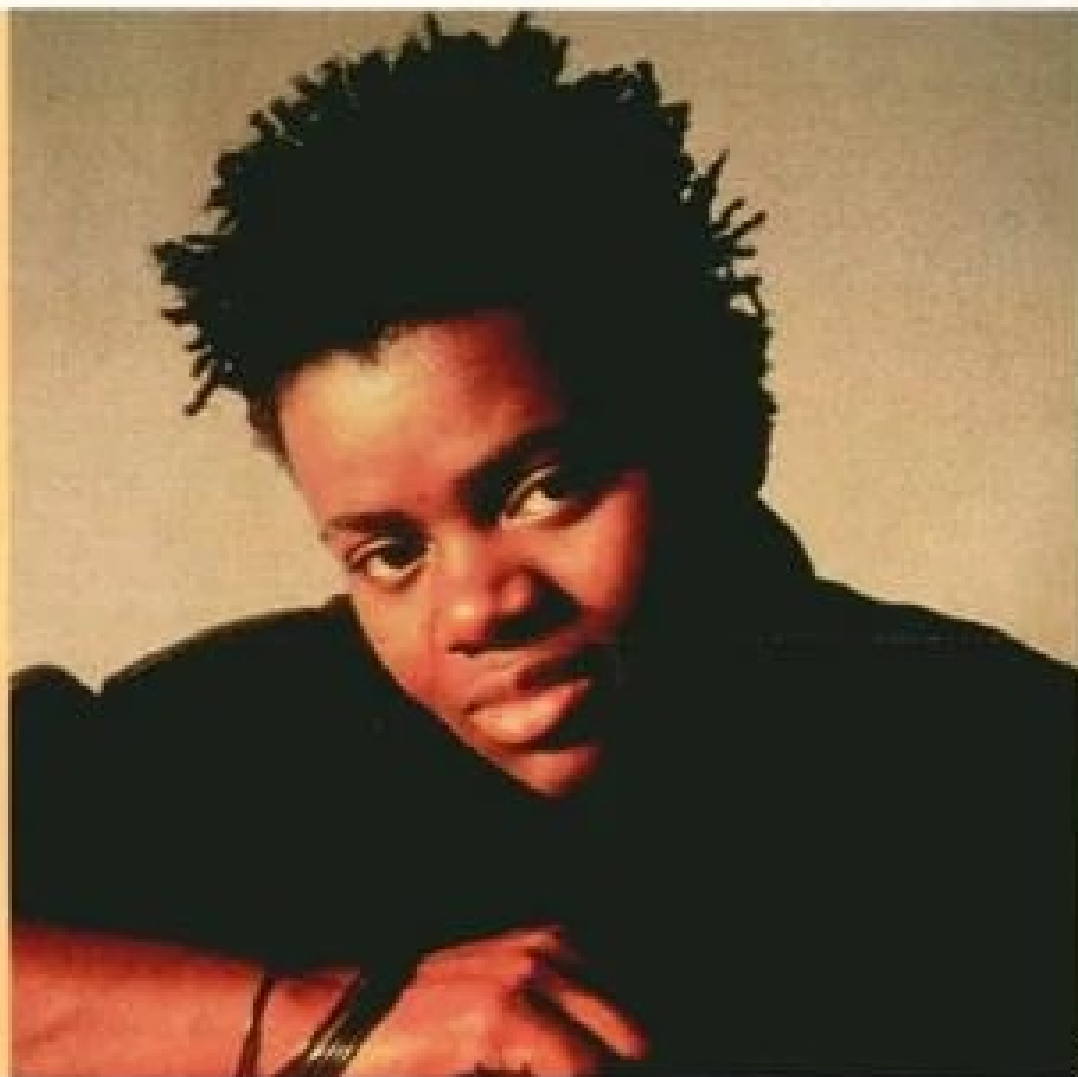
BRUCE DISPENSA SUA BANDA



Bruce Springsteen resolveu dispensar a **E Street Band**, com quem vinha trabalhando há dezesseis anos. A informação foi divulgada por um porta-voz do cantor, em entrevista à revista norte-americana *Newsweek*. Segundo ele, Bruce teria tido longas conversas com cada um dos membros da banda, explicando que não sabia quando voltaria a gravar, nem quem escolheria para o acompanhar. O cantor foi visto recentemente em estúdio gravando uma cover para "Gulf Coast Highway", de Nanci Griffith, ao lado da backing vocal e esposa, Patti Scialfa — que prepara para breve seu primeiro disco solo. Uma de suas últimas aparições ao lado da E Street Band foi no final de setembro, quando comemorava seu quadragésimo aniversário com um show num bar de Nova Jersey.

TRACY VETADA

Tracy Chapman teve duas faixas de seu mais recente LP, *Crossroads*, vetadas para execução nas estações de rádio e TV da África do Sul. A decisão da South African Broadcasting Corporation — a rede de comunicação do país, controlada pelo governo — atinge as faixas "Freedom Now" — um manifesto pela libertação do líder negro Nelson Mandela — e "Material Word". É a segunda vez que Tracy enfrenta a censura sul-africana: no LP de estréia, haviam sido vetadas "Talkin' Bout a Revolution", "Behind The Wall" e "Across The Lines". A proibição, porém, não afeta a comercialização dos dois LPs da cantora, disponíveis naquele país.



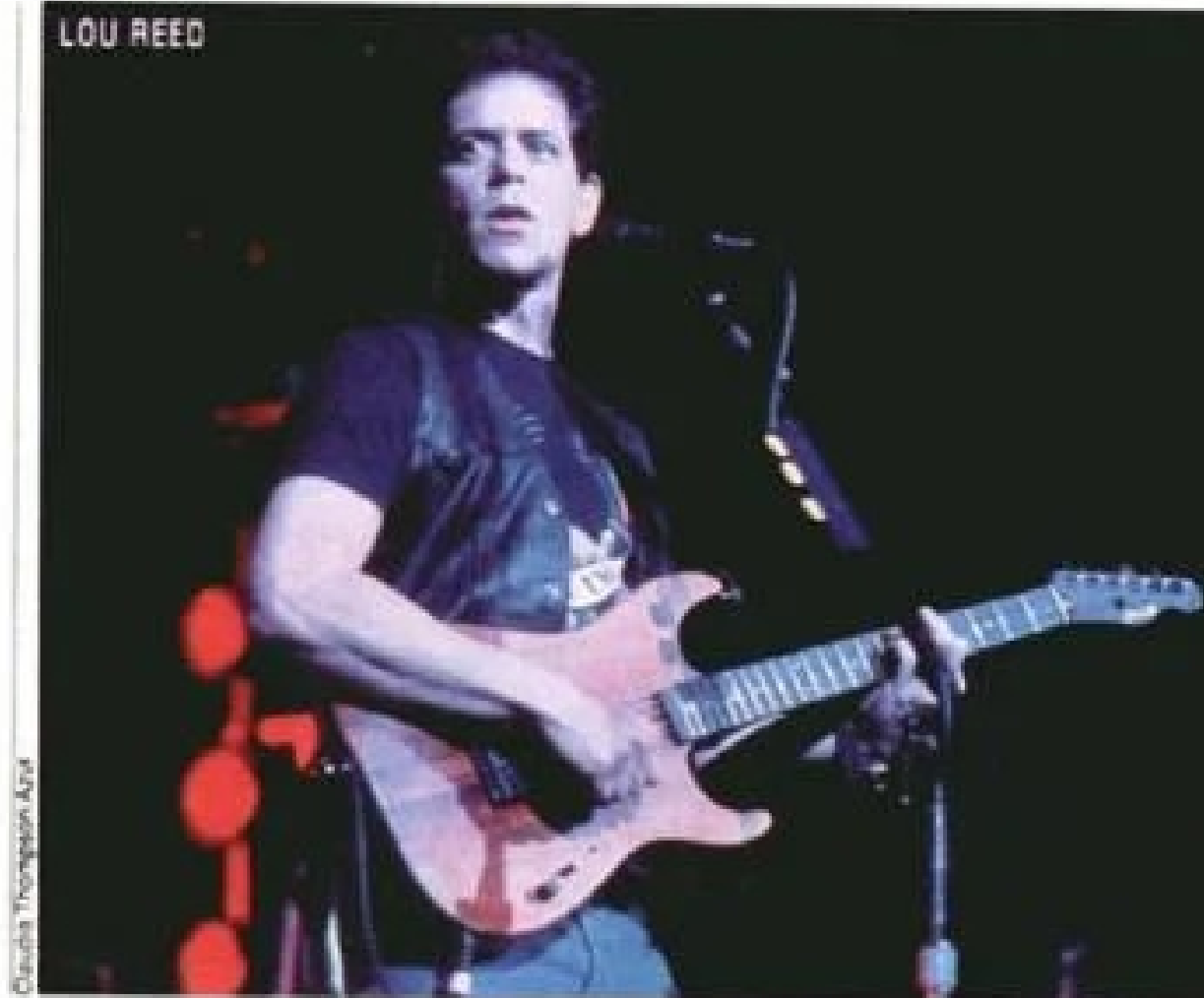
FORÇA BRUTA

No final de novembro um acontecimento lamentável abalou todos os rappers deste país. **Marcelo Domingos de Jesus**, DJ do grupo Rap Magic, foi covardemente assassinado por um policial quando voltava para casa de metrô, em São Paulo. Seu crime: cantar e batucar no mesmo vagão de trem em que estava o policial Fernando Simião — que chegou a alegar legítima defesa. As gangues de rappers presentes ao enterro de MC Rap B (seu nome artístico) encaminharam um abaixo-assinado à Secretaria de Segurança Pública do Estado. Segundo Fábio Vianna, amigo de Marcelo, a intenção é "acabar com as atrocidades que os policiais praticam na cidade".

JOGO LIMPO

Alice Cooper decidiu acabar com a sujeira nas ruas de Londres. Quem quisesse comprar um ingresso para assistir aos seus últimos shows naquela cidade seria obrigado a trazer um saco de lixo — imediatamente recolhido pelo caminhão de Alice. "Tire o lixo das ruas e coloque no seu stereo", aconselha Alice, cujo último LP leva o título de *Trash*.

LOU REED



UNIDOS CONTRA A AIDS

Lou Reed, David Byrne, Fine Young Cannibals e Neneh Cherry são alguns dos artistas que irão à TV inglesa falar sobre Aids. Eles participam de um projeto que visa educar o público sobre a doença através de um especial de TV que se transformará em vídeo e em disco. O especial girará em torno de regravações de músicas de **Cole Porter**, numa homenagem aos cem anos do nascimento do compositor.

Nos Estados Unidos, outra movimentação em torno da Aids acontece no dia 17 de março, com a realização de um concerto beneficente. O show — que também comemora o décimo quinto aniversário do selo Arista — contará com as participações de **Eurythmics**, **Hall and Oates**, **Whitney Houston** e **Jeff Healey Band**, entre outros. O objetivo é arrecadar fundos para a Gay Men's Health Crisis, além de outras organizações ligadas ao combate da doença no país.

PAUL NO BRASIL?!

Paul McCartney deve mesmo vir ao Brasil ainda este ano. A informação foi confirmada pelo próprio ex-beatle, em entrevista coletiva realizada em Los Angeles. Os shows brasileiros acontecem provavelmente em meados do ano, encerrando a turnê mundial.

Durante a coletiva, Paul falou ainda sobre a possibilidade dos ex-Beatles voltarem a trabalhar juntos, depois do acordo que pôs fim a uma disputa judicial de dez anos envolvendo direitos autorais. Segundo Paul, o primeiro projeto conjunto seria a composição da trilha sonora para *The Long and Winding Road* — um documentário reunindo material inédito sobre os Beatles, recolhido por Paul ao longo dos anos. "E daí, quem sabe, possamos nos reacostumar a tocar juntos. Eu nunca compus com George Harrison!"

BIBLIOTECA

U2 — *The Early Days* é o nome do livro que narra a trajetória da banda até a assinatura do contrato com a Island. O autor é Bill Graham. **⊗** Tony Fletcher é o autor de *Remarks* — *The Story of R.E.M.* **⊗** A história da música pop é o tema de *From Blues to Rock*, de David Hatch e Stephen Millward. **⊗** O livro *Chico Buarque — Letra e Música* traz todas as letras do compositor, acompanhadas por uma biografia e cinquenta partituras.



DEZENOVE MINUTOS DE AMOR

Price volta a provocar polêmica nos Estados Unidos com o lançamento de seu mais recente single, "Sex Scandalous Suite". No compacto — que tem dezenove minutos de duração!!! — Prince troca insinuações eróticas com **Kim Basinger**, sugerindo a simulação de um ato sexual. "Sex..." — que teve a participação de Kim na produção e na letra — traz uma etiqueta para espantar os desavisados: "Toque, se tiver coragem".

No momento, Prince prepara mais uma turnê mundial, com início previsto para abril. O show, segundo o empresário Albert Magnoli, incluirá os hits preferidos pelo cantor e pelo público, além de faixas de *Batman*, o lançamento mais recente. Na banda, as novidades serão as presenças do baterista **Michael Bland** e da saxofonista **Candy Dulfer**.



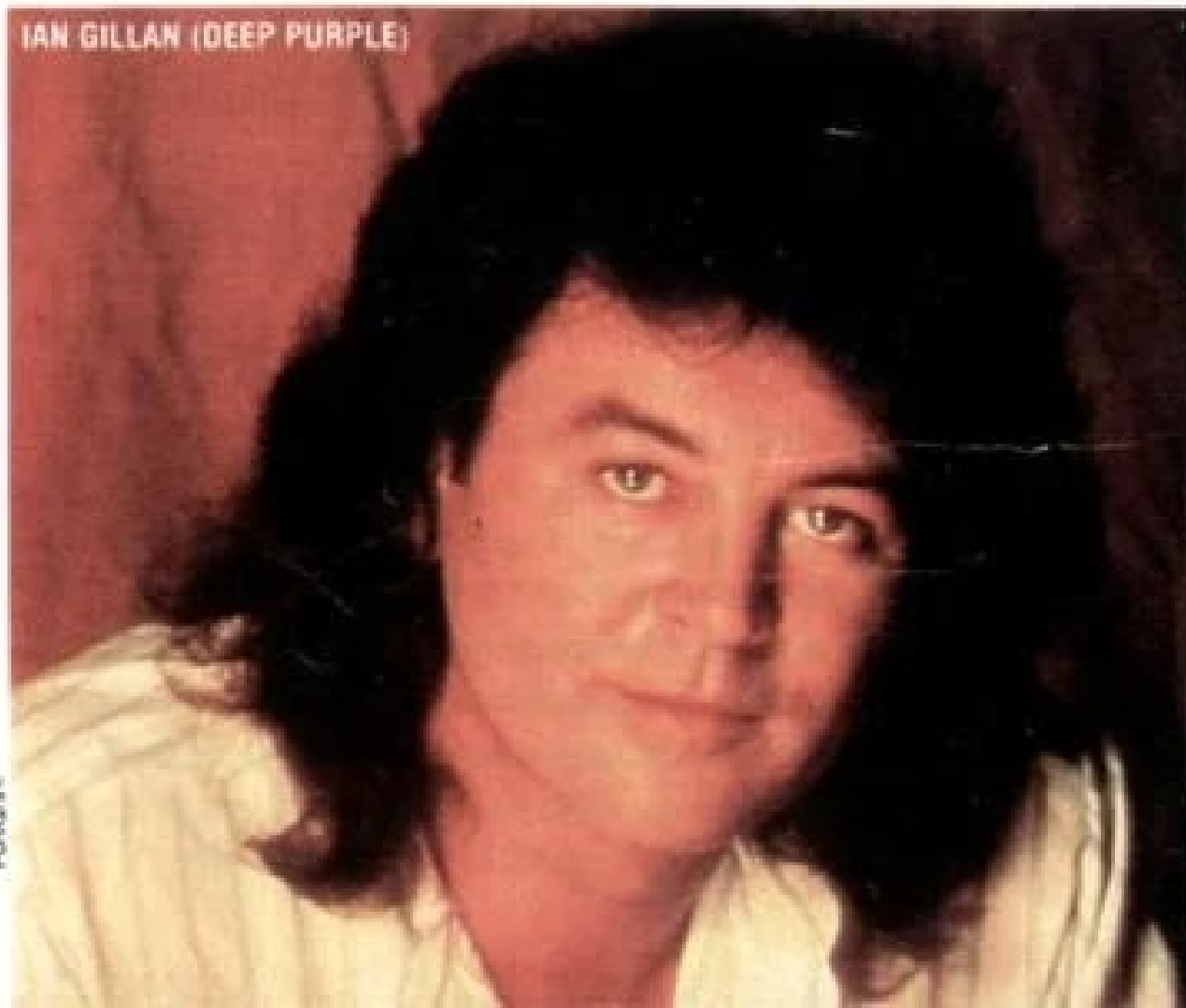
POUCAS & BOAS

● **Culture Club** voltou a se reunir e prepara para breve um novo LP. **Boy George** decidiu encerrar sua carreira solo depois de uma curta experiência como vocalista do **Jesus Loves You** ⊗ **Roland Gift** estreia no teatro neste início de ano. O vocalista dos **Fine Young Cannibals** interpreta o papel principal masculino em uma nova versão de *Romeu e Julieta* ⊗ Outro que realizou a passagem do vinil para o teatro foi **Ian Dury**, que teve vários hits na Inglaterra no final dos anos 70. Dury dirige e atua em *Apples*, musical escrito em parceria com Mickey Gallagher ⊗ O guitarrista **Jander "Ameba" Bilaphra** está deixando a **Plebe Rude**. Com sua saída, a banda de Brasília fica reduzida a um trio, com Philipe nos vocais, André X no baixo e Gutje na bateria.

VINIL FRESCO

"Smoke on the Water", o velho hit do **Deep Purple**, acaba de ganhar uma nova gravação, reunindo algumas das maiores estrelas do metal. Participam do projeto, entre outros, os guitarristas **Slash** (Guns N'Roses), **Adrian Smith** (Iron Maiden) e **Yngwie Malmsteen** — além de dois de seus criadores, **Ritchie Blackmore** e **Ian Gillan** (vocalista). A gravação estará no LP do mesmo nome, cujas vendas serão revertidas para as vítimas do terremoto da Armênia, ocorrido no início do ano passado ⊗ O **Whitesnake** quebra um silêncio de dois anos com o LP *Slip of the Tongue* ⊗ *Rock Island* é o nome do novo LP do **Jethro Tull** ⊗ O ex-Communist **Jimmy Somerville** inaugura sua carreira solo com o álbum *Read My Lips* ⊗ O baterista **Grant Hart** (ex-Hüsker Dü) está lançando seu primeiro disco solo, chamado *Intolerance* ⊗ *Welcome to the Beautiful South* é o primeiro LP do novo grupo dos ex-Housemartins **Paul Heaton** e **Dave Heminway** ⊗ O **UB 40** lançou, pela segunda vez, um disco com covers dos clássicos de reggae. Chama-se *Labour of Love II*.

IAN GILLAN (DEEP PURPLE)



OUÇA ESSA

Um dos Tears for Fears tenta ser o Paul e o outro, o John. Como devo chamar isso? Homenagem? **Paul McCartney**

FEVEREIRO NO ROCK

2/02/79 — Sid Vicious (Sex Pistols) morre em consequência de uma overdose de heroína
3/02/59 — Morrem, no mesmo acidente de avião, Buddy Holly, Ritchie Valens e Big Bopper
9/02/64 — Os Beatles fazem sua primeira apresentação no *Ed Sullivan Show*, programa de TV que os projetará no EUA
9/02/81 — Morre Bill Haley, um pioneiro do rock'n'roll
16/02/82 — O Police faz a primeira de suas duas únicas apresentações no Brasil, tocando no Maracanãzinho (RJ)
19/02/80 — Morre o vocalista do AC/DC, Bon Scott
28/02/73 — James Brown inicia sua primeira turnê brasileira

N A S T E L A S

Deborah Harry é uma dona de casa que mantém um garoto como prisioneiro em *Tales from the Dark Side* ⊗ **Nick Rhodes** (Duran Duran) foi convidado para interpretar Andy Warhol num seriado para a TV americana ⊗ **Madonna** e **Liza Minelli** fazem ponta no filme *Mighty Real*, dirigido por Sandra Bernhard ⊗ A Walt Disney planeja uma refilmagem de *Mande Canoa*, que teria nos principais papéis **Paul Simon**, **Bobby Brown**, **Cyndi Lauper** e **Little Richard** ⊗ **John Lydon** será o DJ Angry Bob em *Hardcore*, de Richard Stanley. Detalhe: apenas a voz do personagem aparece no filme ⊗ **Roger Daltrey** (Who) faz o papel principal em *Father Jon*, de Terry Green.

DEBORAH HARRY



OS DONOS DA LAMBADA

Chegou ao fim a batalha pelos direitos autorais da música "Lambada" que colocou o grupo **Kaoma** em primeiro lugar nas paradas de cinco países europeus em meados do ano passado. Os empresários franceses Oliver Lorsa e Jean Karakos — responsáveis pelo lançamento — decidiram entrar em acordo com os verdadeiros autores da música, **Ulis- ses** e **Gonzalo Hermosa**, do grupo boliviano Kjarkas, receberão metade dos direitos autorais arrecadados com o compacto e com o LP do mesmo nome.

A VOZ DO POVO

O jornal carioca *Tribuna da Imprensa* divulgou no final do ano passado uma pesquisa do Ibope com os artistas preferidos pelo grande público. Aqui está o resultado dessa pesquisa na categoria "Conjuntos de Rock" (36% dos entrevistados não opinaram):

1. Titãs 21,1% (RJ — 13,5% / SP — 26,2%)
2. Paralamas 5,8% (RJ — 10,9% / SP — 2,4%)
3. Legião Urbana 5,5% (RJ — 8,3% / SP — 3,6%)
4. Roupas Nova 4,2% (RJ — 5,8% / SP — 3,1%)
5. RPM 4,2% (RJ — 1,5% / SP — 6%)
6. Inimigos do Rei 3,6% (RJ — 3,7% / SP — 3,5%)
7. Dominó 3,5% (RJ — 2,1% / SP — 4,4%)
8. Nenhum de Nós 2,4% (RJ — 3,4% / SP — 1,7%)
9. Barão Vermelho 2,2% (RJ — 2,1% / SP — 2,3%)
10. Pólegar 2,2% (RJ — 1,3% / SP — 2,8%)

VINIL FRESCO II

Amsterdam é o nome do novo EP dos **Simple Minds**, que inclui uma cover para "Sign O' The Times", de **Prince** (G) ⊗ A parceria entre **Barney Sumner** (New Order), **Johnny Marr** (ex-Smiths), **Neil Tennant** e **Chris Lowe** (Pet Shop Boys) acaba de ganhar seu primeiro registro no vinil (ver matéria com os PSB nesta edição). "Getting Away with It" é o compacto de estreia da inusitada formação, que adotou o nome de *Electroni* ⊗ A vocalista **Cat**, que trabalhou com **Prince** em *Sign O' The Times* e *Lovers*, acaba de lançar seu primeiro trabalho solo, "Cat Woman" tem produção de **Tim Simenon**, do Bomb The Bass ⊗ **Bobby Brown**, um dos campeões de vendagem de 89, está lançando um LP com remixes de seus hits. Chama-se *Dance...You Know It* ⊗ **Zeke Manyka**, ex-baterista do Orange Juice, acaba de lançar *Mastercrime*, resultado de dois anos de pesquisas na África ⊗ **Titãs**, **Paralamas do Sucesso**, **Rita Lee** e **Hermeto Pascoal** participam de um LP em homenagem ao sambista **Adoniran Barbosa** que deverá sair ainda este mês.

SIMPLE MINDS



OS ANOS 80 NA MÚSICA

A revista norte-americana *Musician* publicou, no final do ano passado, uma edição especial contendo uma análise minuciosa da evolução da música pop na última década. Descrevendo os 80 como a "Era do Excesso" — quando a ambição virou moda e o glamour se tornou onipresente —, a publicação parte para uma descrição dos movimentos do pop ano a ano. Aqui, um resumo dessa análise, com os principais acontecimentos musicais que marcaram a década.

1980 É um ano extraordinariamente trágico para a música pop, com as mortes de Ian Curtis, John Bonham e John Lennon. As portas da década são abertas pelo Clash, que conquista, a partir do lançamento de *London Calling*, um culto fiel na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nesse mesmo ano, Kurtis Blow lança um dos primeiros hits de um estilo que começa a ser chamado de rap. Enquanto isso, o pop negro e a world music causam grande impacto com lançamentos como os de *Dirty Mind*, do Prince, e *Remain in Light*, dos Talking Heads.

1981 No dia 11 de maio, Bob Marley morre de câncer, encerrando uma era de renascimento na música jamaicana. O espírito do reggae inspira o movimento *two tone*, uma mistura de raças e estilos (rock/ska/reggae) realizada por bandas como Specials, Selecter e Madness. No ano da estreia da MTV, o Van Halen ocupa o trono do metal deixado vago pelo Led Zeppelin. Enquanto isso, as rádios tocam o pop inofensivo de Air Supply, Rick Springfield...

1982 É o ano que marca o fim das AOR — "Album Oriented Radios", que limitavam sua programação a algumas faixas de discos de grupos de sucesso, privilegiando velhas fórmulas pop e fechando o caminho para a black music. Daí para frente, os conceitos de ritmo e estilo da música negra definirão o som da década. O grande responsável é Michael Jackson, com o lançamento de *Thriller* — "o disco da década", o LP mais vendido de todos os tempos. A força do rap fica ainda mais clara com o sucesso de "The Message", de Grandmaster Flash & The Furious Five. Marvin Gaye retorna em *Midnight Love*, com o hino "Sexual Healing" estabelecendo sua primazia como autor de baladas e símbolo romântico.

1983 *Serious Moonlight* e *Synchronicity* são as duas primeiras megaturnês da década. David Bowie e Police — o grupo mais popular do momento — levam seus shows para os estádios, deixando para trás os pequenos espaços. O rock importa estilos musicais pelas mãos de King Sunny Adé e Fela Kuti. Michael Jackson investe no vídeo, lançando a tríade "Beat It"/"Billie Jean"/"Thriller". A música britânica faz sucesso na América com Duran Duran, Culture Club e Eurythmics. E o U2 começa a fazer sucesso nos Estados Unidos, a partir do lançamento de *War*.

1984 É um ano de grandes compactos: "Jump", do Van Halen, "Time After Time", de Cyndi Lauper, "Middle of the Road", dos Pretenders, e "Drive", com os Cars, entre outros. "Dancing in the Dark" chama a atenção do grande público para Bruce Springsteen. O verão de 84 se transforma numa batalha entre as bandas de Bruce e Prince, com seus respectivos "hinos": "Born in the USA" e "Purple Rain". Ainda nesse ano, o U2 lança "Pride" e inicia a turnê mundial que o conduzirá ao estrelato — além de participar do compacto beneficente "Do They Know It's Christmas", que impulsionou uma nova tendência beneficente na música pop.

1985 O lançamento de *Brothers in Arms* mostra que os Dire Straits podem concorrer com o sucesso de Springsteen. Em julho, todo o rock dos anos 80 se reúne para o *Live Aid*, o grande show de caridade idealizado por Bob Geldof. Sua maior importância, porém, está em reconciliar artistas novos e antigos, mostrando que a maioria das rivalidades surgidas a partir da explosão do movimento punk já estava superada.

1986 Dois pop stars, ambos interessados em culturas de outros países, alcançam sucesso de crítica e público — um acontecimento raro na pop music. Com *Graceland*, Paul Simon abre os ouvidos dos Estados Unidos para a música africana. O terceiro mundo também aparece em *So*, o maior sucesso comercial de Peter Gabriel — puxado pelo compacto e o clip de "Sledgehammer". É a prova de que, nos últimos anos da década, "as fronteiras só existem em nossas cabeças". Outro hit do ano é *Raising Hell*, do Run D.M.C., auxiliado pelo single "Walk This Way" — que prova que o rap pode se associar a outros estilos (no caso, o heavy) e atingir o grande público.

1987 Para o U2, o grande estouro de 87 é, acima de tudo, "o triunfo de um trabalho duro, aliado à circunstância". Eles haviam passado a década construindo um culto fiel, e a última turnê havia gerado um entusiasmo capaz de colocá-los às portas do megaestrelato. Nesse ano, Bon Jovi e Poison definem uma nova linhagem para o pop metal — que encontra seu espaço no mercado, ao lado do hip hop, com os hits de Eric B. & Rakim e L.L. Cool J, entre outros.

1988 Durante várias décadas o rock'n'roll foi um clube masculino, fechado à contribuição das mulheres. Houve momentos em 88 que parecia ser o contrário. O sucesso de Suzanne Vega no ano anterior havia aberto caminho para as estreias no vinil de Sinéad O'Connor, Michelle Shocked e Tracy Chapman — a entrada mais dramática, com vendas superiores a dois milhões de cópias. Numa década definida por leves dançantes, Chapman traz canções de cunho político cantadas com sinceridade e acompanhadas por pouco mais que um violão. O ano testemunha o ressurgimento do metal em grande escala, e o Guns N'Roses ocupa o posto de banda mais popular e polêmica. Com suas narrativas da vida nas ruas, o Guns N'Roses fala aos garotos brancos da mesma forma que o Public Enemy se comunica com os garotos negros destituídos.

1989 A ideia de que a black music é o mainstream nos Estados Unidos é impulsionada pelo sucesso enorme de Bobby Brown. Enquanto isso, o triunfo do Living Colour sugere que as barreiras raciais do rock estão mesmo desabando. Prince conquista uma vitória com o lançamento de *Batman*, um de seus discos mais fracos — e seu maior sucesso. O caos urbano serve de tema para dois grandes discos: *New York*, de Lou Reed, e *Freedom*, de Neil Young. "Sem dúvida, os anos 80 haviam chegado ao fim: surrados, baleados e em farrapos."

CFS-210 S

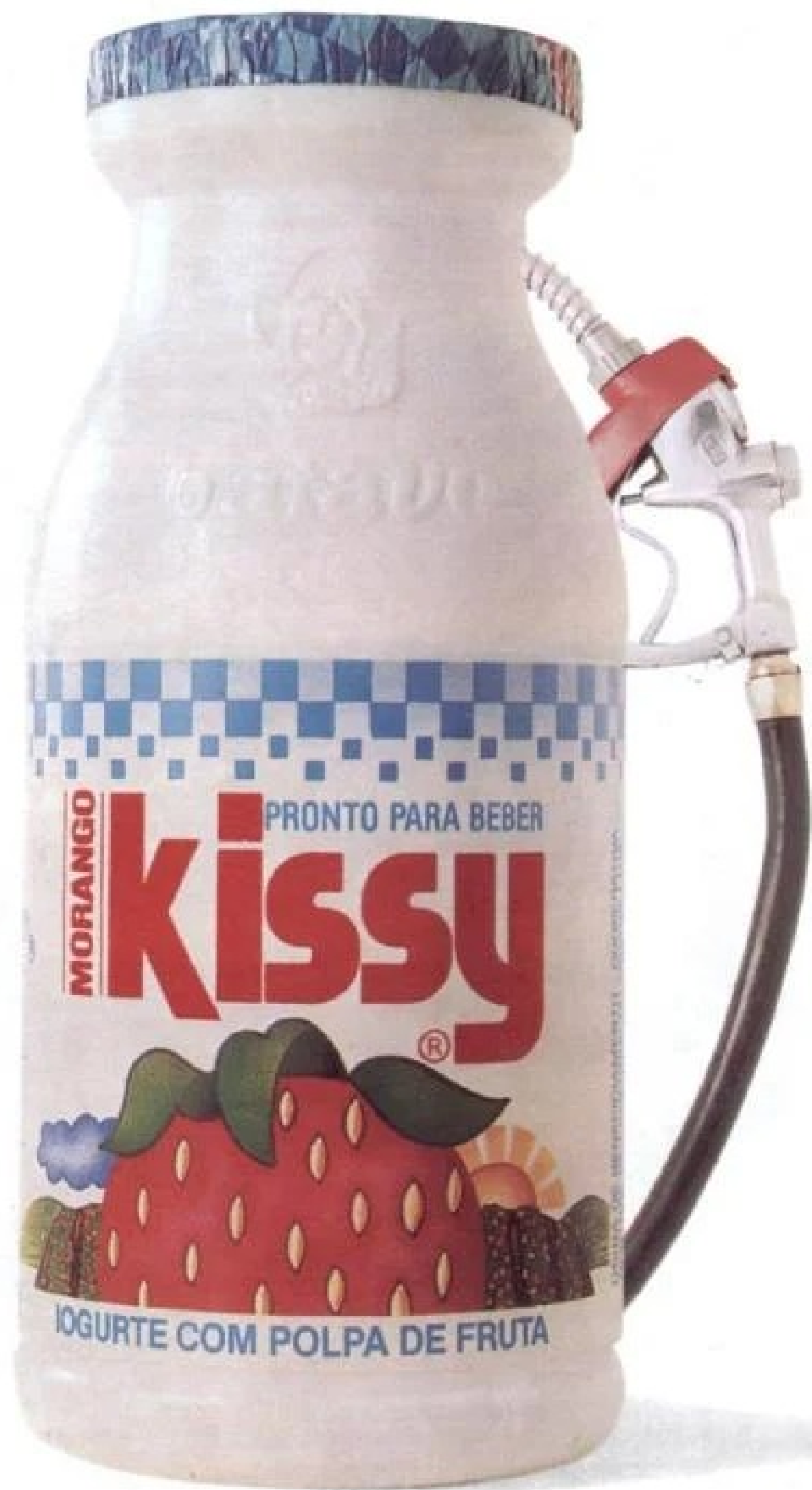
O RESTO FICOU QUADRADO.



O Compact Slim Design do CFS-210S da Sony é a última tendência internacional em rádio-gravadores. É leve, moderno, fácil de carregar. O design arredondado do CFS-210S tem um visual jovem, descontruído e esportivo. É um som à altura de muito equipamento maior que ele. Dentro ou fora de casa. Tem 15 Watts (PMPO) de potência de saída, 4 faixas de onda (AM, FM, SW1 e SW2), microfone embutido e excelente nível de reprodução das gravações. CFS-210S. A nova forma do som.

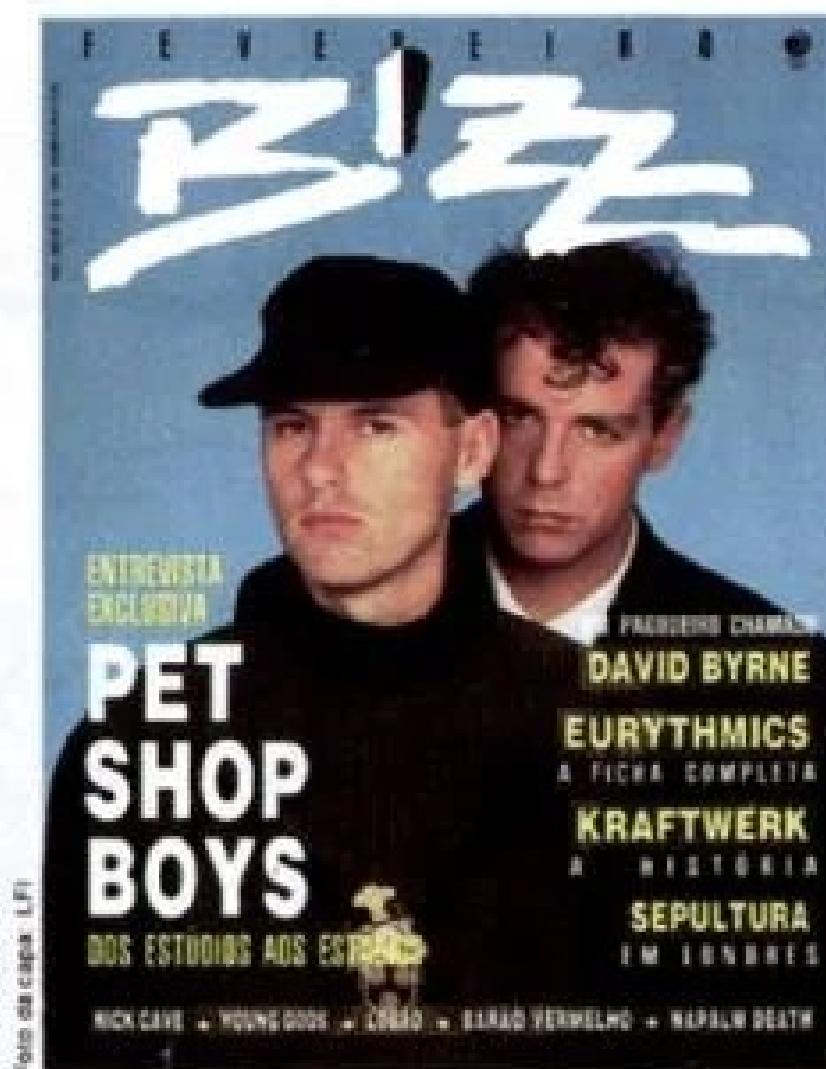
SONY

Abasteca-se aqui.



KISSY É O IOGURTE DE BEBER COM LACTOBACILOS VIVOS PARA QUEM NÃO GOSTA DE RACIONAR ENERGIA. GENTE JOVEM E ALEGRE QUE FAZ QUESTÃO DE VIVER CADA MOMENTO COM MUITO PIQUE E SAÚDE.

kissy: a bebida que move a juventude.



O pop dos dois últimos decênios não seria o mesmo sem o **Kraftwerk**, o mais importante grupo do "kraut rock" (nome dado pelos ingleses ao rock alemão nos anos 70). **Arthur G. Couto Duarte** relata a história completa da "Usina de Força". A Parte I começa na pág. 42.

A partir da turnê do **Sepultura** pela Europa e pelos EUA, o Brasil passa a incluir o thrash metal entre seus ritmos de exportação (embora David Byrne ainda não o tenha descoberto). **Anamaria G. de Lemos** conversou com os mineiros antes e depois de seu show em Londres. Na pág. 26.



Introspective, o último álbum dos **Pet Shop Boys**, colocou a dupla inglesa num patamar de vendas surpreendente no Brasil. Enquanto o disco acumulava 600 mil cópias vendidas apenas aqui, ao longo de 89, Neil Tennant e Chris Lowe passavam o ano mergulhados em outros projetos: sua primeira turnê, ainda que limitada a Hong Kong, Tóquio e Londres, produção e composição para Liza Minelli e participação num dos lançamentos mais aguardados de 1990, o álbum da dupla Bernard Sumner e Johnny Marr. Nos escritórios da EMI em Londres, os dois *boys* da "loja de animais de estimação" receberam **Anamaria G. de Lemos** para recapitular estes últimos doze meses de trabalho. O resultado está na pág. 20.

4	SHOWBIZZ
14	PARADA
16	DAVID BYRNE por José Emilio Rondeau
30	BARÃO VERMELHO por Celso Masson
34	NICK CAVE por Bia Abramo
38	EURYTHMICS por Bia Abramo
47	DANCE MUSIC por José Roberto Mahr
48	CONEXÃO BRASIL
50	AO VIVO Titãs, Ian McCulloch, Lobão, Edgard Scandurra
59	DISCOS Young Gods, David Byrne, Paralamas, Stones
70	LETRAS "Proud to Fall", Ian McCulloch
72	CARTAS
74	DISCOTECA BÁSICA Malpractice, Dr. Feelgood

O SOM QUE TOCA VOCE.

O melhor conjunto do momento está pronto para tocar mais alto a sua emoção. Stereo System PRDT-300D Philco-Hitachi. Tudo o que você sempre quis ouvir em matéria de som num equipamento muito bem afinado. Escolha algumas músicas gostosas e convide aquela pessoa que você está a fim para ouvir "lá em casa". Pode apostar que ela vai te dar ouvidos. PRDT-300D. 150 watts de potência.



Toca-discos belt-drive com retorno automático. Equalizador gráfico.

Duplo cassette com mecanismo auto-stop e seletor de fitas metal e cromo. Karaoke. Entrada especial para Digi-Laser* (toca-discos digital), TV e videocassete. Rack especial com prateleira regulável e muito mais.

* Digi-Laser PDA-6000 opcional.

PHILCO-HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

PHILCO - HITACHI



PHILCO - HITACHI



RENATO RUSSO (LEGIÃO URBANA)

LEITORES

- 1 *As Quatro Estações* (N)
Legião Urbana
EMI-Odeon
- 2 *O Bêlig Blom* (3)
Titãs
WEA
- 3 *Technique* (4)
New Order
WEA
- 4 *A Night to Remember* (1)
Cyndi Lauper
CBS
- 5 *Information Society* (6)
Information Society
Silex
- 6 *A Parada do Dia* (N)
Raul Seixas
e Marcelo Nova
WEA
- 7 *More to Move* (N)
Kon Kan
WEA
- 8 *Original Soundtrack* (R)
S'Express
Silex
- 9 *Crackers International* (N)
Erasure
WEA
- 10 *Tin Machine* (15)
Tin Machine
EMI-Odeon
- 11 *Guns N' Roses* (2)
Guns N' Roses
WEA
- 12 *Steel Wheels* (8)
Rolling Stones
CBS
- 13 *As Vozes* (N)
Barão Vermelho
WEA
- 14 *Kol* (9)
Kid Abelha
WEA
- 15 *A New Flame* (R)
Simply Red
WEA
- 16 *The Seeds of Love* (N)
Tears for Fears
PolyGram
- 17 *Life's Too Good* (17)
Sugarcubes
WEA
- 18 *Disintegration* (3)
The Cure
PolyGram
- 19 *Introspective* (19)
Pet Shop Boys
EMI-Odeon
- 20 *Repeat Offender* (N)
Richard Marx
EMI-Odeon

EMI - Odeon

LOJAS

- 1 *O Bêlig Blom* (1)
Titãs
WEA
- 2 *As Quatro Estações* (2)
Legião Urbana
EMI-Odeon
- 3 *Djavan* (N)
Djavan
CBS
- 4 *Próxima Parada* (4)
Marina
PolyGram
- 5 *Like?* (N)
Arnaldo Baptista
PolyGram/Baratos Afins
- 6 *The Seeds of Love* (11)
Tears for Fears
PolyGram
- 7 *Crackers International* (13)
Erasure
WEA
- 8 *...And Justice for All* (3)
Metallica
PolyGram
- 9 *Sanguinho Novo* (5)
Vários
Eldorado
- 10 *We Two Are One* (19)
Eurythmics
BMG-Arista
- 11 *Life's Too Good* (R)
Sugarcubes
WEA
- 12 *Brasil* (7)
Ratos de Porão
Eldorado
- 13 *The Sensual World* (N)
Kate Bush
EMI-Odeon
- 14 *Disco* (N)
Pet Shop Boys
EMI-Odeon
- 15 *Waltz Darling* (R)
Malcolm McLaren
CBS
- 16 *Seasons End* (N)
Marillion
EMI-Odeon
- 17 *What's That Noise?* (R)
Coldcut
Silex
- 18 *Watermark* (N)
Enya
WEA
- 19 *Big Bang* (N)
Os Paralamas do Sucesso
EMI-Odeon
- 20 *Hotman* (8)
Prince
WEA

Lojas consultadas: Cambin Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte); Modern Sound (Rio de Janeiro); Baratos Afins, Musical Box e Vábia Dúbia Duo (São Paulo)

LPs (EUA)	LPs (GB)	LPs Independentes (GB)	Compactos (EUA)	Compactos (GB)	Compactos Independentes (GB)
1 (1) <i>Rhythm Nation 1814</i> — Janet Jackson (A&M)	1 (N) <i>The Road to Hell</i> — Chris Rea (Magnet)	1 (N) <i>Mudhoney</i> (Glitterhouse)	1 (4) "When I See You Smile" — Bad English (Epic)	1 (N) "All Around the World" — Lisa Stanfield (Arista)	1 (N) "Widowmaker" — Butthole Surfers (Blast First)
2 (2) <i>Girl You Know It's True</i> — Milli Vanilli (Arista)	2 (N) <i>Holdin' Back the River</i> — Wet Wet Wet (Precious Org.)	2 (8) <i>Scar</i> — Lush (4AD)	2 (10) "Blame It on the Rain" — Milli Vanilli (Arista)	2 (2) "That's What I Like" — Jive Bunny (Music Factory)	2 (4) "Eye Know" — De La Soul (Big Life)
3 (3) <i>Steel Wheels</i> — Rolling Stones (Columbia)	3 (5) <i>Wild!</i> — Erasure (Mute)	3 (1) <i>Here Today, Tomorrow...</i> — Sugarcubes (One Little Ind.)	3 (5) "The Way That You Love Me" — Paula Abdul (Virgin)	3 (3) "Girl I'm Gonna Miss You" — Milli Vanilli (Goodtempo)	3 (1) "Street Tuff" — Double Trouble & Rebel MC (Desire)
4 (5) <i>Pump</i> — Aerosmith (Geffen)	4 (1) <i>Enjoy Yourself</i> — Kylie Minogue (PWL)	4 (N) <i>Friendly As a Hand Grenade</i> — Tackhead (World)	4 (9) "Love Shack" — B-52's (Reprise)	4 (N) "Never Too Late" — Kylie Minogue (PWL)	4 (5) "WFL" — The Happy Mondays (Factory)
5 (8) <i>Crossroads</i> — Tracy Chapman (Elektra)	5 (N) <i>Journeysman</i> — Eric Clapton (Duck)	5 (N) <i>Why Should...</i> — The Colourblind James (Cooking V.)	5 (1) "Listen to Your Heart" — Roxette (EMI)	5 (N) "Grand Piano" — The Mixmaster (BCM)	5 (N) "Move" — Inspiral Carpets (Cow)
6 (6) <i>Forever Your Girl</i> — Paula Abdul (Virgin)	6 (N) <i>Runaway Horses</i> — Belinda Carlisle (Virgin)	6 (2) <i>Quadrature</i> — 808 State (Creed)	6 (N) "Angelia" — Richard Marx (EMI)	6 (N) "Another Day in Paradise" — Phil Collins (Virgin)	6 (N) "Grand Piano" — Mixmaster (Mixmaster)
7 (4) <i>Dr. Feelgood</i> — Mötley Crüe (Elektra)	7 (N) <i>Level Best</i> — Level 42 (Polydor)	7 (N) <i>3 Feet High...</i> — De La Soul (Big Life)	7 (N) "We Didn't Start the Fire" — Billy Joel (Columbia)	7 (4) "Street Tuff" — Rebel MC & Double Trouble (Desire)	7 (N) "The Gift" — Mudhoney (Glitterhouse)
8 (N) <i>Storm Front</i> — Billy Joel (Columbia)	8 (N) <i>Greatest Hits</i> — Billy Ocean (Jive)	8 (3) <i>The Stone Roses</i> (Silverstone)	8 (3) "The Seeds of Love" — Tears for Fears (PolyGram)	8 (N) "I Feel the Earth Move" — Marika (CBS)	8 (N) "Awkward Kid" — Mega City 4 (Decoy)
9 (7) <i>The Seeds of Love</i> — Tears for Fears (Fontana)	9 (N) <i>The Best of...</i> — Luther Vandross (Epic)	9 (N) <i>Tell 'Em We're Surfing</i> — The Family Cat (Bad Girl)	9 (2) "Cover Girl" — New Kids on the Block (Columbia)	9 (N) "Don't Know Much" — L. Ronstadt & A. Neville (Elektra)	9 (N) "Never Too Late" — Kylie Minogue (PWL)
10 (9) <i>Hangin' Tough</i> — New Kids on the Block (Columbia)	10 (N) <i>The Right Stuff Remix '89</i> — Vários (Stylus)	10 (N) <i>Nothing Short I Stand Up</i> — Vários (Blast First)	10 (N) "Poison" — Alice Cooper (Epic)	10 (N) "Never Too Much" — Luther Vandross (Epic)	10 (N) "Once a Perfect" — King of the Slums (Midnight)

Fontes: Billboard e Cash Box (EUA); Melody Maker e New Musical Express (GB); de 02 a 30/12/89. Para a Parada dos Leitores foram consultadas as lojas citadas no rodapé de 22/12/89.

ROCK THE COAST SHOP

ATENDEMOS TODO O BRASIL

R. Dr. Falcão, 152 - 787 Centro Cep: 01007 SP
Fone: (011) 353976 Metrô Arhangabaú

CONVENÇÕES:
(R) Indica retorno à Parada
(N) Indica novidade na Parada
() Indica a posição na Parada anterior

Leitor! Sua participação é importante para a Parada BIZ. Escreva para "BIZ" — Parada do Leitor, Caixa Postal 60081, CEP 05089, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.



SAMBA DO BRANQUELA DOIDO

**DAVID BYRNE mete a mão
na coroa do rei do carnaval e
volta a atacar de “latino”**

A platéia que lota o Pantages Theatre, em Los Angeles, não sabe muito bem o que está acontecendo. Que diabo está fazendo David Byrne cercado no palco de maracas, violinos, tumbadoras e surdos? Que repertório é este, repleto de inflexões latinas tão próximas da tradição da cidade, mas tão desconhecidas para o fã-padrão dos Talking Heads? Como se dança este tipo de música? Em que língua está cantando esta negra de voz potente? E por que David Byrne se recusa a tocar canções do repertório dos Talking Heads exceto “Mr. Jones” e “Papa Legba”?

A surpresa dos angelenos é compreensível: o que David Byrne está apresentando em sua primeira turnê solo é a interpretação de um vasto compêndio de dialetos musicais que ele admira e com os quais se identifica, por uma razão ou outra: os ritmos latinos de Cuba, Venezuela, Moçambique, Brasil.

São merengues, sambas, charangas, cumbias e boleros aos quais o americano médio não está acostumado. Daí a relutância em aceitá-los ou, no mínimo, a hesitação em dançá-los.

Esta paixão rendeu duas compilações — *Beleza Tropical* (88) e *O Samba* (89) — e uma coleção de composições originais dentro da linguagem musical afro-latina, *Rei Momo*, da qual participam algumas das inspirações de Byrne, como Célia Cruz, Willie Colon e Johnny Pacheco.

Se *Rei Momo* torna-se ocasionalmente acadêmico demais é porque mesmo para Byrne os caminhos da música latina ainda são novos e não de todo conhecidos, e porque David parece estar se esfor-

çando ao máximo para transmitir as mesmas sensações e os mesmos sentimentos que este tipo de música causou nele próprio, a ponto de motivarem tamanho trabalho.

A turnê de *Rei Momo* começou no Japão antes de desembarcar na Califórnia para shows em Los Angeles, San Diego e Santa Bárbara, até que um terremoto de 7,0 na escala Richter cancelasse as apresentações em São Francisco. Foi em San Diego, minutos antes do terremoto, que David falou de *Rei Momo*, de suas viagens pelo Brasil e do documentário *Ilê-Ayê*.

Quando nos encontramos pela primeira vez, no Rio de Janeiro, seu quarto de hotel estava abarrotado de fitas, presumivelmente gravadas durante sua passagem pelo Brasil. Teria sido aquele o início do processo que levaria a *Beleza Tropical* e agora *Rei Momo* e *O Samba*?

Pode ter sido. Eram fitas que eu tinha comprado em Salvador e no Rio. Também gravei muita coisa direto do rádio e algumas destas canções foram parar no *Samba*. Naquela época, em Salvador, (86), estava tocando no rádio muito forró, um tipo de forró eletrificado — agora não, só tocam lambada — e era ótimo ouvir aquele tipo de música.

Qual era sua expectativa em relação a Salvador antes de conhecer a cidade? Quais foram suas primeiras impressões?

Eu sabia que de uma certa forma era um centro cultural. Isso eu sabia. E sabia que muito da música de que eu gostava tinha

A turnê de Rei Momo: Byrne e Margareth diante de um batalhão de metais e percussão



Foto: WCA

suas raízes, de uma maneira ou de outra, na Bahia. Mesmo que em alguns lugares a raiz pudesse ser distante, mas havia raízes também na Bahia. Então, pensei "Bom, esse lugar pode muito bem ser a fonte de muitos dos sons diferentes de que gosto, então acho que gostaria de ir lá". Quanto às minhas primeiras impressões (pausa), acho que fiquei chocado pela extrema diferença entre ricos e pobres... foi um certo choque cultural.

Pode-se argumentar que essa exploração musical tenha sido iniciada quando você e Brian Eno fizeram "My Life in the Bush of Ghosts". Teria começado ali também o uso da denominação "world music"...

É, você pode ir até antes do disco. No disco anterior dos Talking Heads (*Fear of Music*) tinha uma música chamada "I Zimbra", muito influenciada por uns discos sul-africanos que eu estava ouvindo. A imprensa americana acha que eu estou pulando de galho em galho. Mas me parece que eu sempre me ative, mais ou menos... Sempre houve uma ligação com algumas coisas. Eu posso estar explorando diferentes aspectos, mas para mim são partes da mesma coisa.

Mas a denominação "world music", você concorda com ela?

Acho que sim. Não sei. Acho que é algo que as pessoas usam no marketing, uma maneira de vender discos na loja, mas...

Numa entrevista que você deu num programa de TV ontem à noite, disse que muito do que está contido em *Rei Momo* pode ser facilmente encontrado nas ruas de Nova York. Só que as pessoas não estão vendo nem ouvindo.

Parece que elas fecham os olhos para aquela parte da cidade, embora tudo aquilo exista em volta delas, e saibam disso.

Como você se interessou pelo samba?

É um termo muito conhecido das pessoas, no mun-

do inteiro, mas elas não sabem o que é. Quando ouvem falar em samba, ainda pensam em Tom Jobim, João Gilberto. Ótima música, mas não é o único tipo. Dai pensei em apresentar outro tipo de samba, talvez algo mais das ruas... embora ainda assim esteja mostrando apenas mais um tipo de samba, existem muitos outros, eu sei, mas... OK! Eu sei é que gostei muito de estar fazendo tudo isso.

E qual acabou sendo o critério de escolha das faixas que entraram no disco?

Acho que de certa forma tentei recapturar aquilo que eu ouvia no rádio quando visitei o Rio pela primeira vez: a música popular, mesmo parte dela sendo tão sofisticada, mas bastante melodiosa e cheia de um sentimento gostoso.

Eventualmente você acabou compondo sambas, merengues e cumbias. Foi difícil escrever em idiomas musicais para os quais você não estava necessariamente treinado?

Não tão difícil, porque eu estava escutando aquele tipo de música o tempo todo. Aquilo estava meio que entrando no meu sangue, sei lá, eu estava ficando "infectado". Algumas coisas, porém, seriam tão desconhecidas para mim que eu nem tentava.

O documentário *Ilê-Ayé* é fortemente espiritual. Este aspecto — a qualidade espiritual da música da Bahia — impressionou você?

(Depois de uma longuíssima pausa) Me parece que, se a Bahia for o lugar de onde saiu tanta música, então grande parte dela vem dos ritmos religiosos, candomblé ou seja lá o que for. E isso você não vê acontecer somente no Brasil. No mundo inteiro, onde existe uma cultura de raízes africanas, há também uma tradição religiosa semelhante. Mas na Bahia ela é mais acessível, todo mundo sabe o que está ocorrendo. Assim, por muitas e muitas razões achei esta espiritualidade inspiradora, interessante e muito emocionante.

Qual tem sido a reação do público e das rádios em relação a *Rei Momo*? No show, ontem, algumas pessoas estavam pedindo que você tocasse "Psycho Killer", "Burning Down the House" e até mesmo "Babalu".

Essa última até que fez um certo sentido (risos). Acho que as reações aos shows têm sido muito boas. A maior parte do tempo as pessoas dão uma olhada na banda e percebem que verão algo de novo. E acabam gostando, dançam e se divertem. O pessoal da indústria fonográfica e de rádio é mais desconfiado. Talvez venha a entrar na onda, mas está sempre atrasado em relação ao público.

Algumas pessoas são frontalmente contrárias ao que você está fazendo. Numa entrevista à *Time*, Djavan chamou você de inconsequente.

Eu posso estar errado (risos), mas acho que ele disse isso porque não foi incluído na primeira compilação, o que é uma pena — eu não tinha como incluir todo mundo. Sei que é um artista importante, que fez coisas maravilhosas, mas a coleção era puramente pessoal, então acaba sendo limitada, de um forma ou de outra.

Mas você acredita que discos como *Rei Momo* e as compilações de música brasileira possam abrir caminhos para artistas e para um tipo de música que não teriam tido esse tipo de exposição, caso o seu nome não estivesse na capa dos discos?

Sim. Me disseram, quando fui à loja de discos da minha vizinhança, que desde o lançamento do primeiro disco muita gente começou a pedir discos brasileiros. Pedem discos dos mesmos artistas que estão na compilação. Isso significa muita popularidade.

Se um artista do terceiro mundo fizesse a mesma aproximação cultural que você fez, mas partindo do ponto dele, não seria tão bem aceito quanto você está sendo.

Acho que você tem razão, existe este preconceito. Eu também sou muito criticado por pessoas que dizem "Ah, você não devia estar tocando música latina, isto é só uma coisa exótica que você está fazendo". Não deveriam existir regras na música. Quando me diziam isso, eu sempre respondia: "Bom, então você devia mandar o Wynton Marsalis parar de tocar música clássica. E diga ao Eric Clapton para ele parar de tocar blues". Não sei se as pessoas se tocam de que uma boa parte da música que elas acham ser tipicamente brasileira é também uma mistura de muitas coisas diferentes. Nada é puro. Muito da música africana é uma mistura de salsa e rhythm'n blues.

Herbert Vianna canta junto com você "Office Cowboy", uma faixa de *Rei Momo* exclusiva dos CD e K7. O curioso é que ele é um guitarrista e um compositor mais do que um cantor. Como se deu esse encontro?

Já conhecia o grupo. Disse a Herbert que Arto (Lindsay) e eu tínhamos composto uma música com letra em português: "Eu não vou conseguir cantar isso,

então ouça e veja se você gostaria de cantá-la". E acabou dando certo.

Como você chamou para a banda Café, Charlie e, principalmente, Margareth?

Margareth, eu conheci através de Larry Gould, (representante da casa noturna *Sounds of Brazil*, em NY). Eu estava em busca de uma cantora que tivesse repertório próprio, porque queria que ela cantasse algumas de suas próprias músicas nos shows. Me mandaram uma fita dela cantando "Elegibô". Eu conhecia a música dos blocos afro da Bahia e achei ótimo. Imediatamente saí atrás dela. Café e Charlie entraram quase por acidente. Margareth queria trazer percussionistas do Brasil com ela, mas por problemas no departamento de imigração eles não puderam sair do Brasil. Mas ela conhecia Café e Negrita (ambos moram em Nova York) e eles estavam disponíveis.

Você tem ouvido algo novo de música brasileira?

Vez por outra alguém me dá uma fita com um frevo antigo dos anos 40, coisas assim. Pode não ser novo para os brasileiros, mas é novidade para mim.

Os "moderninhos" do Brasil devem ficar chocados com uma pessoa como você se apaixonando por Ciro Monteiro, Zeca Pagodinho e Agepê.

Entendo. É o tipo de coisa que às vezes ajuda você a apreciar melhor algo que sempre esteve sob seu próprio nariz, o tempo todo. A mesma coisa acontece aqui. A classe média anglo-americana está cercada de salsa, mas nunca iria a uma casa noturna para dançar salsa nem a uma loja comprar um disco de Célia Cruz. É algo que sempre esteve lá, a vida toda. Mas foi preciso que alguém como eu aparecesse. É uma vergonha.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

RE

MARGARETH, ROUBANDO O SHOW

Dois nomes que integram a banda com que David Byrne está excursionando poderão soar familiares aos ouvidos brasileiros: os dos percussionistas Café e Charlie Negrita. O primeiro trabalhava com Djavan antes de partir para Nova York, onde acompanhava Roberta Flack quando foi convocado para a turnê de *Rei Momo*. Negrita era mais conhecido no Brasil pelas aparições-relâmpago que costumava fazer nos shows dos Novos Baianos, em meados da década de 70; Charlie surgia na hora em que os Baianos engatilhavam um trecho instrumental e dançava uma coreografia crazy que até hoje ninguém conseguiu reproduzir, ou mesmo explicar.

Mas a adesão brasileira que causa maior surpresa é a de Margareth Menezes, cantora de Salvador que encerrou uma excursão do projeto *Basf Chrome Music*, com Gilberto Gil e Dominginhos, para ser o segundo nome principal dos espetáculos que vem fazendo com David Byrne.

David descobriu Margareth através de um vídeo em que ela cantava a gravação que fez de "Elegibô", um tema muito popular entre os blocos afro de

Salvador. Ele queria uma vocalista que não fosse somente uma boa acompanhante de fundo, que tivesse seu próprio repertório e que conseguisse fazer sozinha a abertura dos shows e parte do miolo. Com um segundo álbum prestes a ser lançado pela PolyGram no Brasil e pela Island/Mango no resto do mundo, Margareth não pensou duas vezes antes de aceitar o convite.

"Foi uma coisa muito louca", diz Margareth em San Diego, "dessas que você não espera que aconteçam". Mas ela já conhecia Byrne, o afro-latino-filo, "uma grande estrela mundial que todo mundo conhece e eu já sabia que ele tinha ido à Bahia também, onde fez o 'Ilê-Ayé' (documentário sobre candomblé na Bahia)".

Margareth foi recebida de braços abertos pela crítica japonesa e norte-americana: todos pedem agora um show só dela, o que não demorará: depois da turnê de *Rei Momo*, Margareth esticará pelos Estados Unidos mais alguns meses, promovendo seu próprio disco.

JER



A DANÇA DOS MILHÕES



*Neil Tennant e
Chris Lowe, mais
conhecidos como
PET SHOP BOYS,
tentam explicar
como chegaram lá*

Quando os Pet Shop Boys anunciaram, em junho do ano passado, o início de sua primeira turnê, o universo pop reagiu com entusiasmo — e uma boa dose de ceticismo.

Em cinco anos de carreira, Neil Tennant (vocalista e autor das letras) e Chris Lowe (responsável pela maior parte dos teclados e programações eletrônicas divididos entre a dupla) só haviam tocado ao vivo duas vezes, em Londres: dois sets curtos, um na casa noturna Fridge, em 84, e outro durante um ato de protesto contra o "Artigo 28" (que legalizou a discriminação contra o homossexualismo na Inglaterra), no Picadilly Theatre, em 88.

A relutância da dupla em apresentar-se ao vivo gerava muitas dúvidas. Será que o tecnopop dos rapazes poderia enfrentar estádios lotados, acostumados a abrigar grandiosos shows de rock? Como vencer a distância imposta pela aparelhagem eletrônica e estabelecer contato com um grande público? Estaria a dupla condenada à frieza do estúdio, e sua música encarcerada nos sulcos do vinil?

Dançarinos, imagens projetadas em telões gigantes, trocas de roupas constantes e cenários luxuosos: na sua estréia, em Hong Kong, no dia 28 de junho, os Pet Shop Boys mostravam suas armas diante de um público de sete mil pessoas. Depois, seria a vez de Japão e Inglaterra se curvarem diante de tamanha superprodução teatral. "Se você não tem um ingresso, mate alguém que tenha, pois vale a pena", aconselhava o semanário inglês *Melody Maker*.

O ano passado foi particularmente agitado para Tennant e Lowe. Em março, repartiam o tempo entre a preparação da turnê e as gravações do novo disco de Liza Minnelli, *Results*. Além de assumirem a



**Dançarinos e
telões, num
espetáculo
superproduzido:
os Pet Shop
Boys sobem,
enfim, ao palco.
Fora dele, a
vida continua em
grande estilo:
Neil e Liza
compartilham
uma limusine**



produção do LP, os Pet Shop Boys forneceram boa parte do repertório, promovendo a entrada de Liza no cenário pop.

Um convite inesperado levaria a dupla aos estúdios de Johnny Marr, onde realizariam algumas gravações para o primeiro LP solo de Barney Sumner, vocalista e guitarrista do New Order. A parceria Tennant/Lowe/Sumner/Marr geraria duas faixas — apenas uma delas deverá ser incluída no álbum de Barney, ainda sem previsão de lançamento.

Desde que se encontraram numa loja de discos em 81, Chris Lowe (na época, trabalhando como arquiteto) e Neil Tennant (jornalista da *Smash Hits*) tiveram que amargar apenas um fracasso: seu primeiro compacto, "West End Girls", fruto de uma associação passageira com o produtor americano de disco music Bobby O.

"Opportunities" marcou a estréia da dupla numa grande gravadora, a EMI. Mas o estouro só aconteceu mesmo com o relançamento de "West End Girls", desta vez escalando a parada americana até o primeiro posto.

O primeiro LP, *Please* (86), repetiu o feito, transformando os Pet Shop Boys nos mais sérios concorrentes à supremacia do New Order nas pistas de dança. *Actually*, o segundo LP, lançado em 87, traria uma novidade: um dueto com a cantora Dusty Springfield, uma estrela da música pop dos anos 60, na faixa "What Have I Done to Deserve This?" (Recentemente, os Pet Shop Boys voltaram a se associar à cantora, produzindo seu último LP.)

O golpe de misericórdia, porém, foi dado com *Introspective*, seu LP de maior sucesso — e o responsável pela explosão da dupla no Brasil, no final de 88. O disco trazia apenas seis faixas — com oito minutos de duração, em média —, que atestavam a habilidade dos rapazes no estúdio.

"Domino Dancing", "Always on My Mind", "Left to My Own Devices", "It's Alright": quatro faixas de *Introspective* tomaram conta da programação das rádios brasileiras em 89. Este sucesso é responsável pelo lançamento de um LP até então inédito aqui. *Disco*, lançado em dezembro, é uma coletânea com remixes dos primeiros hits da banda, que saiu na Inglaterra em 86, logo depois do primeiro LP, *Please*. Os três anos de atraso são compensados pela presença de alguns mestres da remixagem, como Arthur Baker, Shep Pettibone, Latin Rascals e J.J. Jeczalik (Art of Noise).

Até que enfim vocês resolveram se apresentar ao vivo...

Chris Nunca quisemos sair numa turnê com um típico show de rock, com luzes de rock, músicos de rock... Tínhamos outras idéias, que eram muito caras. Foi um produtor japonês que nos ofereceu dinheiro suficiente para fazer o show que sempre havíamos sonhado e tornou essas idéias possíveis. Inicialmente, a turnê passaria apenas por Hong Kong e pelo Japão, mas aí o Harvey Goldsmith (*Jamaso produtor de shows inglês*) nos ofereceu algumas datas em Londres e achamos que tínhamos de aceitar. Senão, ficaria parecendo que estávamos fazendo tudo meio às escondidas, tocando no Oriente e não na Inglaterra. Essa demora não ocorreu por-

que tivéssemos medo de subir no palco.

Gostaram da experiência?

Chris Sim. Foi surpreendente, para falar a verdade. É um ótimo estilo de vida. Você se sente saudável quando está em turnê, sempre em atividade. Subir no palco te mantém em forma. É muito agradável... pelo menos do jeito que fizemos. Uma das condições era de que não fariamos nenhum tipo de promoção, nenhuma entrevista, apenas tocaríamos. Tínhamos os dias livres. Em Hong Kong, então, os shows eram às seis e meia da tarde. Dava até para sair depois.

O show era realmente um espetáculo.

Neil Obrigado. Como Chris disse, sempre quisemos fazer um show diferente. Fomos ver um filme do Derek Jarman, chamado *Requiem*, e no meio já estávamos pensando: "Por que não pedir para o Derek dirigir nosso show?" Sabíamos que ele havia feito teatro e, no ano anterior, uma ópera em Florença. Também sempre tivemos esta idéia de projetar filmes atrás de nós, no palco. Ele era a pessoa certa: podia dirigir o show e fazer os filmes. Poucas pessoas fazem isso por um preço que não seja impossível. Este foi outro fator. Nós o convidamos e ele aceitou. Aliás, hoje ele acha que estes filmes do show são os melhores que ele já fez. São realmente esplêndidos, especialmente "King's Cross" e "Domino Dancing". Talvez sejam lançados separadamente. Bem, então esse era o conceito original do show — discutimos as idéias com Derek e deixamos tudo em suas mãos. Queríamos ter certeza de que as luzes não teriam nada a ver com a tradição dos shows de rock. Foi duro convencer o *light designer* disso. Foi nossa primeira turnê e, do nosso ponto de vista, poderia ter sido um desastre. Tivemos sorte, conseguimos juntar um ótimo time, como os *backing vocalists* e Courtney Pine (*saxofonista de jazz inglês*). Já havíamos trabalhado com ele quando gravamos "Nothing Has Been Proved" com a Dusty Springfield (*para a trilha sonora de Scandal*) e no disco da Liza Minelli. Queríamos ter um elemento ao vivo, não apenas seqüenciadores e teclados. Para nossa surpresa, ele aceitou! (*risos*) Também foi bom porque ele podia tocar longos solos enquanto nos trocávamos (*risos*). Queríamos várias trocas de roupas, várias entradas e saídas do palco, eram idéias de anos atrás. Queríamos que houvesse várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. De qualquer jeito, foi a primeira vez e já estamos planejando outra turnê. Aprendemos muito com a experiência.

Vocês também trabalharam com Liza Minelli, compondo e produzindo...

Neil Nosso empresário também cuida dos Bros., que são da mesma gravadora que ela. Um dia, ele estava nos escritórios da companhia em Nova York e alguém disse que haviam acabado de assinar um contrato com a Liza. Nosso empresário, então, sugeriu que trabalhássemos no projeto.

Ela conhecia o trabalho de vocês?

Chris Acho que não... Apenas alguns compactos. Nos demos muito bem, instantaneamente. Fomos para Nova York, fizemos algumas demos e começamos a gravar. Cinco das composições são nossas. Foi ótimo

porque ela estava fazendo uma turnê com Frank Sinatra e Sammy Davis Jr., e nós fomos ao show... ela trabalha bastante, a Liza, as pessoas não sabem como ela dá duro...

Vocês conheceram o Frank Sinatra?

Neil O Jimmy Somerville ficou morrendo de inveja por causa disso (*risos*).

Chris Depois do show no Albert Hall, havia um jantar no Savoy. O Frank estava em sua mesa, com seus convidados — entre eles, o Roger Moore e o Michael Caine. Nós ficamos na mesa de Liza, com o Bob Hoskins. Foi muito *show business* (*risos*). Nos sentimos um pouco desconfortáveis, todo mundo estava de smoking, menos nós (*risos*). Não sei como nos deixaram entrar! Mas foi ótimo. O Frank foi muito simpático... Uma grande experiência. Queríamos trabalhar com a Liza porque ela nunca havia feito um disco pop, e ela é uma lenda. Me lembro de quando eu era adolescente e ouvia Liza Minelli junto com T. Rex, David Bowie, Roxy Music... ela fazia parte do pop, de uma certa maneira. Mas nunca havia feito um disco pop de verdade — por isso não estaríamos competindo com seus discos anteriores. Foi um grande salto para nós, e para ela também. Um grande risco para todos.

Disco acaba de ser lançado no Brasil...

Chris Não sei por que não foi lançado antes (*O disco é de 86*). Mas fico feliz. Eu realmente gosto dele, é um dos meus prediletos.

Neil Da nossa discografia, *Disco* é aquele que — aqui na Grã-Bretanha — sempre volta às paradas quando lançamos um disco novo. Quando o fizemos, era a idéia de lançar um disco de dance music que nos agradava. Há trechos bem eletrônicos, mas — assim como em *Introspective* — tem uma grande variedade de estilos. A versão "nova-iorquina" de "Opportunities" ainda soa bem até hoje. "West End Girls" foi remixada como um rap, ficou ótima.

Vocês sempre se deram bem no Brasil, não?

Neil Não sei... Estávamos indo razoavelmente bem e, de repente, *Introspective* é o disco mais vendido da EMI no Brasil. Antes dele, era *Abbey Road*, dos Beatles! Me disseram que está chegando a um milhão de cópias. Nunca estivemos no Brasil, então fica difícil explicar. Achamos que talvez tenha a ver com "Domino Dancing" ter um toque latino. Mas eu sempre acredito que as pessoas não querem o que já têm e sim algo diferente.

Chris Eu também! Mas não sei... De que outras bandas os brasileiros gostam?

De Joy Division a Kylie Minogue... (*risos*)

Neil Verdade? O New Order também faz sucesso lá, não? O Bernard me contou que foi um verdadeiro pandemônio quando tocaram no Brasil. Talvez estiquemos até lá quando fizermos a turnê americana.

Há outras parcerias no ar, não?

Neil Acabamos de trabalhar com a Dusty Springfield, produzimos metade de seu novo LP. Há também o disco que o Bernard (*Sumner*) está gravando com o Johnny Marr. O Chris e eu fizemos uma

**"Não sofremos
de nenhum tipo
de esnobismo
musical. Quer
dizer, adoramos
Kylie Minogue!"
(Neil Tennant)**

"Somos
gênios!"
(Chris Lowe)



música com eles, que estará no álbum...

É uma combinação inesperada...

Neil É. Há uma outra faixa que vai ser lançada apenas em compacto. Esta, o Bernard e o Johnny escreveram, eu apenas fiz a letra e canto um pouco.

Como é trabalhar com eles?

Chris Ficar deitado no sofá, morrendo de tédio, para dizer a verdade (risos). Eles são tão devagar!

Neil Nós trabalhamos muito mais rápido do que eles! O Bernard é lento demais. Mas quando escrevemos a primeira música com eles até que foi rápido, não?

Chris Foi... Porque não tinha nada a ver com o Bernard! O Johnny Marr é incrivelmente musical. Quando ouve uma canção, é capaz de citar mil referências para cada detalhe. Se ouve uma guitarra, então, diz onde aquilo foi usado antes e por quem. O Bernard é capaz de aparecer com linhas incríveis. Eles trabalham bem juntos.

Neil Não é uma combinação tão inesperada assim. Ela funciona porque gostamos dos mesmos discos, dos mesmos tipos de música. É interessante trabalhar com gente diferente, é algo que as pessoas raramente fazem. E o resultado ficou ótimo.

Vocês se encontram numa posição rara. Saem tanto em revistas para garotas adolescentes, como a *Smash Hits*, como em publicações mais adultas, como *Melody Maker*. Como conseguem?

Neil Eu nunca soube responder a essa pergunta. Mas não há muitos grupos que amam o pop como nós amamos. É estranho: a maioria das pessoas no *music business* despreza a música pop. Nós a amamos para valer, assim acabamos fazendo discos pop e sendo admirados por esse público. Ao mesmo tempo, preservamos um tipo de integridade e atingimos também o público mais adulto.

A boa música pop idealmente atinge ambos...

Neil É verdade. Quer dizer, não sofremos de nenhum tipo de esnobismo musical. Mas este lado *Melody Maker/New Musical Express* tem crescido nos últimos dois anos. Sabe, não pensamos muito nesses termos. É bom ser popular, mas não afeta o que fazemos. Fazemos o que gostamos e temos sorte de atingir um público tão amplo. Mas... Quer dizer, gostamos dos discos da Kylie Minogue! Não há muita gente no meio que goste deles. Nós dois temos o LP dela em casa.

Chris O LP não é tão bom, mas os compactos sim. Adoro eles. Também gosto do LP da Donna Summer — o que há de bom no Stock, Aitken & Waterman é que fazem boas músicas. É incrível que consigam escrever a mesma coisa tantas vezes! É sempre "Não me deixe..." ou então "Vamos ficar juntos para sempre"... (risos).

Neil Isso, para mim, é um sintoma do mais puro talento. É muito mais fácil compor com uma progressão de acordes complicada do que colocar uma melodia diferente sobre os mesmos acordes de sempre. É muito, muito difícil. Nós não fazemos tanto isso, fazemos? Mas você é bom nisso, Chris.

Chris Mas nunca percebo que são os mesmos acor-

des até a música estar pronta (risos).

Neil Quando sento ao piano para compor sem o Chris, tento pensar numa progressão de acordes terrivelmente complexa, mas o que eu mais gostaria era tocar um dó maior e sair com uma melodia interessante. Porém, isso não funciona assim comigo.

Chris No momento, estou interessado na idéia de ter uma linha de baixo, acordes e melodia que não sejam muito ligados entre si.

Em nossa última entrevista, um ano atrás, conversamos muito sobre dance music. Vocês disseram que a acid house influenciaria muito a música do futuro. Isso, de certa forma, já está acontecendo.

Chris Somos gênios! (risos) É, alguns discos brilhantes foram lançados e a dance music entrou como nunca nas paradas, não ficou isolada no underground. O problema é que é tão contagiante que fica difícil perder o hábito de compor assim! Outro dia, saímos com o pessoal da Sade e o saxofonista estava dizendo que havia comprado um teclado e um computador rítmico, e tudo que ele faz agora é house music! (risos) Está invadindo tudo! O que eu gosto — mais do que a música — é a atitude, a moda. Acid house é um estilo de vida. Desde o punk que uma forma musical não tomava conta das pessoas de tal maneira. E nenhuma outra irritou tanto as autoridades.

(Conto aos dois minha conversa com Malcolm McLaren, publicada em BIZZ 52)

Neil Eu o entrevistei uma vez, quando trabalhava para a *Smash Hits* — foi em 83, acho —, e ele me disse que, no futuro, as pessoas iam fazer hits usando pedaços de músicas dos outros. Ninguém estava fazendo isso na época!

Vocês concordam que a música hoje tem funções mais específicas?

Neil No Japão, estão fazendo CDs para acompanhar o jantar. Há um disco especial para a salada, outro para a carne, outro para o frango, outro para a sobremesa... É muito interessante. Quanto à dance music, acho que as pessoas também compram os discos para ouvi-los em casa.

Chris Eu os ouço e danço em casa, mais do que nas casas noturnas. Ouço dance music o tempo todo, no carro, no rádio...

Como vocês vêem os anos 80?

Neil Eu não penso em termos de décadas — ou mesmo séculos — então, para mim, o fato de estarmos estrando em 1990 não tem quase nenhuma importância. Eu diria que os anos 60 foram uma década muito curta, que começou em 62 e terminou em 68, quando começaram os anos 70. Estes duraram demais, não acabaram antes de 82! Sabe que as pessoas não pensavam em termos de décadas até recentemente?

Chris Acho que é por causa da música.

Neil É, a música define melhor uma era. Fala-se em música dos anos 40, 50, 60... Quanto aos 80, acho que as pessoas foram obsessivamente materialistas, até com uma certa consciência de culpa. Para ser honesto, acho que foi uma época essencialmente frívola, espelhada pela popularidade do seriado *Dallas*.

ANAMARIA G. DE LEMOS

27

O GUIA DA NATUREZA



CANELA - RS
Serra E-17, Alt. 837 m, Pop. 16.050-19.206
21.511, CEP 95490, DDD 054 • Porto Alegre
141, Gramado & Canela do Sul 79
Acesso pela 1. Início de Moinhos (avista o grupo maior) 220, 6, 12, 150, 178, 220, 240, 260, 280, 300, 320, 340, 360, 380, 400, 420, 440, 460, 480, 500, 520, 540, 560, 580, 600, 620, 640, 660, 680, 700, 720, 740, 760, 780, 800, 820, 840, 860, 880, 900, 920, 940, 960, 980, 1000. 10 de X, Y, T, serve prato-camping e da da marinha, 2 (de 16 Ch), de car po, boche, bolache (cobertores), ping-pom.

697 ÁREAS DE CAMPING

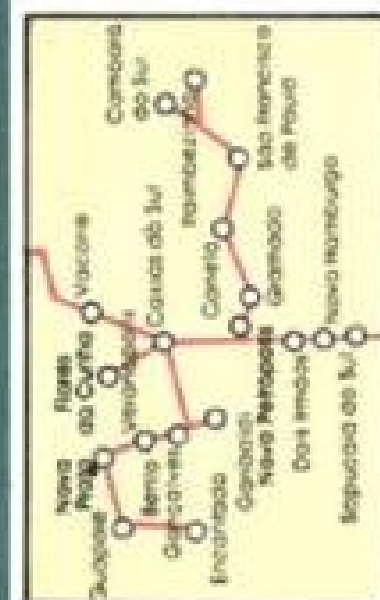
São áreas classificadas pelo Guia Quatro Rodas Camping, com a descrição dos locais, mapas de acesso, preços e serviços existentes.

O Guia traz todas as informações das cidades onde estão localizados os campings: hospitais, concessionários de veículos, transportes, CEP, DDD, população, bancos e rodovias.



1.642 ATRAÇÕES TURÍSTICAS

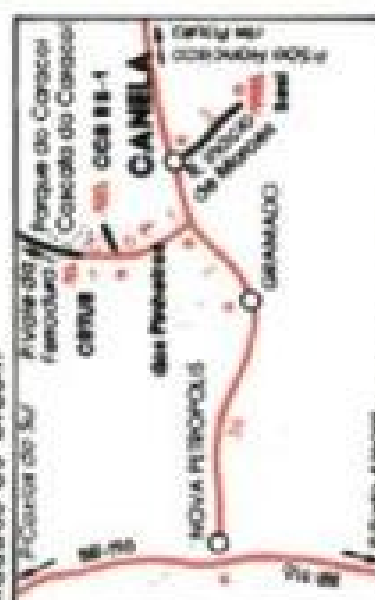
Tudo o que há de melhor e mais interessante, próximo às áreas dos campings.



Para facilitar a sua viagem, o Guia tem 11 roteiros que abrangem 16 estados brasileiros.

QUADRO DE DISTÂNCIAS

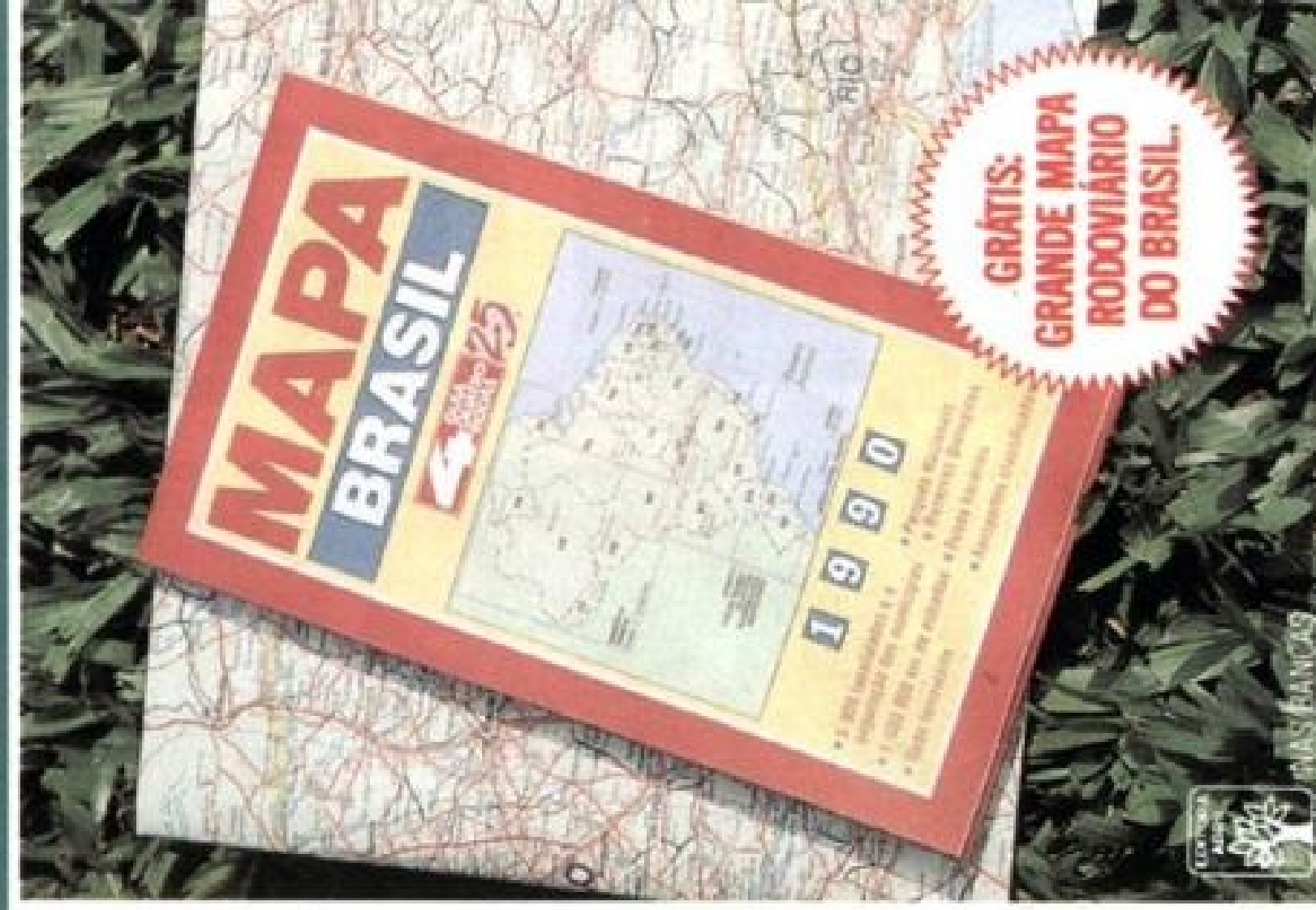
O Guia escolheu para você os caminhos mais curtos e asfaltados, e mostra as distâncias entre as principais cidades do Brasil.



Com eles você vai encontrar facilmente o local do camping que deseja, assim que chegar à cidade.

E AINDA...

Dicas para acampar. Primeiros socorros. Calendário de Eventos. Índice de campings selvagens. A escolha do camping do ano. E tudo o que é necessário para você acampar melhor.



SOBRE O CADÁVER DE CARMEN MIRANDA



SODOM SEPULTURA LONDON MARQUEE

HOW MANY Stourbridge samba outfits have you experienced? Well, Sepultura are Brazilian thrash exponents, and they're in fine fettle tonight. Light on their feet, nitro-fretboard (Aaaargh! ED), the fretboard, neanderthal shout, "AROOOOOGH UGH!" over songs which go swear over crump crump whump with impossibly intimate interplay from the edge of the area and skilful Brazilians are ahead, glad to be here with 4—increased English crowd!!!—the kind of goal time with the kind of goal and audience appreciation Robson would kill his fan-

BOYS FROM BRAZIL WHY A THRASH METAL BAND FROM BRAZIL ARE CURRENTLY THE HEAVIEST AND MOST TOUTED GROUP SINCE METALLICA, YET ARE CENSORED AND OPENLY CONDEMNED IN THEIR OWN COUNTRY. PICS: PAT BLASHILL

IN NEW YORK'S RITZ THEATRE — FORMERLY Studio 54, favoured social cat walk of Manhattan's glitterati — a horde of hungry thrash heads are waiting up for a Halloween night's entertainment. It's an odd sight, the former clientele would have shot themselves.

As they await the debut US performance of Brazilian metal kids Sepultura, the buying mob is kept amused by a feast of cinematic gore playing on the wall. A 10-foot tall screen over the stage. Every few minutes a cheer erupts, and the volume decodes by itself. A 10-foot tall screen over the stage. Every few minutes a cheer erupts, and the volume decodes by itself. A 10-foot tall screen over the stage. Every few minutes a cheer erupts, and the volume decodes by itself.

THIS year Sepultura released an LP entitled "Beneath the Rapture", the band's third and the very first major worldwide release by a Brazilian rock band.

SEPULTURA/SACRED REICH THE RITZ, NYC

SEPULTURA are four young men from Brazil, San Paulo to be precise, who are rereading their country's swiftly-spreading (believe it) hardcore metal movement. If they are generic, it's in the same way as the band's name. Os is generic; there are many variations on a theme, and we're talking pure anarchy here.

And take the stage with all the attendant support band problems — altering English, and then they mug the senses with a song called "Pigantic construction, propelled by dread and fear, built around a driving riff that whirled the stage-front headcase contingent into a war dance.

national echoes of Celtic Frost and Slayder in there, but Sepultura killed alchemists, bringing their base ingredients to boiling metal that is truly valuable and rare. As one the band and "Hypnosis", the astonishing skin-shredding speed

Saudado pela imprensa mundial como o melhor heavy desde o Metallica, o **SEPULTURA** conquista a capital da música pop

Se você ainda quiser a entrevista, esteja no Marquee domingo às três horas", me avisou a secretária da Roadrunner Records, selo que lançou o Sepultura na Europa e nos Estados Unidos. Era a última oportunidade de falar com os garotos: a turnê europeia se encerraria no show daquela noite (Ao Vivo BIZZ 54) e depois eles partiriam para a invasão do território americano.

Chego cedo, a tempo de observar a fila que já dobra a esquina. Há uma abundância de cabelos longos, jaquetas de couro e, quem diria, camisetas do Sepultura. Algumas pessoas se aglomeram em frente às portas de vidro. Max, Igor, Andreas e Paulo aparecem na ante-sala do clube. Ouço gritos: "Max, we love you!". Paulo se aproxima do vidro, mandando beijos para os fãs.

"Enfim, vou poder fazer uma entrevista em português!" Max e eu nos sentamos nas escadas junto ao palco. Andreas também fica por perto. Max começa contando que, nesta noite, só a lista de convidados tem 110 pessoas, entre elas os músicos dos Sisters of Mercy e do Napalm Death. "Devem estar curiosos para ver uma banda que vem do Brasil."

Faz um mês que estamos viajando. Tocamos na Alemanha, Escandinávia, Áustria, Holanda, Bélgica e França. Tem sido legal", diz Max, fazendo um balanço rápido da turnê. "Nós estamos abrindo o show do Sodom só que, quando saímos da Alemanha, estávamos nos tornando mais conhecidos do que eles. Daí o clima ficou meio estranho. Queríamos fazer um show mais longo, ter todas as condições que eles têm, mas não deixaram. Até em relação ao volume, não queriam que a gente tocasse tão ou mais alto que eles. Ao mesmo tempo, em todos os lugares, o pessoal vinha nos dizer que tínhamos sido os melhores." Andreas corrige: "A não ser na Alemanha. Eles são alemães e bem populares por lá". Max retoma a palavra depois da interrupção: "E eu fiquei doente na Holanda. Perdi dois shows, o Andreas teve que cantar (risos). Peguei uma infecção por causa de alguma coisa que comi ou bebi, a comida alemã é muito apimentada.

Se eu não melhorasse, acabariamos tendo de voltar para casa".

Andreas e Max contam que foram a um clube heavy metal aqui em Londres mas se sentiram deslocados porque estava dominado por glam rockers, de batom e tudo. Vocês conseguiram ver algum show interessante? "Vimos Justin Sullivan, o vocalista do New Model Army, naquele projeto acústico, só com mais uma mulher e um cara, num dia de folga na Alemanha, no mesmo lugar onde tínhamos tocado. Foi do caralho. Eu queria ver os Bad Brains mas a gente chegava nas cidades e só via os cartazes... ou eles já tinham tocado ou iam tocar depois que tivéssemos ido embora. Aconteceu a mesma coisa com o Nuclear Assault. Nós somos amigos, tocamos com eles quando estiveram no Brasil."

Vocês acharam muito diferente tocar na Europa? "Totalmente. O público em alguns países é muito mais fanático. Na França, o pessoal é completamente chapado. Tocamos num clube pequeno, sem grades. Os caras estavam se matando, vários saíram ensanguentados. Na Bélgica também foi demais. Agora, nós odiamos a Holanda. A gente entrou tocando e, na hora que a fumaça baixou, estava todo mundo parado, superfrio. Foi o maior baque. Depois, ouvimos falar que eles gostaram. Parece que é o jeito deles, só assistir e pronto. Mas estamos acostumados com a maior zona, inclusive no Brasil."

Continua aquele rockinho, ninguém faz nada muito novo." O tom desanimado da apreciação de Max sobre o rock brasileiro me lembra a ironia de ter sido justamente o Sepultura a banda nacional mais bem-sucedida na conquista do mercado internacional. "Nós entramos num outro circuito", explica Max, "estamos fazendo o mesmo caminho que uma banda americana ou europeia faria. Para eles, é normal tocar no Marquee ou no Hammersmith Odeon, com os quais os grupos brasileiros sonham. Mas, até no Brasil, as coisas estão melhorando para nós. Alguns espaços foram abertos, como o Projeto SP, onde tocamos para duas mil pessoas, e o Dama Xoc. O preconceito ainda é muito grande. O Sepultura é a única banda respeitada, por certos fatores, como termos aparecido na parada da Melody Maker na frente do New Order. O resto é discriminado."

Nos últimos anos, a situação parece estar se modificando. O heavy metal — um termo obsoleto, na minha opinião — vem obtendo uma aceitação muito maior. Andreas concorda: "É verdade. Um cara estava comentando, outro dia, que agora há uma seção só para heavy nas lojas de discos". Max faz questão de esclarecer: "Nosso som não é heavy metal. Há influências, mas somos mais produto da fusão do punk e do heavy". Uma das explicações dessa mudança talvez seja a crescente incorporação de outros elementos, presentes em bandas como os Bad Brains... An-

Na pág. ao lado, alguns fragmentos da imprensa inglesa sobre a banda, com epítetos como "alquimistas habilidosos" e "neandertais sofisticados"

"Aí eu disse
que só tomaria
banho depois
que a turnê
acabasse"
(Paulo)

dreas acrescenta Living Colour e Metallica. Max cita Faith No More. "É legal, porque nos lugares onde tocamos na Alemanha, por exemplo, tinha moicano, cabeludo, uns skinheads nazistas mesmo. Todo mundo junto, gostando para caralho. No Brasil, sairia o maior pau."

Uma semana depois, conto para o vocalista do Faith No More, Mike Patton, que Max tinha se referido à banda. Ele me olha, incrédulo. "O quê? Eles já ouviram falar de nós?" Sai pulando de alegria, prometendo escrever para os mineiros, dizendo quanto os admira.

Em março, o Sepultura já estará gravando seu quarto LP. Scott Burns, que trabalhou em *Beneath the Remains*, será novamente o produtor. O estúdio ainda não foi escolhido. Eles preferem ir para Berlim em vez da Flórida, onde mixaram o último disco. "Só que a gravadora terá de pagar a passagem de Scott, já que ele é americano. A gente quer trazê-lo porque nos demos muito bem, ele se encaixou direitinho. Também queríamos fazer as fotos na Suíça. As que fizemos lá agora, no meio da neve, ficaram demais. Nos Estados Unidos não ia dar para fazer isso, não na Flórida (risos)."

Enquanto o próximo disco ainda está na fase de projetos, Max avalia o desempenho do anterior: "Está indo superbem, nos Estados Unidos vendeu vinte mil cópias. Tivemos sete shows *sold out* na Alemanha, duas semanas antes não tinha mais ingresso. Estamos achando que a gravadora está bem mais consciente do nosso potencial. O Anihilator, que é a banda na qual eles mais investem, tocou nos mesmos lugares que a gente para a metade do público".

Eu estava lá fora quando os fãs começaram a gritar seu nome. Como é que as coisas chegaram a esse ponto? Max chega a se mostrar modesto com o sucesso: "Escreveram 'Max is God' (*Max é Deus*) na porta. Eu mudei para 'Max is dog' (*Max é cachorro*). Na Inglaterra, sempre tivemos boa penetração. Em 85, sem nenhum disco lançado aqui, a *Kerrang* nos deu uma matéria de três páginas. Fomos capa da *Metal Forces*. Os ingleses devem gostar dos brasileiros..."

A pesar do êxito de público e crítica, o Sepultura ainda enfrenta condições adversas. Em Londres, não conseguiram vaga em nenhum hotel. O ônibus que os transportou este mês inteiro está servindo de teto, estacionado num parque. Resignado, Max considera: "O começo é sempre ruim... Eu estava conversando com os roadies, que já trabalharam com o Ozzy Osbourne e outras bandas grandes. Até para um grupo como o Metallica, é difícil no começo. Eles tocaram nos mesmos lugares que a gente. Até que demos sorte nesta turnê".

Enquanto isso os membros do Sodom passeiam de lá para cá, totalmente ignorados: os jornalistas que enchem o Marquee estão esperando para falar com os brasileiros. O vocalista prossegue: "Nós preferimos clubes pequenos. Não nos demos bem em lugares maiores. Ainda mais com o Sodom: eles usam fogos e explosivos e em vários lugares foi necessário colocar grades em volta do palco. Detesto isso".

Pergunto se ele conhece *Spinal Tap*, filme que narra a turnê de uma banda heavy inglesa pelos Estados Unidos, cheia de cenas engraçadíssimas e explosões

onde o baterista invariavelmente morre. Max não viu o filme mas isso o estimula a contar mais algumas histórias: "Aquele cara (*apontando para um técnico que está no palco*) quase causou um acidente. A gente o chama de 'Piromaniaco' porque só faz coisas diabólicas. Estávamos passando o som quando ele mexeu num negócio, começou a vaziar gás e teve de pular do palco (risos). É perigoso, o cara usa pólvora violenta, labaredas gigantes. Eu nem fico perto (risos). Na Alemanha, o corpo de bombeiros veio verificar se os efeitos podiam ser usados ou não. Eu não gosto. O Kiss fez isso dez anos atrás".

Max abre o jogo em relação aos atritos com os alemães: "Eles são meio esquisitos... Você pode imaginar como está o ônibus: não tem muito jeito de tomar banho ou lavar roupa (risos). Não gostamos do *tour manager*. Não fomos com a cara dele nem ele com a nossa. Ele insiste em falar alemão, mesmo sabendo que a gente não entende. Começamos a jogar a roupa dele pela janela. Está uma guerrinha dentro do ônibus. Eles roubam a nossa cerveja, nós a deles. Nunca brigamos, mas estamos sempre em conflito. Mas dá até para se divertir".

Está na hora da passagem de som. Max sai conversando com os jornalistas. Os quatro posam para uma sessão de fotos para a revista *Raw*. Mais tarde, sentados na beira do palco, respondem com aparente calma à repórter da MTV. Enquanto isso, alguns fãs furam o bloqueio: mais autógrafos, fotos, agradecimentos e elogios, em dose suficiente para testar a paciência de um santo.

Os quatro encaram o assédio com serenidade. Paulo vem se sentar ao meu lado e confessa que faz sete dias que não toma banho. "É meio difícil arrumar lugar viajando no ônibus. Um dia, paramos perto de uma piscina pública. Os caras do Sodom saíram correndo. Nós também fomos mas um deles chegou para mim e disse que eu *tinha* de tomar banho. Ai eu falei que só tomaria banho depois que a turnê acabasse." Então vai entrar no chuveiro hoje? "Vou."

Saio para comer um hambúrguer e constato que a fila está dando a volta no quarteirão. Quando volto, o público está aos poucos lotando o clube. O que se seguiu foi, não por acaso, comparado por um jornalista ao primeiro show do Slayer neste mesmo Marquee.

Os camarins estão lotados depois da apresentação. Paulo não se intimida e toma seu banho, para a felicidade dos alemães. O Sepultura está satisfeito e eu, pasma com o show. Paulo me responde com muita tranquilidade quando digo que nunca vi esse lugar tão repleto: "Imagine! E quando o Kiss tocou aqui?"

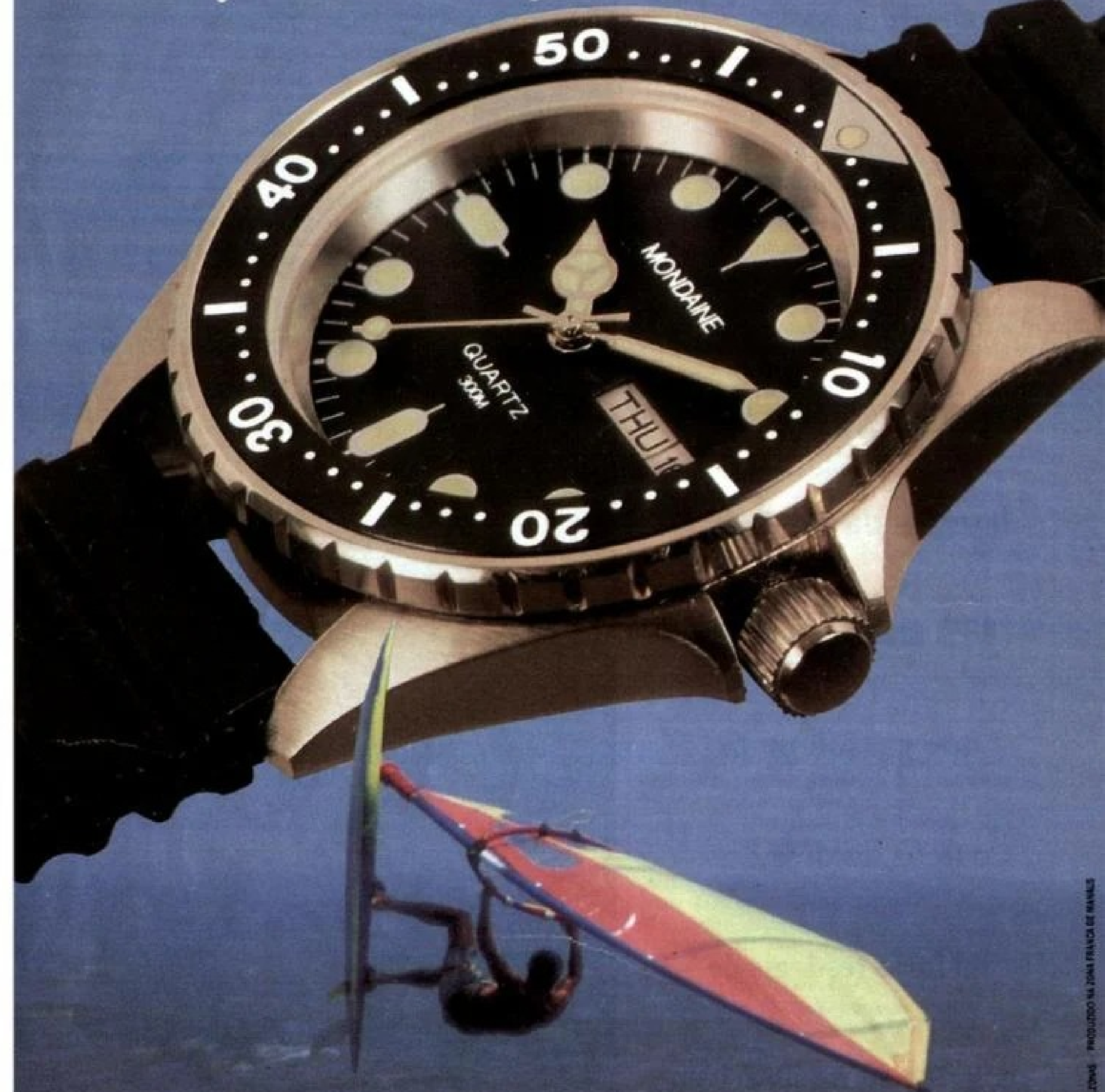
Onze horas da noite. A ante-sala do clube está quase vazia. Converso com Andreas num canto quando vejo Mike Pearson, do Sodom, se aproximando. "Lá vem a Gestapo", alerta. Mike pára na nossa frente e vocifera, quase enfiando o dedo na cara de Andreas: "Você tem dois minutos para decidir se quer ficar em Londres ou ajudar com o equipamento para podermos ir embora!" Me despeço enquanto eles carregam instrumentos e amplificadores.

Na porta, em tinta azul, alguém escreveu: "Sepultura are God".

ANAMARIA G. DE LEMOS



"With Mondaine
you are always in..."



MONDAINE
o relógio

VÔO

O BARÃO VERMELHO,

uma das primeiras

bandas da “geração

80”, traça uma rota

que passou pelos

palcos de dois dos

maiores festivais de

rock do país e sobreviveu

a turbulências variadas

LIVRE



Foto: Rui Mendes/Agf

O Barão tem sete discos gravados, além de uma coletânea. Nós tocamos no Rock in Rio no mesmo dia em que o AC/DC e foi legal para caralho, está gravado para quem quiser ouvir. Escreveram que, entre os grupos nacionais escalados para o Hollywood Rock II, só havia bandas médias e que só o Gilberto Gil havia participado do Rock in Rio. Além de estar errado, é provincianismo da imprensa.”

O desabafo de Guto Goffi tem suas razões. Provinciana ou não, a crítica poucas vezes atribuiu ao Barão um lugar de destaque entre as bandas de rock nacionais.

Mesmo assim, desde seu surgimento — em meados de 81 —, a banda obteve um prestígio junto a personalidades da MPB que outros roqueiros conseguiriam muito depois. Nev Matogrosso extraiu o hit “Pro Dia Nascer Feliz” do segundo LP do Barão, despertando possibilidades comerciais que a própria gravadora desconhecia. Caetano Veloso, que nunca poupou elogios ao grupo, gravou “Todo Amor que Houver Nessa Vida”, parceria de Frejat e Cazuzu. De seu repertório, Caetano emprestou ao Barão o rock “Eclipse Oculto”, numa espécie de homenagem bilateral.

A consolidação do sucesso de público está associada ao filme *Bete Balanço*. Convidado a compor a música-tema, o Barão encontrou uma feliz oportunidade para se firmar no cenário do rock.

Nessa época, a banda trabalhava nas composições do terceiro LP, *Maior Abandonado*, um de seus discos mais importantes: o ápice do amadurecimento em sua primeira fase, ainda com Cazuzu. Para Frejat, o disco peca apenas pela qualidade sonora. “O estúdio da Som Livre tem um som muito mentiroso. Você ouve uma coisa na mixagem e outra completamente diferente no vinil. Era um disco muito mais agressivo. Do jeito que ficou não representa exatamente o que a banda queria na época”, lamenta.

Independente disso, *Maior Abandonado* canalizou o sucesso de “Bete Balanço” lançando-os em escala nacional: foi o primeiro grupo de rock a excursionar pelos principais centros urbanos do país.

“Foi uma oportunidade de conhecermos o Brasil. Talvez por toda essa absorção de informações distintas, e por uma interpretação diferenciada, houve um abismo tão grande entre o que a banda queria fazer e o que o Cazuzu estava pretendendo”, avalia Frejat. “Havia duas forças de direcionamento artístico. Durante um tempo essa fricção fez coisas produtivas, depois elas tenderam a virar inimigas. Com a saída dele (Cazuzu, em 85), a gente tinha um puta certeza da maturidade da banda musicalmente. Aí começou um outro ciclo, cada um descobrindo qual é o seu papel dentro do Barão.”

Até então, a mídia explorava a imagem do grupo como a banda de Cazuzu. “Havia, além do trabalho dele como letrista, todo um trabalho musical da banda. As duas coisas interagiam. O nosso lado ninguém valorizava”, afirma Frejat. “A gente estava numa situação limite. Se avançássemos, seria uma besteira”, admite Guto Goffi, descrevendo o saldo imediato da saída de Cazuzu: “Fomos jogados às baratas, só porque saiu o vocalista e letrista. Não existe essa coisa ‘com Cazuzu/sem Cazuzu’, sempre foi Barão Vermelho. Lógico que muita coisa mudou, mas o trabalho todo vem

"Ser rotulado
é a coisa mais
nociva para
qualquer
artista"
(Guto Goffi)



evoluindo desde 81 até agora".

Em 89, a gravadora Som Livre (da qual Cazua e Barão estão desligados desde 85 e 86, respectivamente) lançou a coletânea *Os Melhores Momentos de Cazua e Barão Vermelho*, supervalorizando assim a presença do vocalista e subestimando o grupo, em um claro apelo consumista. Algumas das músicas incluídas nesta coletânea tiveram o crédito de interpretação alterado, colocando Cazua e Barão Vermelho.

Para preservar a qualidade poética do repertório anterior, o grupo recorreu a parcerias com letristas como Arnaldo Antunes e Antônio Cicero. *Declare Guerra* é o resultado desta experiência.

Neste disco aparecem ainda duas letras do baterista Guto Goffi ("Declare Guerra" e "Torre de Babel"). "A Denise Barroso também me deu algumas coisas do Júlio (Barroso, líder do grupo Gang 90, morto em junho de 84), uma pessoa de quem eu gostava demais", lembra Frejat.

"Quando fizemos o *Declare Guerra*, que é um disco superverdadeiro, super-representativo daquela fase, sacamos que, enquanto as letras não tivessem a mesma personalidade que o Barão já tinha musicalmente, o público sentiria falta de um pedaço da cristalização da banda. O *Rock'n Geral* foi esse passo. É um disco que já tem muito mais letras dos próprios músicos do Barão", garante Frejat.

O grupo precisava de um tempo para amadurecer junto com suas próprias letras. Lançado em 87, *Rock'n Geral* foi o primeiro LP da banda pela WEA. O resultado acabou apontando para as mais diversas direções. "Por isso a gente botou o nome de *Rock'n Geral*, ele traz praticamente todas as vertentes do rock'n'roll", diz o guitarrista.

"A gente tem essa coisa de aprender muito com os discos anteriores, de pesar muito cada aspecto dos discos. A gente sabe quais são os defeitos deles, mas isso não tira suas virtudes."

Assim como *Maior Abandonado* representa o ápice do primeiro ciclo, *Carnaval* o faz no segundo. "A gente ficou bastante junto para compor, arranjar, conceituar o disco, todas essas coisas. De todos, é o disco mais satisfatório em termos de resultado. Pode não ter vendido tudo aquilo que nós esperávamos, mas recolocou o Barão no cenário do rock, com o respeito que ele merece", assegura Frejat.

Para Dé, nos dois discos anteriores a *Carnaval* "faltou uma divulgação melhor, por parte da gravadora". Com o sucesso de "Pense Dance", o grupo voltou a se apresentar para grandes platéias, algo que realmente estimula quem vive de rock'n'roll.

Após fechar este segundo ciclo, o Barão partiu para uma retrospectiva de toda sua trajetória. *Ao Vivo* é o resultado deste balanço. Segundo Dé, "uma polaroid bem tirada". Para Frejat, "foi o momento em que a gente estava tocando melhor, a banda estava superentrosada como quinteto (com o guitarrista Fernando e o percussionista Peninha). Tocar as músicas inéditas também foi uma forma de mostrar que a evolução não para nunca".

O disco representa uma afirmação do estilo musical do Barão, retomando parte do repertório da primeira fase — cujas gravações não contavam com a voz de Frejat — e retratando o espírito dos shows que suce-

deram *Carnaval*, incluindo "Satisfaction", dos Rolling Stones. "Nós jamais gravariamos 'Satisfaction' em outro disco", declara Guto Goffi.

A mixagem, que contou com o trabalho dos músicos, gerou muita controvérsia. "Num disco ao vivo, você pode procurar várias coisas. A versão melhor executada, a que tem maior calor de público, a que está mais espontânea. Você tem várias opções", esclarece Frejat.

O que há algum tempo parecia limitar as possibilidades criativas e comerciais do grupo, hoje parece ser seu grande trunfo. Após oito anos de estrada, os músicos do Barão acreditam que não há mais uma posição fechada do público e da mídia diante do rock'n'roll da banda. "Em qualquer gênero de música, são as pequenas sutilezas que fazem a diferença. Talvez o grande público não as entenda, limitando-se ao que está realmente explícito. Cada vez mais nós procuramos não fazer um clichê do rock'n'roll. Queremos que entendam que não estamos aprisionados e sim apaixonados pelo rock'n'roll", atesta Frejat.

"As pessoas vão te encurralando para você ser isso ou aquilo. É a coisa mais estagnante e mais nociva para qualquer artista", diz Guto Goffi. "Se a gente fizer qualquer coisa que não seja rock'n'roll, se ferra, porque o Barão só pode ser uma banda de rock'n'roll", emenda Frejat. Para Guto Goffi, "a mídia lorja isso".

O Barão goza de um certo trânsito entre outras bandas: "Eu já fiz coisas com os Titãs; o Dé, com o pessoal dos Engenheiros do Hawaii; o Guto, com o George Israel (do Kid Abelha). Tem um diálogo, tem uma troca".

"Principalmente depois do *Cabeça Dinossauro*, os Titãs vieram com uma postura muito radical. O Barão tem um pouco desse radicalismo, de tocar pesado o tempo todo. É com esse lado que a gente mais se identifica", coloca Dé.

Uma nova forma de intercâmbio com outros grupos veio através da participação de Frejat como produtor do último LP dos Inocentes, e de Dé, que produziu *Rock'A'ula*, dos Cascavelletes. "Eu fiquei superentusiasmado com o trabalho. Eles têm umas coisas bem sacanas, uma coisa de que eu sempre gostei. Eu acho superimportante essa relação de troca. De repente tem o Midnight Blues, uma banda de blues que a gente geralmente toca e faz jams com outros músicos", argumenta o baixista do Barão.

"No Midnight Blues pinta o Luis Melodia para cantar, Renato Russo, Kiko Zambianchi, Herbert Vianna, todo mundo já participou", informa Guto Goffi. O fato de o Barão Vermelho ser uma banda de rock não limita a atuação de nenhum de seus músicos. Segundo Frejat, "no Brasil é muito difícil chegar a uma posição que te deixe com jogo de cintura para transitar por aquilo que você estiver a fim de fazer, sem ficar preso a um rótulo".

Para ele, a mídia é um obstáculo nesse sentido: "O errado é pensar que se você é roqueiro não pode gravar uma faixa num disco da Gal. Ao contrário, você como roqueiro pode estimular uma coisa na Gal que ela já tem desde *Fatal*, e tirar um pedaço dela que a maior parte do público roqueiro de hoje não conhece. O excesso de rotulação por parte da mídia atrapalha".

CELSON MASSON



OS ANOS 90 TRAZEM OS LPs SOLO DOS GRUPOS CONSAGRADOS EM 80

EM LP & K7 wea



IAN McCULLOCH
CANDLELAND

Ian McCulloch

Ex-líder & vocalista do Echo & Bunnymen



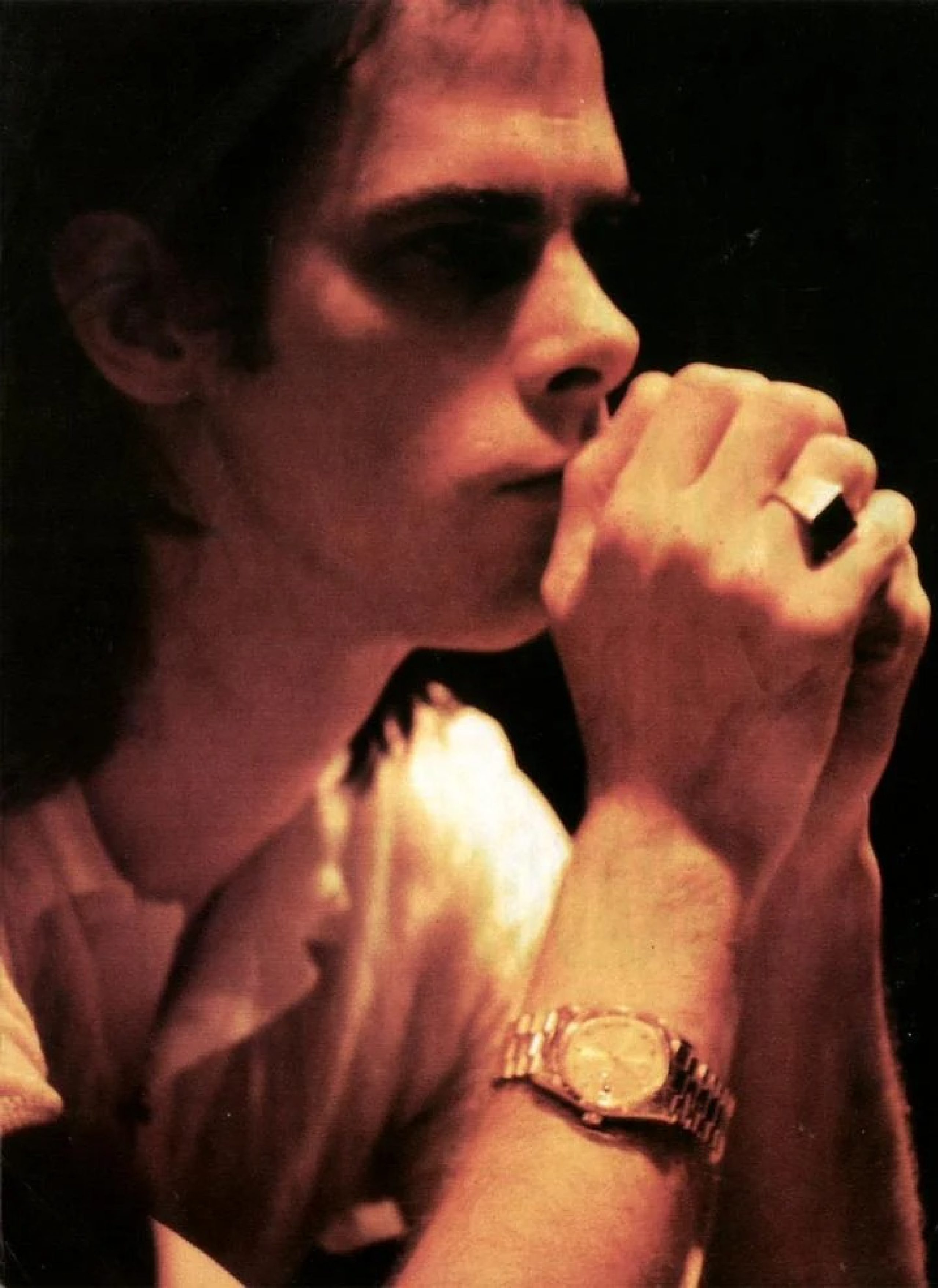
Holly Johnson

Ex-líder & vocalista do Frankie Goes to Hollywood



Martin Gore

Integrante e Compositor do Depeche Mode



O ESTRANGEIRO

*Uma visita
às sessões
de gravação
do último
disco de*
Mr. NICK CAVE



Hoje, eu não tenho nada a dizer..." A frase não era rigorosamente exata, pois encerrava cerca de três quartos de hora de conversa. Nick Cave parecia um pouco cansado e preocupado depois de seis horas de trabalho — e mais outras tantas pela frente. Dali a dois dias, Nick e os Bad Seeds partiriam de São Paulo, onde gravaram seu mais recente LP.

Talvez por isso ele parecesse um pouco distante e absorvido em outros pensamentos que não o *penne ao sugo* e o gravador à sua frente. Estávamos em um restaurante perto do Estúdio Cardan, onde Nick fez questão de preparar nossas caipirinhas ("Eles me enganaram outro dia. Me disseram que havia a vodca que eu bebo, mas fizeram a caipirinha com outra"). Esse jantar-entrevista complementava uma visita que havia durado toda a tarde.

Nick aterrissou no Brasil pela segunda vez no começo de setembro de 89, quase um mês antes de os outros Bad Seeds chegarem.

Ele veio passear com sua namorada brasileira por Salvador ("Muito selvagem, mas muito bonita") e Natal ("O tempo estava péssimo"). Em todos os contatos, através do selo Stiletto ou feitos diretamente, Nick não disse nem que sim nem que não à possibilidade de algum jornalista visitar o estúdio durante as gravações. Mas, naquela quinta-feira, a solução foi simplesmente aparecer — depois de receber o sinal verde do baixista Mick Harvey, o sujeito mais "difícil" da banda e, por tabela, o menos partidário de intromissões jornalísticas — e criar um fato consumado. Nick reagiu como um gentleman. Um pouco paranóico — mais de uma vez ele confiscou meu caderno para "censurar" as anotações —, mas gentil e simpático, completamente distante da arrogância que lhe atribui a imprensa inglesa.

Sua figura alta e magra, contrastava com os dois cantores brasileiros — Clóvis Trindade e Rubinho —, que estavam gravando

"Houve uma tentativa deliberada de evitar músicas rápidas e agressivas"

os backings de "Foi na Cruz". A música é uma versão livre — Nick canta o refrão um pouco modificado em português e fez uma letra para o resto da canção — de um hino de igreja pentecostal. "Foi na cruz / foi na cruz / que um dia / meus pecados castigados em Jesus" cantavam os brasileiros. Nick não estava satisfeito com a forma como eles acentuavam o "a" nas palavras "na" e "dia". Depois de várias repetições, Clóvis finalmente concluiu que deveriam fingir estar "mortos", ao chegar em "dia", provocando risos.

Nick sempre declarou que era Mick Harvey quem "traduzia" suas idéias para a forma musical, mas no estúdio mostra ter uma noção muito precisa de onde quer chegar e trabalha com minúcia e paciência. Mick e Victor Van Vught, o engenheiro de som, dividiam o comando com Cave.

O refrão de "Foi na Cruz" estava pronto. Nick começou então a parte que recita sobre os backings: "Dream on my darling / dream till you can dream no more" (sonhe, minha querida / sonhe até você não poder mais sonhar). Algo estava saindo errado. Ele teve de repetir várias vezes até o momento que soltou um "I hate this talking!" (Eu odeio essa fala). A canção, que até agora tinha uma condução muito suave, foi ganhando em dramaticidade com a voz saída das entranhas de Nick.

A maioria das músicas do disco veio pronta, numa demo gravada em Berlim. Nick define: "São canções bem lentas e românticas. Nós queríamos fazer um disco que fosse diferente dos outros. Eu comecei compondo canções muito melódicas, e aí foram aparecendo letras líricas e românticas — desavergonhadamente românticas...". Seus pensamentos parecem errar e ele muda de assunto: "Você parte de uma idéia inteiramente sua, você não tem dúvidas a respeito e vai trabalhando a partir dessa idéia, você tem fé. À medida que as canções vão se desenvolvendo e vão se aproximando de como serão no disco, você começa a pensar no que as outras pessoas irão achar e, de repente, as dúvidas te assaltam. Você fica imaginando quem irá ouvi-lo. Você tem de combater esse tipo de dúvida e continuar trabalhando. Ao mesmo tempo é bom porque as dúvidas significam que o disco é estranho, diferente dos outros. Seu público tem de mudar a idéia que tem sobre você ou, então, não ouvir mais sua música. Você força as pessoas a tomarem alguma decisão em relação ao seu trabalho, aceitar ou não as mudanças".

A audição de três músicas ainda em estado bruto, sem mixagem ("Foi na Cruz", "The Hammer Came Down" e "The Witness Song", estas duas últimas com título provisório), indica que o elemento novo está na mudança de temas. Onde antes imperavam a loucura, a morte e a condição humana em situações extremas de degradação moral, aparece o romantismo temperado pela melancolia. No estúdio, Nick havia dito: "As músicas falam das coisas simples da vida", em tom um pouco irônico. Depois resumiu o que exatamente havia nortecado as composições do disco.

"É um sentimento muito forte, que eu tenho há muito tempo. Simplificando, é uma tristeza associada à memória. Aquela tristeza que surge ao lem-

brar de determinadas coisas, que uma vez foram significativas, mas já não são mais e continuam pensando nas lembranças... Aspectos feticistas e obsessivos que a lembrança de certas coisas tem, como uma pessoa que te lembra uma outra e por isso você fica atraído por ela... Eu estava tentando achar um certo sentimento — essa tristeza abstrata por coisas perdidas, que se foram... Eu fiz o disco para tentar explicar isso, não por palavras, mas por um tipo de sentimento que um disco envolve. Nesse sentido, houve uma tentativa deliberada de evitar músicas rápidas, altas e agressivas."

Ele parece estar obcecado pela tristeza como força criativa. No seu primeiro romance, *And the Ass Saw the Angel* (*E o Asno Viu o Anjo*), "o personagem central vai se afundando na areia movediça ao longo do livro, vai se afundando na tristeza e na depressão. É um bom livro, você tem de lê-lo. E aconteceu uma coisa em relação ao disco... O livro é realmente prolixo e denso, pesado de ler. Eu tentei fazer letras bem diretas e simples para este disco. Tentei evitar as letras pesadas. Minha intenção era fazer letras que fossem bem mais simples, mas ao mesmo tempo mais misteriosas".

Numa entrevista publicada um ano atrás, antes mesmo de vir ao Brasil pela primeira vez, ele disse que gostaria de morar aqui. Nick mudou de idéia, mas nem tanto: "Eu vou continuar voltando várias vezes. Não posso morar no Brasil permanentemente, é impossível. Eu gostaria realmente de achar outro lugar fora da Europa para viver, mas é muito difícil. Com a Austrália é a mesma coisa, é muito longe. O Brasil tem os mais incríveis problemas, o clima político e econômico é absurdo e mesmo assim as pessoas não se deixam esmagar. Em Londres, todo mundo está tão morto com os problemas que aparentemente têm... Na verdade, eles não têm problemas como os brasileiros".

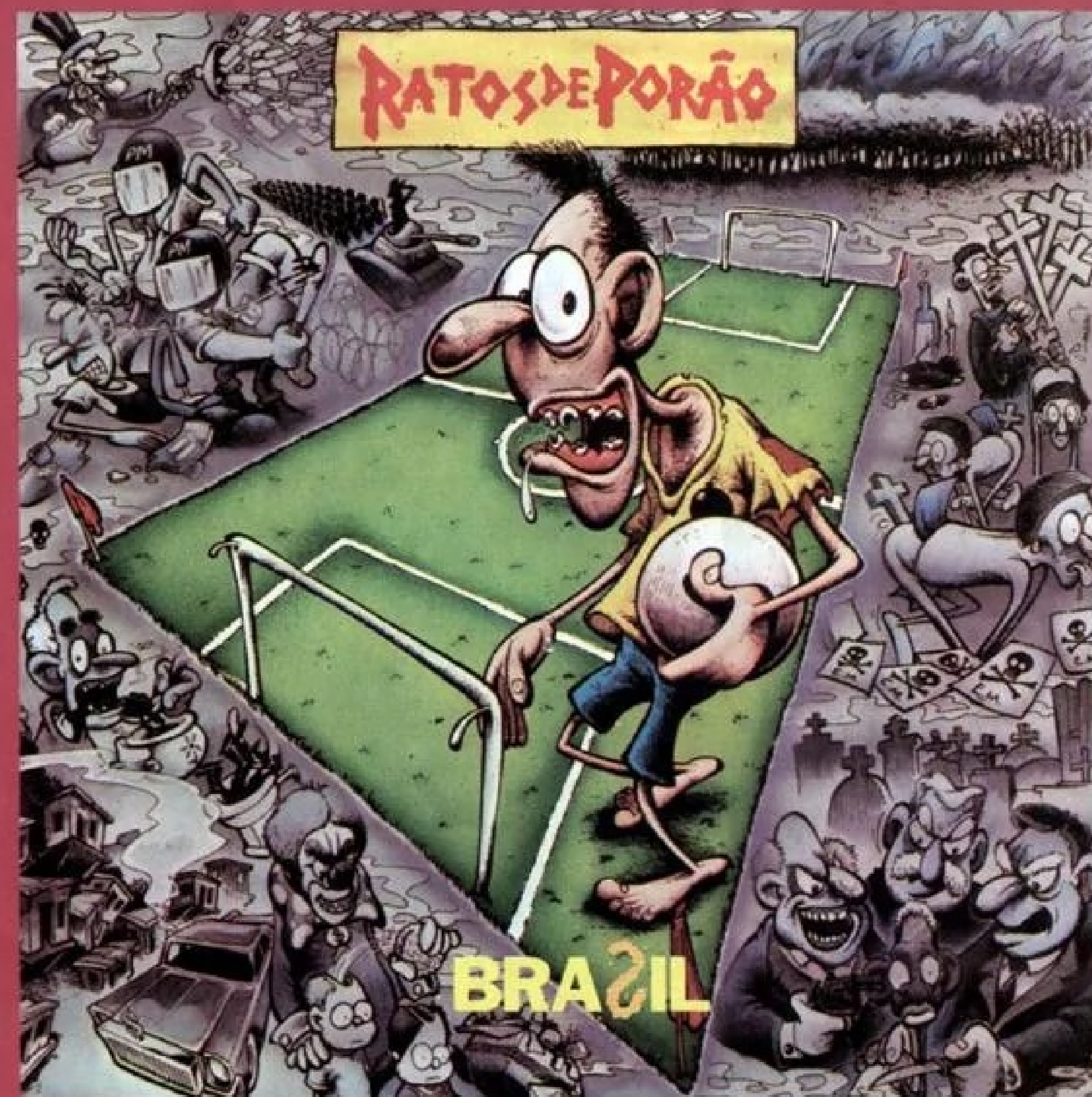
"Eu tenho a habilidade de me manter no topo das coisas, de manter o senso de humor." Pelo jeito, a banda também. Blixa, por exemplo, era o protagonista das palhaçadas. Mick é especialmente ágil nos trocadilhos. Até as citações bíblicas servem de matéria-prima. Momentos antes de Nick fazer a pausa para o jantar, o assunto era o título do disco (até o fechamento desta edição, ainda sem nome definitivo). Mick perguntou: "Qual será o título do disco? *Jesus Wept?* (Jesus chorou)". "Não", respondeu Blixa, "The Ark (A Arca)". "The Fart (O Peido)" sugeriu Kid. Blixa explodiu numa gargalhada e "achou" o nome: "Não, já que tem de ter alguma referência religiosa vai ser *The Noah's Fart!*". Nick se divertia com a enxurrada de asneiras. Mais tarde, voltariam a conversar sobre o nome do disco. Quando ele tentava definir o que desejava expressar com o disco, me ocorreu que o que descrevia estava muito próximo do significado da palavra "saudades". Conte para ele, adicionando que existia uma espécie de crença nacional, segundo a qual essa palavra seria intraduzível, só existente na língua portuguesa. Num tom um pouco vago, Nick respondeu: "É, talvez tenha sido por isso que eu vim gravar o disco no Brasil. Talvez eu o chame assim".

ELIA ABRAMO

A PALHAÇADA CONTINUA

BRAZIL

"O DISCO"



LANÇAMENTO SIMULTÂNEO EUROPA/E.U.A.

estúdio eldorado



Daniela & Steve Pina

UM EM DOIS

A bela é Annie Lennox.

A fera é Dave Stewart.

A união dos
EURYTHMICS
resiste e sobrevive



"Eu gosto da androginia, mas virou um clichê" (Annie Lennox)

I magine dois pintores trabalhando na mesma tela. Um deles está tentando fazer lindas flores, enquanto o segundo fica pintando naves espaciais do outro lado."

Se Dave Stewart avalia desta forma seu relacionamento com Annie Lennox, não deixa de ser um milagre a dupla estar resistindo a doze anos de convivência.

Dave conheceu Annie, uma escocesa alta, quando ela trabalhava como garçonete e tocava flauta e teclados nas horas vagas. No mesmo dia, eles se tornaram namorados e parceiros musicais. Sua primeira banda, The Tourists, chegou a gravar três álbuns, mas a revisitação que faziam do rock americano dos anos 60 nunca saiu da obscuridade.

Na aurora dos anos 80, o casal deu uma guinada de 180 graus. Depois de dissolverem os Tourists, se voltaram para a música eletrônica alemã. O tecno-pop que resultou do encontro de Dave com Conny Plank — famoso como produtor do Can e do Kraftwerk — soava ao mesmo tempo inovador e acessível. Annie apurou sua técnica vocal, valendo-se de sua formação clássica. *In the Garden*, a estréia em vinil de 81, trazia ainda a participação de pesos pesados como Holger Czukay e Jaki Liebrecht (Can), Marcus Stockhausen (filho do precursor das experiências eletrônicas, Karlheinz) e Clem Burke (baterista do Blondie).

A excentricidade já era uma das marcas registradas. Um flagrante de ensaio, como conta um jornalista da *New Musical Express*, poderia mostrar "alguém tocando uma flauta chinesa envolta em cascas de cebola, enquanto Annie cantava em hindu e Dave tocava guitarras suspensas a partir do teto".

Os Eurythmics que foram revelados ao mundo em 83 — com o estouro mundial de *Sweet Dreams*, o segundo LP — haviam deixado de lado as extravagâncias e o experimentalismo mais radical, embora mantivessem alguma dose de estranheza. A figura andrógina de Annie, com seus cabelos curtos e suas roupas de couro negro, parecia especialmente talhada para o gosto que estava começando a se difundir através da febre dos videoclips e da consolidação da MTV: visual ousado, mais pop à base de teclados. *Sweet Dreams* estava condenado ao sucesso.

Essa projeção internacional veio acompanhada da primeira crise que poderia ter dado fim à banda. O lançamento do segundo LP foi precedido da separação do casal. Na verdade, é curioso o fato de a colaboração profissional não ter se interrompido, como Annie mesmo observa: "Permanece um mistério para mim. Nós somos o único casal que se separou e continuou junto. Não conheço mais ninguém que tenha passado por uma experiência semelhante. Estamos sempre lutando para ficar afastados um do outro, mas quando nos tornamos Eurythmics é tão concreta, tão definida a entidade musical que nem eu nem Dave podemos nos livrar disso".

Aproveitando o embalo, eles lançaram *Touch*, ainda em 83, e uma versão com remixes para pistas de dança (*Touch Dance*) no começo de 84. A fórmula que os consagrou seguia inalterada.

"Eu nunca fui nem punk realmente, nem hippie e não sou uma roqueira. O que eu faço melhor é ser eu mesma." Embora Annie goste de dar este tipo de declaração, é inegável que eles construíram uma imagem pública, que serviu como uma luva para a estética dos anos 80: cool, mas com suíngue, sensual sem exagero, pop temperado por uma pitada de ousadia.

Nem a participação em empreendimentos cinematográficos, uma constante da música pop da década passada, ficou fora do currículo dos Eurythmics. Eles compuseram a trilha sonora para *1984*, a acertada adaptação que o diretor Michael Radford fez para a obra de George Orwell. Por sua vez, Annie trabalhou como atriz em *Revolução*, ao lado de Al Pacino e Nastassja Kinski.

"Acho saudável que a gente exista no mundo pop", disse Annie uma vez. "Nós contribuimos para uma textura mais rica do cenário por sermos tão diversificados, ecléticos e mutáveis." *Be Yourself Tonight* (85) provou que existia vida além dos teclados, fazendo uma incursão mais acústica pelo soul e rhythm'n'blues, com convidados especiais como Elvis Costello e Aretha Franklin. "O fato de que eu, uma escocesa branca, às vezes cante um gospel incrível é perverso em si mesmo, é quase vanguarda."

Era a segunda reviravolta realizada pela dupla. A cantora inclusive deixou de investir na ambiguidade sexual: "Eu realmente gosto da androginia, no sentido de que é uma coisa perigosa, desafiadora e um pouco perversa. Imprevisível. Mas a um certo ponto virou um clichê. Eu tive de desistir quando a mídia assimilou".

O duo marcou 86 com *Revenge* e uma turnê de dezoito meses. "Nós somos os Liberaces do rock. Eu adoro ficar lá na frente, me descabelando para o prazer do público. Afinal, vocês pagam por isso." A declaração foi de Dave, mas a extensão da excursão foi esgotante para Annie: "Eu me tornei uma pessoa enervada. Tudo eram rostos e pessoas me dando tapinhas nas costas e dizendo 'ótimo, ótimo, ótimo'. Tanta falsidade..."

Seria mais do que razoável se a banda fizesse uma pausa depois dessa maratona, mas ela só veio depois do lançamento de *Savage*, em 87. O preço da superexposição foi cobrado nesse disco, quase unanimemente considerado asséptico e apático.

Os dois anos fora dos estúdios não significaram folgas prolongadas. Dave — que já havia se exercitado como produtor com Tom Petty, Ramones, Mick Jagger e Daryl Hall — jogou suas fichas em seu selo, Anxious Records. Morando em Los Angeles com a mulher Siobham (ex-Bananarama) e o filho Sam, ele criou o programa *Beyond the Groove*, exibido na TV americana. Mistura entrevistas e números musicais, com um fio condutor bastante insólito: Harry Dean Stanton dirigindo um táxi que tem como passageiros pessoas famosas, como Ry Cooder e Ike Turner, e comuns.

Os Eurythmics também participaram, ao lado de Sting, R.E.M. e U2, do *Greenpeace Breakthrough*, o álbum duplo que apresentou o rock ocidental para a União Soviética e viajaram a Moscou para promovê-lo.

No final de 88, a vida pessoal de Annie, que volta e meia ameaça atropelar sua carreira artística — casamentos e descasamentos, a morte do pai — forçou uma parada para tomar fôlego. Casada atualmente com um cineasta israelense, ela teve uma gravidez frustrada. A cobertura da imprensa sensacionalista inglesa piorou a dramaticidade do episódio. Sua convalescença foi no Caribe, com direito a uma esticada no Rio e Salvador no começo do ano passado.

A invasão da privacidade é um aspecto inerente à vida das celebridades e Annie sabe disso. "Eu acho esse jogo perigoso: expor sua vida e vendê-la. Eu quero preservar minha integridade e, em geral, eu acho que nós conseguimos."

We *Too Are One* retoma o ritmo que parecia perdido desde *Revenge*. Para isso, Dave explica que optou pela simplicidade: "Tentamos manter o som como o de uma banda o máximo possível. Os discos dos Eurythmics têm sido o caos: orquestras, participações especiais, em suma, grandes agitos toda vez que vamos gravar".

Na opinião da cantora e letrista, trata-se de um disco descrente. "Para mim, a música é uma espécie de catarse. É uma oportunidade de expressar os meus sentimentos. Ainda me dá essa chance. E em relação às coisas que aconteceram comigo", acrescenta, "me fizeram entender que a condição humana é frágil". Modesta, ela não se inclui no time dos grandes letristas: "Só há um Bob Dylan, Elvis Costello, Van Morrison ou Chrissie Hynde. Eu só consigo escrever o que vem de forma natural".

"Há um monte de canções sobre o amor feitas por muita gente, inclusive os Eurythmics. É sempre uma tremenda fonte para a música. O ódio é uma emoção interessante por ser o oposto do amor e é

tão forte e violento quanto", justifica, quando perguntada sobre a letra de "I Hate You". "Felizmente, meu sentimento de ódio não tem sido ativo a ponto de me forçar a sair e fazer algo contra alguém. Mas já me senti assim e tive de lidar com isso de maneira filosófica, pensando que, bem, eu posso me sentir magoada mas não vou fazer nada porque as coisas podem se resolver. E, enfim, pensei que todo mundo canta sobre o amor mas ninguém tem coragem de escrever sobre o ódio."

Os Eurythmics nunca tiveram um perfil engajado, mas, às vezes, Annie sente necessidade de se manifestar: "Fico curiosa em saber o que significa fazer sucesso na nossa sociedade. 'The King and the Queen of America' dá uma porrada nessa relação irônica que a sociedade supostamente avançada tem com o que realmente existe... analfabetismo, falta de moradias adequadas... Só quis colocar essas duas coisas em confronto: as pessoas 'vencedoras' com um monte de dinheiro e muita desgraça ao seu redor".

Annie e Dave não pensam em um próximo disco tão cedo. Tanto um como outro estão envolvidos em projetos bastante diversos. Dave, usualmente definido como um "workaholic" (algo como "viciado em trabalho"), pretende produzir o disco da banda de Siobham, Shakespeare's Sister, enquanto começa a trabalhar em seu primeiro LP solo. Annie quer um período de recolhimento para tentar "uma vida normal".

Mas não há com que se preocupar. Como afirma a mutante platinada Lennox: "Sempre seremos os Eurythmics. Se fomos Eurythmics nos últimos dez anos, não há dúvida que continuaremos por mais um tempo".

BUA ABRAMO

"Adoro ficar lá na frente, me descabelando para o prazer do público" (Dave Stewart)





Foto: Jean Yves LEONARD

HOMEM MÁQUINA

PARTE I

A história do
grupo alemão
KRAFTWERK,
de suas origens
progressivas à
antecipação do
“pop tecnológico”
ou... tecnopop



Situado na parte Oeste da Alemanha Ocidental, o vale do Ruhr se estende ao longo de uma área retangular de contornos irregulares, recortada pelo rio Reno e sua rede de afluentes. Hoje, o Ruhr não é só o maior centro produtor de maquinaria pesada do país como também um dos mais portentosos complexos industriais do planeta. Foi nele que, em meados do século XIX, os alemães obtiveram o aço pela primeira vez, conquistando dessa maneira sua admissão na revolução industrial. Cerca de vinte quilômetros dali, e exposta aos efeitos nocivos dos detritos da Thyssen, Mannesmann, Klockner, Bayer etc., posta-se Düsseldorf, a capital do estado da Westfália.

Foi em meio a esse ambiente poluído por fumaça, lixo inorgânico, fuligem, entulho de carvão e substâncias químicas diversas que surgiu o Kraftwerk, talvez o mais importante e influente grupo eletrônico da música pop de todos os tempos. Não fosse ele, possivelmente boa parte das tendências musicais que despontaram nas duas últimas décadas — tecnopop, disco, cold wave, industrialismo, house, hip hop — sequer teria existido. Mais adiante, poderemos verificar como a referida situação geográfica foi crucial para a formulação dos temas da banda, especialmente a relação homem-máquina, sobre a qual o Kraftwerk veio a desenvolver uma filosofia bastante peculiar.

A origem do Kraftwerk pode ser detectada no semi-obsuro Organization, um quinteto de talhe psicodélico fortemente marcado pela música do Pink Floyd (leia-se o LP *A Saucerful of Secrets*, de 68). É no núcleo do Organization que vamos encontrar os músicos Ralf Hutter e Florian Schneider Esleben. De background clássico, os dois vinham trabalhando juntos desde 1967, apresentando-se esporadicamente em auditórios de colégios em Düsseldorf. O detalhe é que, desde essa fase primeva, eles já desenhavam e construíam sua própria trilha eletrônica. Em 1969, o Organization editou, via RCA inglesa, seu único LP, *Tone Float*. A rigor, não se pode considerá-lo um exemplo de música eletrônica, uma vez que as seleções incluídas não passam de caóticos mixes obtidos a partir de instrumentos convencionais.

Decepcionados com a fraca repercussão alcançada pelo Organization na Inglaterra, Hutter e Schneider tratam de voltar à Alemanha em 1970. Lá, criam o Kraftwerk, cujo nome quer dizer “Usina de Força”, “Complexo Elétrico”. Aqui, cabe um parêntese, o tal “complexo” a que se referiam não era outro senão o de uma refinaria abandonada de Düsseldorf onde faziam ensaios, e que também sediava o protótipo do estúdio do amigo Conny Plank (eminência parda do nascente *kraut rock*). Foi nessa instalação nada ortodoxa, tendo ao fundo a ruminação mecânica das fábricas, que forjaram o som duro e abrasivo característico de seus primeiros álbuns, *Kraftwerk 1* (1970) e *Kraftwerk 2* (1971).

Tais registros captam a dupla — junto a Klaus Dinger e Andreas Hohmann — realizando curiosas experimentações eletroacústicas, mediadas por ins-

Abaixo,
Karl Bartos.
Na pág.
ao lado,
Wolfgang
Flur. Os dois
percussionistas
entraram para
o Kraftwerk
em 1974

trumentos como o violino e a flauta, e pelos recursos tecnológicos de que dispunham na ocasião (*ring modulators*, alternadores de frequência, *phase shifters* e um genial aparato de percussão operado por células fotoelétricas!). Em ambos, traços do rock progressivo inglês (notadamente o feito pela escola de Canterbury) e da música de vanguarda presente através das emanções das pesquisas de Terry Riley, La Monte Young, John Cage e Karl-Heinz Stockhausen podem ser percebidos sem dificuldade. Enquanto as áspetro-percussivas "Stratovarius" e "Ruckzuck" parecem prenunciar a modulação industrialista desenvolvida anos depois por formações como Throbbing Gristle e Cabaret Voltaire, "Von Himmel Hoch" traz (bem ao gosto da época) a citação de uma obra clássica, o *Weinachts Oratorium*, de J.S. Bach. Todavia, são os dezessete hipnóticos minutos de "Klingklang" que projetam o Kraftwerk para o seu próprio futuro.

Já sem Dinger e Hojmann, mas mantendo Conny Plank no posto de engenheiro de som, o duo gravou seu terceiro LP em 1973. Batizado simplesmente *Ralf and Florian*, e gravado alternadamente em Düsseldorf, Colônia e Munique, esse disco é um passo significativo no processo evolutivo do grupo. De modo inesperado, a música do Kraftwerk abre espaço para temas mais arejados e de breve duração, em que o ritmo — até então obsessivo e rudemente metálico — se desdobra em células suaves, quase dançantes. Outros destaques são o uso do piano elétrico em seqüências circulares — que guardam semelhança com as criadas por Mike Ratledge no Soft Machine — e, principalmente, a maturação do conceito "Kraftwerk", algo que justifica o emprego do material tecnológico como única forma coerente de trabalho na sociedade contemporânea. Pode-se dizer que, para os membros do Kraftwerk, o fator-chave da compreensão do futuro é a técnica. E é por meio dela que organizam seus jogos sonoros.

Sintetizadores na linha de frente, *Ralf and Florian* se afasta do campo experimental violento para expor a beleza glacial da música cibernética em ambiências rarefeitas ("Heimatklang") e exóticas ("Ananas Symphonie"), uma suite psicoléptica emoldurada por ritmos latinos. Mesmo que se trate de uma peça de transição, as relações entre a psiquê humana e o funcionamento dos aparelhos computadorizados, que o grupo esmiuçaria posteriormente, já se deixam entrever aqui.

Apesar do charme das maquinações de *Ralf and Florian*, foi apenas no final de 1974 que o Kraftwerk começou a atingir o grande público. Em pleno auge do rocambo sífonico do ELP e do Yes, os alemães surpreenderiam o cenário rock com o notável *Autobahn*, que realizaram em parceria com os novatos Klaus Roeder e Wolfgang Flur.

Nessa gravação, o Kraftwerk pôde confirmar o distanciamento que guardava da chamada "corrente cósmica" (então em voga na Alemanha), ao valer-se da tecnologia de uma forma utilitária e racional. A "viagem" de que falam em *Autobahn* não está atrelada a voos místicos ou prospecções transcendentes. Ao contrário, ela diz respeito à cinemática pura, ao estudo dos corpos em movimento. Sua peça de resistência é indubitavelmente a faixa-título, um épico urbano-futurista

que narra as sensações e impressões dos ocupantes de um Volkswagen que se desloca ao longo de oitocentos quilômetros de uma super auto-estrada, a "Autobahn". Ocupando todo o lado um do disco, seus vinte e dois minutos fascinam tanto pela simplicidade melódica quanto pela utilização exemplar de colagens derivadas do método expressionista. E, quando uma versão editada explode nas paradas de compactos do mundo inteiro, é como se os músicos do Kraftwerk estivessem realmente a ponto de — conforme expresso por eles nos jornais da época — se tornarem os Beach Boys dos anos 80!

Se "Autobahn" providenciou a disseminação de uma outra música pop, a ingenuidade das relações de seus integrantes com a cúpula da gravadora Phonogram levou-os à exclusão dos lucros massivos advindos da venda do LP. Tudo graças à cessão dos direitos totais sobre a obra, pela irrisória quantia de dois mil dólares...

Deslizes financeiros à parte, o que "Autobahn" revelava de mais insólito era a capacidade de provocar empatia tanto nos apreciadores de música "séria" quanto nos freqüentadores das pistas de dança. Outra proeza foi a derrota da barreira linguística (sua letra foi toda escrita em alemão) e da hegemonia do inglês nas *charts* de inúmeros países. Outra vez, Hutter e Schneider antecipavam os anos que viriam, marcando — quase vinte anos antes dos novos grupos da Europa Ocidental — a necessidade de criar sua própria identidade cultural.

Mais à frente, a não-captação dos *royalties* devidos à "Autobahn" seria compensada por um polpudo contrato com o Capitol.

O primeiro disco a ser gerado no novo selo sai em 1975: *Radio-Activity* (Discoteca Básica, BIZZ 19). Além da defecção de Klaus Roeder (substituído por Karl Bartos), mudanças estéticas — o visual hippie cultivado por barba e cabelos compridos dá lugar a uma asséptica imagem *clean* — e temáticas — a concentração do LP em um único *leit-motiv*, as ondas de rádio — se fazem acompanhar da máxima especialização de cada elemento. Assim, Florian passa a se dedicar à parte melódica e à execução dos instrumentos, Ralf concentra-se nos efeitos sonoros e os colaboradores Bartos e Flur assumem o papel de bio-unidades de percussão.

Vozes "tratadas", acontecimentos rítmicos factícios, repetição de padrões sonoros, pulsos elétricos e a esquematização das faixas segundo os efeitos provocados pelas ondas de rádio. *Radio-Activity* é o primeiro registro da banda a dispensar formalmente o uso da guitarra. Novamente referindo-se ao amanhã, encontramos aí o aproveitamento de emissões radiofônicas em colagens musicais, inauguradas por Stockhausen, que a dupla Brian Eno-David Byrne iria reexplorar cinco anos depois em *My Life in the Bush of Ghosts*.

Imediatamente menos acessível e dançante do que *Autobahn*, *Radio-Activity* também parece se preocupar em resgatar certos valores culturais alemães, sobretudo os que dizem respeito à tradição orquestral. É o que se conclui pela forma com que as vozes são manipuladas. Filtradas e desconectadas da obrigação de portar mensagens, elas subsistem apenas como sons. O mesmo vale para as palavras. Quando presentes nas "letras", estas funcionam no mais das vezes como pis-

tas, códigos cifrados para a apreensão do real do mundo ocidental.

A esta altura, o grupo empreendia turnês com seu sofisticadíssimo equipamento portátil. Foi quando lapidaram o conceito de *electronic body music* (embora nos dias de hoje Luc Van Acker e Cia. reivindicuem a criação do termo), conforme Ralf Hutter expôs em janeiro de 77 a um atônito repórter da finada publicação *Beat Instrumental*: "Isso é chamado *electronic body music* porque é mais um jorro imediato de auto-expressão do que propriamente um exercício ensaiado. Os primeiros experimentadores da eletrônica encaravam-na mais como um novo instrumento do que um novo meio, e muitos terminaram girando trezentos e sessenta graus ao colocar todos os seus esforços na reprodução eletrônica dos sons acústicos. O Kraftwerk — e eu quero dizer o grupo como um todo — é na verdade um instrumento musical. Nosso equipamento e nós mesmos funcionamos simplesmente como canais de um único circuito".

Quem julgava esta e outras teorias como demasiado fantasiosas sobressaltou-se quando o Kraftwerk realizou uma insólita colaboração com a Companhia de Balé de Stuttgart. Através de uma aparelhagem inteiramente comandada por raios de luz, os bailarinos puderam tocar sua própria música eletrônica, ao mesmo tempo que proviam o acompanhamento para seus movimentos. Afinal, arte e ciência não eram tão incompatíveis assim!

O hiato compreendido entre *Radio-Activity* e o próximo disco foi preenchido pela coletânea *Exceller 8*, que saiu em alguns lugares com o cretino subtítulo "O Melhor do Kraftwerk"... Em 1977, a idéia da dinâmica homem-máquina volta a se impor em *Trans-Europe*

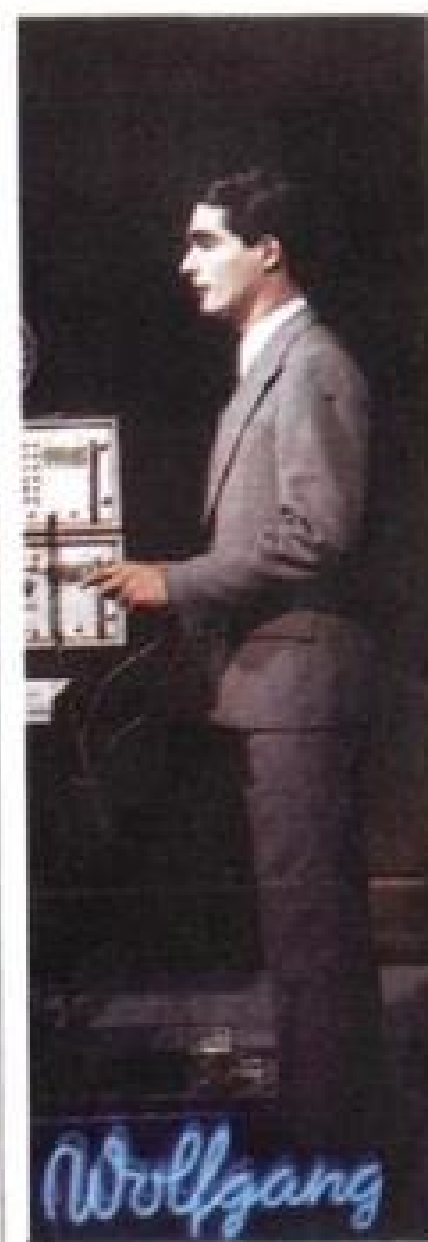
Express. Saudado entusiasticamente pela crítica, o LP reforça o valor das passagens melódicas, atribuindo-lhes todavia um desempenho que extrapola o domínio da "canção". No todo, predominam rumorações, harmonias delicadas que vão se desenvolvendo pelos trilhos da automação.

Depois do carro e do rádio, o Kraftwerk entregava-se à transmissão das emoções que alguém poderia experimentar durante uma viagem de trem pela Europa. A bordo, a concisão descritiva, a recorrência rítmica, o humor cool (que alude à falta de adaptação do ser humano frente ao progresso) e a linguagem binária computadorizada dão a tônica dessa sutil representação do utilitarismo de nossa era.

É 1977, e o radicalismo punk toma de assalto o velho continente com uma fúria indescritível. Sustentando o neonilismo de forma tipicamente cool, na ocasião Ralf Hutter dirigiu-se aos jovens com a seguinte reflexão: "Estamos vivendo numa época em que existem coisas das quais não podemos mais nos esquivar. O que fazemos é uma ponderação acerca de tudo que nos rodeia. Isso é ciência. A ciência, assim como nós, é ambivalente: pode ser usada para destruir o homem com bombas ou para tornar a existência mais agradável pela Medicina... Podemos usar um martelo para bater na cabeça do vizinho ou para construir uma casa. Estou certo de que estamos demonstrando a essa geração, que está contra a ciência, a tecnologia, que com elas é possível realizar coisas construtivas para a humanidade".

ARTHUR G. RIBEIRO DUARTE

(CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO)



O ROCK ALEMÃO, l UMA DÉCADA À FRENTE

A partir de 1973, as dissidências do Kraftwerk se reagruparam em algumas das mais inovativas formações da cena eletrônica alemã. Primeiro, Klaus Dinger (percussão) e Michael Rother — que foi membro do grupo, embora não apareça em nenhum disco — montam o Neu!. Sua escassa produção (três LPs, todos pelo selo alternativo Brain) é o que há de mais ousado no contexto minimal/tribal/eletrônico, chegando ao ponto de algumas faixas utilizarem mudanças na rotação do toca-discos para obter diferentes leituras. E isso uma década e meia antes dos DJ's belgas "inventarem" a *new beat*!

O Neu! rachou em 75 e, mais tarde, Michael Rother uniu-se aos integrantes do Cluster (Dieter Moebius e Hans-Joachim Roedelius) no trio Harmonia, um grupo bem mais próximo da clássica linha repetitiva eletrônica. São apenas dois discos: *Musik from Harmonia* e *De Luxe*. Já num idioma francamente rock, Klaus Dinger se estabeleceria ao lado de Hans Lampe e Thomas Dinger (ambos ex-colaboradores do Neu!) no L.A. Düsseldorf.

Tangencialmente às criações de Düsseldorf, em Berlim o som eletrônico também grassou em *fronts* bastante singulares.

Era lá que se situava o Q.G. do Kos Mische Kurriers, movimento ideológico-místico-anarquista capitaneado pelo jornalista e agitador cultural Rolf-Ulrich Kaiser, e levado a cabo por bandas como Ash Ra Tempel, Popol Vuh, Mythos e Limbus. Toda sua efervescência procedia de uma espécie de retomada do movimento hippie (graças à mudança do guru do LSD Timothy Leary para lá) e do *west coast sound* do final dos 60.

Isolados, mas não menos importantes, são os grupos Faust (oriundo da minúscula Wunne e que soa como um híbrido esquizóide de Captain Beefheart com o King Crimson), Can (o Velvet Underground germânico), Guru Guru (cujo primeiro LP *Ufo* merece ser ouvido até hoje), Tangerine Dream e os solistas Konrad Schnitzler, Klaus Schulze e Manuel Gottsching.

A.G.C.D.



INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS



INSTRUMENTOS MÚSICAIS IMPORTADOS DAS MAIS FAMOSAS MARCAS

Fender Gibson REMO ART Ovation

Violões, Guitarras, Pedais de Efeitos, Baterias, Pratos, Contra-baixos, Peles, Encordoamento, etc.

INTERCONTINENTAL IMP. E EXP.
Av. 7 de Setembro, 1251 - Sobre Loja nº 7 Centro
Tels (092) 234-5796 e 233-3741
Manaus - AM

O SILÊNCIO NO SOM

Santo Angelo

Rua Maria Cândida Pereira, 100 - Centro - São Paulo - SP
Tel.: (011) 940-4155 - Telex 11 55221

GANHE 3 MESES DE AULAS GRÁTIS, COMPRANDO SEU INSTRUMENTO NA LOJA DO GRUPO AMA.
OBS. COMPRAS ACIMA DE NCz\$ 4.000,00

GRUPO ama
ESCOLA DE MÚSICA E ARTE
LOJA ESPECIALIZADA PARA MÚSICOS DE ROCK

GRUPO AMA EM PROMOÇÃO ESPECIAL PARA OS ROQUEIROS DO BRASIL.
CHEGOU NO GRUPO AMA, GANHOU UMA AULA GRÁTIS DOS NOSSOS CURSOS TÃO BADALADOS:

VIOLÃO
GUITARRA
BAIXO
PIANO

SAXOFONE
BATERIA
CANTO
TECLADO
ÓRGÃO

R. Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecília - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô
Marechal Deodoro
(NÃO TEMOS FILIAIS)

CABOS E SISTEMAS PARA PROFISSIONAIS EXIJA SANTO ANGELO



PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM

instrumentos importados e nacionais
instrumentos sob encomenda
orientação especializada
máquinas e mesas para gravação



GANG

INSTRUMENTOS MÚSICAIS
Rua Teodoro Sampaio, 826
Pinheiros CEP 05406 São Paulo SP
Tels.: (011) 883-1673 e 881-7619

CONEXÃO BELGA

Tudo começou em 86 com a música "Flesh", da dupla belga A Split Second — até hoje muito executada nas casas noturnas. Nascia, na cidade de Gand, Bélgica, a new beat, um movimento musical caracterizado por um ritmo programado entre 105 e 115 batidas por minuto e que se tornou uma das principais correntes nervosas da dance music atual. Entre os grupos pioneiros, destacam-se o Maxx ("Cocaine"), Code 61 ("Drop the Deal") e Amnesia ("Ibiza"). Mas há algum tempo a Bélgica já havia cultivado sua própria cena independente da eletrônica body music. Em 82, muito antes de toda essa onda, surgia o Front 242, abrindo espaço para Poesie Noire, Neon Judgement e outros que nunca apareceram nas coletâneas de new beat. Veio então a invasão dos estúdios por DJs e produtores, entupindo o mercado com vários compactos de doze polegadas do selo Subway sob nomes como Erotic Dissidents, Taste of Sugar e Fruit of Life. Além do Subway, os selos mais representativos são Antler e BCM Records.

Já a principal casa noturna de new beat é um anfiteatro chamado Le Bocaccio (também em Gand), que chegou a batizar algumas coletâneas.

FINALÍSSIMA

É no dia sete deste mês a final do segundo DMC Brazil DJ Mixing Championship, no Olympia, em São Paulo (as eliminatórias foram realizadas em dezembro). Estão programadas apresentações de artistas de dance music nos intervalos das exibições dos DJs. A comissão julgadora será formada por profissionais vindos dos Estados Unidos e da Inglaterra. O primeiro colocado será premiado



com passagem de ida e volta, com estadia paga, a Londres para participar das eliminatórias mundiais.

ALTA ROTAÇÃO



Les Rita Mitsouko — "Tongue Dance" (remixada pelo líder do S'Express, Mark Moore).
Kool Moe Dee — "I Go To Work"
Confetti's — "C in China" (remix com vários trechos sampleados de Jean-Michel Jarre).
2 Live Crew — "We Want Some

Pussy" (mais uma versão para a "Melô da Bochecha").

AR Kane — "Pop" (remix de uma das faixas do novo álbum, *I*).

Sugarcubes — "Regina" (este "Propellor Mix" é bem mais dançante do que a versão original do segundo álbum *Here, Today, Tomorrow, Next Week*).

Laibach — "Sympathy For The Devil II" (versão acid do clássico dos Stones).

The KLF — "What Time Is Love" (mais uma reencarnação em compactos de doze polegadas da dupla The Justified Ancients of Mu-mu).

A Split Second — "Scandinavian Bellydance" (mix com duas versões; é presença obrigatória em várias pistas de dança da Europa).

Ultra Vivid Scene — "Mercy Seat" (mix de uma das faixas do seu primeiro álbum; boa para abrir a pista).

JOSE ROBERTO MAHR

DANCE MUSIC



Uma alternativa para o mercado fonográfico independente foi lançada pelo grupo gaúcho **Colarinhos Caóticos**, em novembro. Trata-se de *Meios*, um compacto "feito com mãos" — conforme atesta seu peculiar encarte — através do selo fantasma Purnada Ypranada (Inutilidades). Sacos de papel pardo, muito populares em padarias, dobrados ao meio, fazem uma das capas mais artesanais da história. É nessa embalagem que as mil cópias de *Meios*, estão disponíveis. Cada saco foi impresso em silk-screen e numerado a mão. As letras das duas canções também foram reproduzidas no encarte, com uma grafia pouco ortodoxa. Uma terceira faixa, "Intra Rolando" — gravada ao vivo no Teatro Renascença, em Porto Alegre —, é composta apenas de uma bateria digital programada aleatoriamente.

O lançamento deste compacto está intimamente ligado ao projeto estético da banda, que procura sempre trabalhar idéias originais. Egisto (voz, guitarra e letras) nunca contou com uma formação fechada: já remodelou o perfil do grupo três vezes, sempre substituindo seus parceiros e mantendo-se como eixo de sustentação dos Colarinhos. Para ele, o trabalho do grupo é como uma doença: "Quem não for doente, não pode tocar".

Em *Meios*, tocam KCláudio (bateria), Beltrão (baixo) e Pól (teclados e sampler). Os dois últimos já foram substituídos por Fabiano e Big Mac, com quem Egisto e KCláudio pretendem gravar um novo compacto, apostando na viabilidade do formato.

CELSO MASSON (SPI)

Uma casa noturna onde só se ouve rock nacional??? A idéia, tão original quanto audaciosa, partiu das produtoras Lisiane Perthuis e Patrícia Pimenta. Desde julho, o **Projeto Rock Brasil** vem ocupando a boate Zoom em Copacabana com uma programação voltada para os (alternativos). Os grupos independentes predominam na pista de dança, onde Titãs e Ira! também têm vez. Documentários e clipes registrando as produções mais recentes são veiculados nos monitores de TV. Instalações, exposições e lançamentos de fanzines acontecem no Espaço Galeria, que uma vez por mês serve de palco para jam sessions. Numa delas, Humberto (ex-Picassos Falsos), Pedro Luis (Urge) e Fábio Lessa (A Mosca) se reuniram em torno de clássicos da MPB e rock nacional. Em outra ocasião, Gutje (Plebe Rude) e músicos da Elliot Ness (banda em que alaca nas horas vagas) brindaram os presentes com uma esfuziante cover dos Monkees!!! Uma raríssima exceção ao lema do projeto: "Dance com o rock que você entende".

LORENA CALABRIA (RJP)



EU SOU O RIO (VIDEO DO BLACK FUTURE)



Os paulistanos que sintonizam a Brasil 2000 FM (107.3 MHz) certamente já ouviram o nome **Jai Mahal**. Desde janeiro de 88, ele apresenta na emissora o programa *Reggae Raiz*. O que poucos sabem é que a ligação de Jai Mahal com a cultura jamaicana vai muito além de seu trabalho na rádio. Cantor, guitarrista e aficionado pelo gênero, formou uma espécie de núcleo de produção de reggae, ao qual se dedica há mais de uma década. "Todo mundo que toca reggae hoje em São Paulo já passou pela casa de Jai Mahal", afirma. Entre os frequentadores habituais encontram-se os integrantes das bandas Walking Lions (da qual Jai foi um dos fundadores), Sinsemilla e Nômade.

Sua história começa ao lado do titã Nando Reis, que teria ouvido reggae pela primeira vez através das mãos de Jai. Juntos formaram Os Camarões, banda assídua no meio estudantil de São Paulo entre os anos de 79 e 80 (ver matéria com os Titãs na BIZZ de novembro). Dos Camarões, Jai traz até hoje a companhia do saxofonista Marcelo Mangabeira. Sua banda atual, **Pacíficos da Ilha**, inclui os músicos Tiano "Kdra" Lancellotti (teclados), Rica "Cave Man" (baixo), Fábio Scattone (bateria), Pedro Mangabeira (guitarra solo), Renata Casseb e Priscila Bahia (backing vocal).

As letras de Jai Mahal se mantêm fiéis aos cânones *rasta* de Bob Marley e seus asseclas: versam sobre amor, misticismo, educação, racismo e espiritualidade. "tudo que nos afeta no agitado cotidiano da Babilônia", declara. A música dos Pacíficos também busca absoluta fidelidade aos mestres jamaicanos. Seu som nada tem em comum com as vertentes diluidoras do reggae, tão exploradas na última década.

CELSO MASSON (SPI)

Leitores argentinos e uruguaios têm cobrado, com insistência, matérias sobre o rock produzido em seus países. Conexão Brasil deste mês atravessou o Chui e traz, de Montevideu, o heavy metal do **Alvacast**. Formado no início de 85, o grupo já participou de quatro coletâneas do rock uruguaio, além de ter gravado dois LPs. Em 86, se apresentou no primeiro encontro de bandas metálicas do Uruguai. Foi o pontapé inicial. As FMs locais passaram a tocar uma fita demo com "Campos de Sangre", primeiro hit da banda, que motivou o selo Orfeo Records a lançar o LP *Al Borde del Abismo*, em 87. No Primeiro Festival Sul-americano de Heavy Metal, em Buenos Aires, o Alvacast foi assistido por mais de vinte mil pessoas.

No segundo LP, *Inocente...* Hasta Que Se Demuestre Lo Contrario, a banda, formada por Gustavo (baixo), Jorge (bateria), Leo e Tycho (guitarras) e Charly (vocal), traz versos em inglês e espanhol, acompanhados de um peso suficiente para derrubar o preconceito dos brasileiros quanto aos grupos latino-americanos. Contatos: Cláudio Picerno, C.C. 6523, C.P. 11000, Montevideo — Uruguai.

CELSO MASSON (SPI)





ARNALDO E BRANCO

TITÃS

Se há alguma coisa da qual não se pode reclamar em relação aos Titãs é falta de fôlego. O show de lançamento de *Ô Blésq Blom* foi uma empreitada que somou nada menos que trinta canções. Mas foi justamente a extensão do repertório que fez a apresentação ficar parecendo mais uma retrospectiva, como era *Go Back*, do que uma estréia.

Depois de quase dois anos sem novidades (*Jesus ... é de 87*), a grande expectativa se concentrava nas novas composições e na delicada tarefa de transpor a sofisticação do vinil para o palco. As vozes de Mauro e Quitéria soando no Olympia com apenas metade da lotação aguçavam ainda mais a curiosidade.

Apesar de alguma frieza inicial e de problemas de som, eles demonstraram mais uma vez seu domínio da situação. Desde o primeiro Hollywood Rock, quando tiveram uma consagração unânime, os Titãs vêm aperfeiçoando suas apresentações ao vivo. As músicas se sucedem quase sem interrupção, com poucos momentos de queda de pique.

Com cinco vocalistas, provavelmente é o único grupo do mundo que pode satisfazer todos os gostos. Sérgio Britto arranca gritinhos das garotas, sobretudo agora que está mais solto. Branco conquista pela esquisitice. Em "Cabeça Dinossauro", por exemplo, ele dança puxando os próprios cabelos numa espécie de ritual perverso que leva as pessoas à loucura. Arnaldo e Nando surpreendem pela ferocidade que são capazes de imprimir às canções. Paulo talvez tenha a melhor voz de todos.

O vigor de "Miséria", "Medo", "Racio Símio" asseguraram aos fãs que a banda continua com capacidade de aliar peso, simplicidade e letras inteligentes. Os detalhes das versões no disco são impossíveis de serem reproduzidos mas, ao vivo, as músicas ganham maior convicção. A bizarra listagem de doenças de "Pulso" — "rancor, cisticercose, caxumba, difteria / ... / sífilis, ciúme, asma, cleptomania" — causou um misto de riso e asco, que foi um dos pontos altos do show.

A eficiência instrumental de sempre foi responsável por uma performance empolgante e coesa. Charles estava num dia endiabrado. Do alto de um praticável, ele demolia a bateria com seus golpes precisos.

A surpresa da noite ficou por conta das covers de "Stir It Up" e "Catch a Fire", de Bob Marley, ensanduichadas entre "Go Back" e "Marvin". A partir da dobradinha "O Quê" / "Comida", o aumento crescente de temperatura só foi interrompido pelo funkzinho aguado de "Faculdade" e "O Camelo e o Dromedário", longa demais. Mas logo "Diversão" retomou o ritmo, que chegou ao clímax em "Bichos Escrotos".

Para o bis, foram reservados os hits que não podem deixar de comparecer às apresentações titânicas: "Polícia", "Massacre" e "Porrada" finalizaram a jornada com a platéia suada e ainda querendo mais.

Os Titãs se despediram abraçados. Provaram, mais uma vez, que são uma das melhores bandas brasileiras em cima do palco.

BIA ABRAMO

AN McCULLOCH

Para abrir seu show, Ian McCulloch (ou a gravadora ou os promotores) fez uma escolha infeliz. Os Corn Dollies parecem uma versão de terceira classe dos Bunnymen: voz, guitarras e até a postura de palco — com poses calculadamente "casuais" — imitam ponto a ponto as antigas performances do quarteto de Liverpool. A situação fica ainda pior quando adicionam um "violonista" à formação, tentando sofisticar seu *indie rock* requentado. Felizmente, porém, a tortura dura pouco.

Ao som de "Sound of Music", na voz de Julie Andrews, Ian McCulloch e sua banda, carinhosamente apelidada de Prodigal Sons (Filhos Pródigos), sobem ao palco. A iluminação nesse momento é simples e bela, e permanecerá assim durante o resto da noite.

Ian pega uma guitarra e o show começa suavemente com "Flickering Wall", seguida de "White Hotel" — as duas faixas que abrem o recém-lançado *Candleland*. Nos primeiros momentos, a banda parece insegura e desentrosada. Aos poucos, porém, cada elemento encontra seu lugar, fazendo com que a música se torne mais fluida e natural.

Para Ian McCulloch, esta primeira turnê é um grande teste. Depois de tantos shows antológicos ao lado dos Bunnymen, como ele se sairá com outros músicos no palco? Será possível sobreviver sem a bateria poderosa de Pete de Freitas, ou os riffs mágicos da guitarra de Will Sergeant? Será que ele terá de seguir eternamente na sombra musical do Echo & The Bunnymen? Ou será que, algum dia, as pessoas vão esquecer que ele já foi uma peça (fundamental) na história de uma das maiores bandas da década de 80?

Enquanto pondero essas questões, sofro a primeira decepção da noite: o público, até então calmo, grita e aplaude ao reconhecer os primeiros acordes de "Rescue". Mesmo contra minha vontade, a comparação é inevitável — infelizmente, os "Filhos Pródigos" saem perdendo.

Depois de "Horses Head" e "Faith and Healing" — a faixa que está no novo single —, somos testemunhas de um momento de rara beleza. "Candleland" é dedicada à filha recém-nascida de Liz Fraser e Robin Guthrie, dos Cocteau Twins — que, por sinal, estão nos bastidores. Embora a voz de Liz, presente no disco, faça falta, a delicadeza e a magia da música estão lá.

Aproveitando o momento de calma, Ian nos apresenta a sua nova banda, sobre o arranjo suave de "I Know You Well". Os Prodigal Sons — a essa altura mais seguros de si — são submetidos a outra prova: "Killing Moon", a favorita de Ian e da maior parte dos antigos fãs, leva a platéia à loucura.

Dai para frente, todas as músicas parecerão menores, incompletas, inseguras. Um efeito inusitado, já que as canções que compõem o último bloco — "Proud to Fall", "Start Again" e "In Bloom" — são justamente as que tratam, diretamente ou não, da separação do Echo & The Bunnymen.

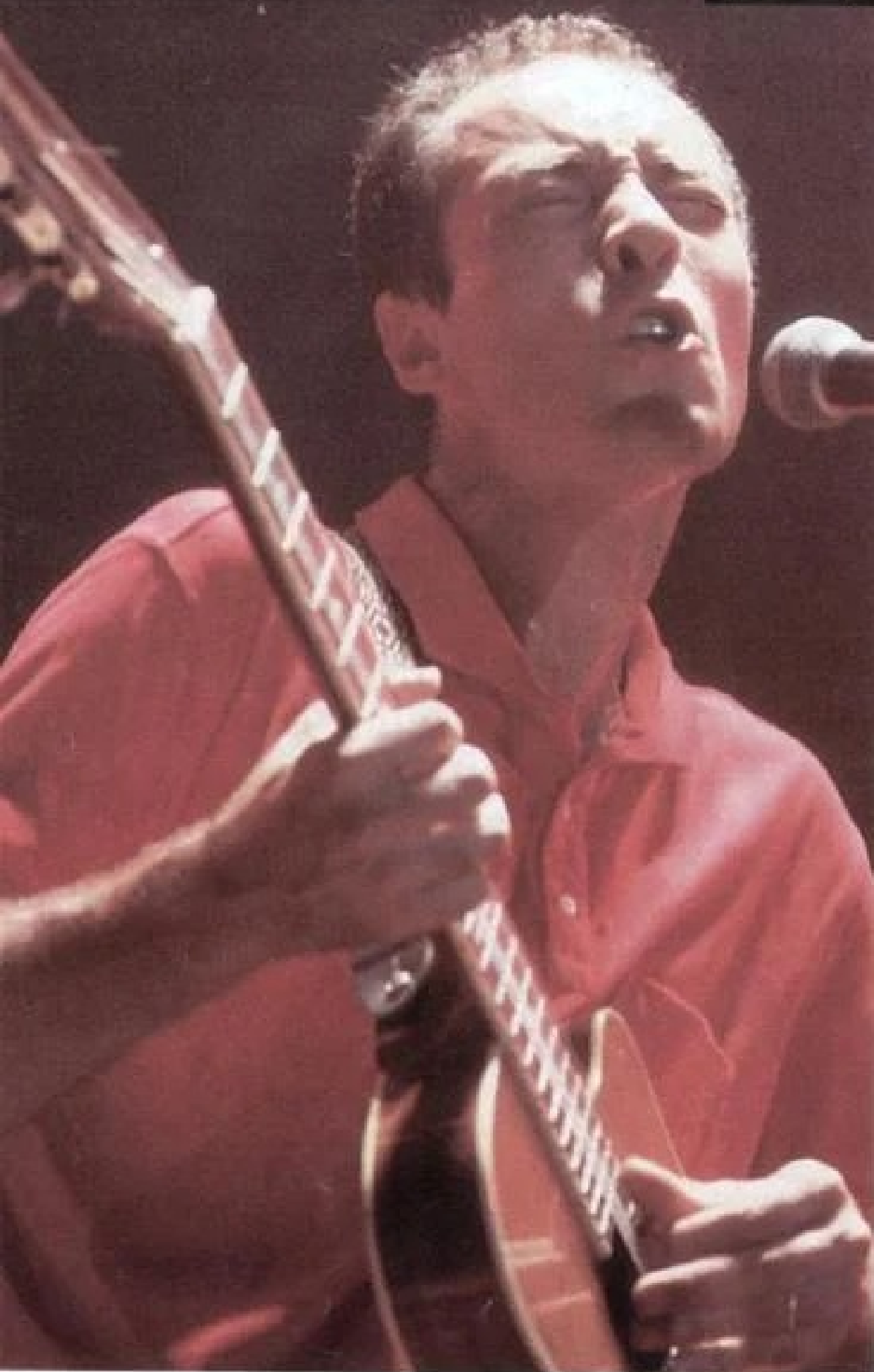
Não é fácil sair de uma banda tão significativa e tentar



criar, ou reafirmar, uma identidade artística própria, e Ian sabe disso. Como não esperava perfeição, deixo o Kilburn satisfeita — ainda que o fantasma do Echo & The Bunnymen tenha rondado o palco a noite inteira...

ARACIANA G. DE LEMOS

EDGARD SCANDURRA



Se o eterno melhor candidato ao título de "melhor guitarrista do Brasil" em seu primeiro trabalho solo optou pela auto-suficiência, para sua temporada ao vivo, ele inverteu completamente a situação. Não satisfeito em montar uma banda, ele reuniu nada menos do que oito amigos, estes visíveis, para acompanhá-lo em sua peregrinação pelo romantismo e pelo rock'n'roll.

No mesmo lugar em que o Ira! fez o lançamento de *Mudança de Comportamento* em 85, Edgard Scandurra deu um show de perfeito casamento de eficiência, técnica e paixão. Os músicos, reverentes, faziam coro: os bateristas Biba Meira (ex-De Falla) e Cláudio Fontes, os guitarristas Nelsão (Uma Banda Chamada Cavalo) e Fábio Golfetti (Violeta de Outono), o baixista Andrei Ivanovic (Vultos), as *backing vocalists* Natália Barros (Luni) e Laura Finokiari e sua mulher, Taciana, no comando dos teclados.

Vestido de maneira sóbria, calça cinza e camisa bordô de gola rulê, Edgard desfiou as doze canções de *Amigos Invisíveis* para uma plateia lotada. Muitos fãs do Ira!, mas também vários admiradores granjeados pelos anos de sua extensa e diversificada militância no rock paulistano compareceram para render sua homenagem.

Apesar da exuberância instrumental, os arranjos se mantiveram bastante próximos aos do vinil, mas ganharam energia e emoção. A voz de Scandurra, se não é excelente, tem convicção e firmeza suficientes para não merecer reparos.

"Estamos Neste Trem", abriu a noite, seguida de "Abraços e Brigas", enriquecida por um diálogo entre a guitarra de Edgard e a voz de Laura. A certeza de que estávamos diante de um dos melhores shows do ano veio na levada entusiasmante de "Gritos na Multidão". Para quem tinha saudade dos primeiros tempos do Ira! e dos áureos shows do Smack (como eu), a demonstração de atualidade e frescor de uma canção tão emblemática causou arrepios no fundo da alma.

O espírito do ídolo número um do guitarrista bai-

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

xou na versão pesada, encharcada de vigor roqueiro de "Our Love Was". Com sua candura (perdão pelo trocadilho irresistível), Edgard não esconde suas referências, assumindo com esse gesto sua inspiração em Pete Townshend.

A escolha da banda, que a princípio poderia parecer confusa, foi revelando surpresas ao longo do espetáculo. A sutileza dos teclados de Taciana, as preciosas intervenções de Fábio, o balanço do baixo estalado de Andrei se mostraram capazes de fazer a atenção se desviar por alguns minutos do endiabrado *frontman*. Dispensáveis e algo destoantes do clima geral eram as coreografias das duas *backing vocalists*.

Dono da situação, o normalmente tímido Scandurra nem se abalou quando Roger do Ultraje berrou um "Relaxa, Edgard!". Sorrindo, ele respondeu "pô, meu, até já gozei" e continuou mandando bala. Até as escorregadelas bregas de algumas letras, como "Vou Me Entregar Como Nunca", ficaram adoráveis executadas com sinceridade evidente.

O rápido bis trouxe mais uma vez "Gritos na Multidão" para reafirmar a conclusão inicial: para nosso prazer, o projeto solo de Edgard foi uma das melhores coisas que aconteceram ao rock brasileiro no último ano.

VIA ABRAMU

EDGARD, LAURA FINOKIARI E NATÁLIA BARROS



NAPALM DEATH

Algumas semanas atrás, perguntei a Adrian Smith, guitarrista do Iron Maiden, o que achava de bandas como o Napalm Death. Ele ri: "Uma piada!" Sua resposta espelha a reação do público em geral a este estilo, recém-saído dos lugares obscuros onde estava sendo criado para uma relativa luz do dia.

Chame-o do que quiser: hardcore, speed metal, grindcore, thrash, death metal... As diferenças são sutis, se não inexistentes, e definições precisas se tornam difíceis. Suas marcas registradas até agora: muita velocidade, peso e grunhidos incompreensíveis nos vocais. Há quem prefira chamar simplesmente de "barulho".

Se você for um deles, não sabe o que está perdendo...

A *Grinderusher Tour* reuniu quatro bandas inglesas que fazem seus colegas do final dos anos 70, como os Dead Kennedys e o Black Flag, parecer brincadeira de criança. Hoje, o hardcore resulta do casamento energético do metal e do punk mais a assimilação de outros elementos, como o funk. O público que compareceu à noite de encerramento da turnê refletia as mesmas variações da música: metaleiros, *crusties* (traduzível como "casca-grossa", são os principais ouvintes deste estilo, em geral moram em *squats*, não tomam banho e pedem esmola na rua) e outras tribos.

O primeiro grupo a se apresentar, o Bolthrower, não impressiona muito. Soa como o Napalm Death, mas falta convicção e personalidade. O *stage diving* se inicia com timidez.

Em seguida, o Carcass toma conta do palco. A ban-

da começou como um projeto paralelo do guitarrista Bill. Desde que deixou o Napalm Death, ao perceber que eles estavam ficando grandes demais e muito envolvidos no *music business*, se dedica a ela em tempo integral. A decisão se mostrou acertada: esta noite o Carcass brilha como ninguém. Alguns números são rápidos e ensurdecedores, mas a banda sabe quando tirar o pé do acelerador e investir no peso, além de aproveitar recursos incomuns neste tipo de som, como pausas e solos de guitarra. O *stage diving* começa a melhorar.

Desde a maneira de se vestir até a estrutura das músicas, o Morbid Angel está mais próximo do metal do que do hardcore. Para provar isto, o guitarrista arrebenta todas as cordas de sua guitarra na última canção. A assistência aplaude e a animação também contagiava o *stage diving*.

O começo do set do Napalm Death é interrompido por problemas de som. Os fãs aproveitam para pedir a volta de Lee, o ex-vocalista, substituído por um cantor muito inferior, que fala demais entre uma música e outra. Apesar disso, conseguem dar conta do recado tocando clássicos como "Dead", "Scum", "Mentally Murdered" e "You Suffer" — essa última quebrou o recorde de música mais curta do mundo, com apenas poucos segundos de duração. Eles não nos deixam esquecer que foram os primeiros a levar o gênero a extremos inimagináveis de velocidade e peso.

A essa altura, tem tanta gente no palco que fica impossível ver a banda. Na saída, a opinião é quase unânime: o Carcass, por ter explorado com acerto o formato básico, é o grande vencedor da noite.

PARANÁLIA S. DE LIMA

PAULO RICARDO

A
O
V
I
V
O



Ele ainda é o grande showman do rock brasileiro. É com essa certeza que deixou o Palace, na madrugada fria e chuvosa de São Paulo. As marcas do tempo, o fim do RPM, o descrédito da mídia e do público, nada conseguiu abalar o carisma de Paulo Ricardo, alimentado por um *sex appeal* natural, capaz — ainda uma vez mais — de levar o público ao êxtase.

Não foi nada fácil. O primeiro obstáculo a ser vencido era o próprio local escolhido para o show. Com preços proibitivos e localização ingrata, o Palace era a pior opção possível, como se pôde comprovar pelo público que compareceu à estréia. Algumas poucas fãs descalabeladas, cercadas por um punhado de casais bem-comportados, mal preenchiam metade das cadeiras. Outro problema — um pouco mais grave — era o próprio repertório, obrigatoriamente baseado no seu primeiro disco individual — um trabalho imaturo e confuso, incapaz de sustentar sozinho o ritmo de um show.

Claro que não bastaria recorrer aos antigos hits do RPM — um velho e desgastado truque, já aplicado nos últimos shows da banda. Assim, Paulo reuniu uma bela seleção de covers, estrategicamente colocadas entre as novas canções e os velhos hits, que compareceram em novas versões, bastante diversas das originais.

Com uma pequena ajuda do amigo Erasmo Carlos, Paulo enveredou pela cover de "Eu Sou Terrível", extraído do sucesso da jovem guarda uma sensualidade antes inexplorada. "Don't Let Me Down" e "Break on Through" ganharam versões corretas e emocionadas, sem ofender à memória dos Beatles ou de Jim Morrison. O grande destaque entre as covers, porém, foi "Walk on the Wild Side", de Lou Reed, onde Pau-

lo finalmente encontrou a harmonia rara entre o provocante e o contido, o malicioso e o ingênuo.

Mas o equilíbrio parecia abandonar o cantor todas as vezes que a banda — liderada pelo outro ex-repê-me Fernando Deluqui, na guitarra — acenava com uma faixa do novo disco. No palco, ficou ainda mais evidente o descompasso entre o manifesto veemente da letra de "Canções, Revoluções" e seu complemento musical, um roquinho sem imaginação. O mesmo desconforto ataca canções como "Sem Mim", uma balada que sucumbe aos vocais exagerados de Paulo Ricardo, ou a caricatural "A Arte de Fazer Amor", que confunde orgasmos com solos de guitarra. As exceções ficaram por conta de "A Fina Poeira do Ar" — uma das melhores faixas do LP, que ganhou brilho ao vivo, auxiliada por um belo solo do clarinetista Proveta — e "Indo e Vindo", um resgate vigoroso do bom e velho rhythm'n'blues.

Conferir um novo sabor aos antigos sucessos é algo que poucas pessoas conseguem. "Rádio Pirata" — que sempre teve mesmo cara de jingle — foi definitivamente sepultada neste show, não entusiasmando nem mesmo as fãs mais ardentes — que preferiram a versão funk de "Olhar 43", ou mesmo a beleza atemporal de "A Cruz e a Espada". Mas é em "Loiras Geladas" que a viagem no tempo se consuma, para espanto do próprio protagonista da história. A glória dos idos de 86 renasce na histeria coletiva das fãs que tentam desesperadamente chegar ao palco. O futuro pode ser incerto, o presente pode fazer parte do passado, mas resta pelo menos uma certeza: o rock brasileiro não seria o mesmo sem Paulo Ricardo.

MARISA ADAM GI

LOBÃO

Com sua personalidade carismática, envolvido pela aura de contestador da porcaria social vigente, o rei cabeludo do rock tupi lotou a casa na estréia de sua temporada no Palace, bocada para lá de bacana tomada pela moçadinha "chique" de São Paulo.

Majestosa cortina levantando. Som apoteótico no ar e eis que luzes coloridas rompem a penumbra revelando para a ansiosa platéia o famigerado Lobão. Cuidado!

As primeiras músicas vêm emendadas num fôlego só. Não se sente o tempo passar. O clima de festa é patrocinado por uma sucessão de hits radiofônicos do calibre de "Vida Bandida" e "Canos Silenciosos".

Depois do dinâmico bloco inaugural, o lobo abre o bôcão, mostra os dentes e desata a falar. Mau costume no qual persistirá entre um número e outro até o final do espetáculo. Ele comenta que é lorota o fato de seu parceiro eventual, Cazuza, ter "collorido" e faz coro com a platéia num insistente "Olê, olê, Lula". Por sinal, as eleições foram um tema constante de confraternização entre artistas e público no período entre os dois turnos. Também discursou com desenvoltura sobre a ressurreição em vida do ex-Mutante Arnaldo Baptista, o homenageado do ano, para em seguida detonar sua boa versão de "Sexy Sua", inédita do compositor paulista, gravada em seu último LP, *Sob o Sol de Parador*.

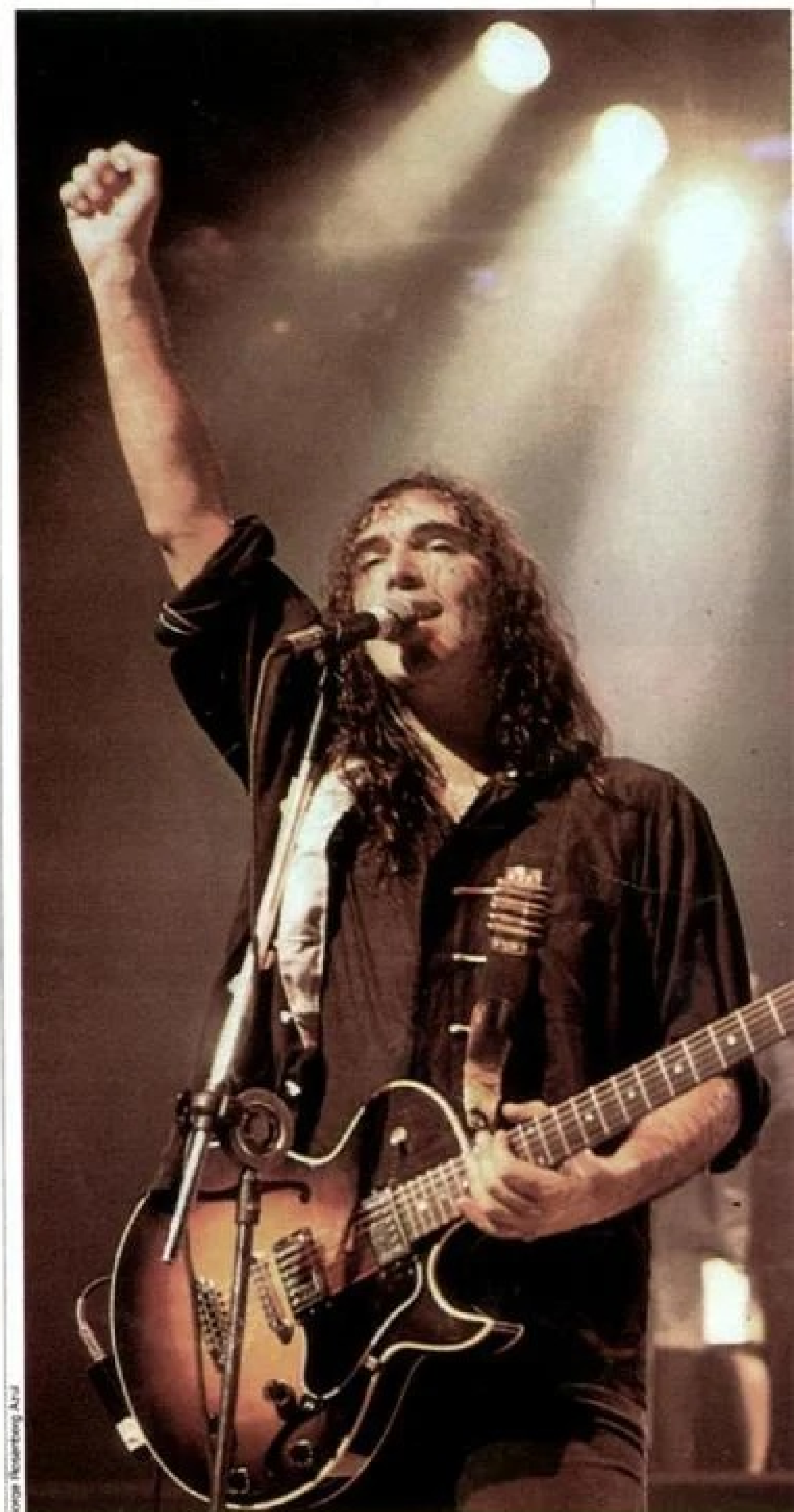
Lobão, que nunca conseguiu fazer um disco à altura do punch revelado nos shows, mantém o público aceso, sem perdão, secundado por uma *big rock band* com tudo que tem direito: desde teclados e percussão discretos e competentes, cheios de swingue negro, até a pentelhação saxofônica que acaba pasteurizando os arranjos.

O ponto mais positivo foi a substituição do veterano Marcelo Sussekkind, ex-Herva "Venenosa" Doce, que injetou sangue novo na veia com a malandragem roqueira de Nani Dias e sua guitarra solo à *la* Guns N'Roses.

Quando a massa já está devidamente aquecida, ele dispensa os músicos para uma descontração no camarim, enquanto proporciona aos fãs uma interminável sequência de baladas, recebidas com surpreendente ânimo pela multidão. Aplausos mil ao fim de cada canção... e tome balada! Foi tanta enrolação que até o percussionista, provavelmente cansado da solidão etélica do *backstage*, saiu pelo meio da platéia desfilando seu chapeuzinho de Daniel Boone.

Depois do lento martírio à base de "Me Chama" e semelhantes, a banda volta para a latina "Esta Noite Não". Alguns antigos sucessos como "Decadence avec Elegance" e "Corações Psicodélicos" fazem o pessoal dançar, como na época em que o grande lobo pós-Blitz estava mais preocupado com os pés da garotada e ainda não andava às turras com a lei, o que acabou por moldar sua persona pública como o "Rebelde Defensor da Liberdade Juvenil".

Com a oportuna "Quem Quer Votar", Lobão dá o show por encerrado, mas retorna com o inevitável bis.



Nada de "O Rock Errou". Quem esperava uma boa dose de energia para embalar a continuação da noite teve de se contentar com o hit do momento, "Esta Noite Não". Bis com a cara do show, sempre perdido entre os clichês do rock de arena e o poder do verdadeiro rock'n'roll.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

SANGUINHO NOVO



FERNANDO NAPORANO E ARNALDO BAPTISTA

rão contagiariam os poucos punks presentes ao Aeroanta com seu thrash curto e grosso.

O Vyzadoq Moe foi o destaque da segunda noite. Nunca o vocalista Fausto Marthe exercitou seu carisma de forma tão brilhante, destilando seu ódio em vocais teatralizados sobre uma massa compacta de guitarras — força motriz de novas composições como "O Duo e seus Dons" ou "Viva Iansã".

O rock "funkeado" do Sexo Explícito foi o responsável por outro bom show, no qual sobressaíram os vocais atípicos de Rubinho.

Coube ao Fellini, na última noite, a tarefa de preparar o terreno para a chegada de Arnaldo Baptista com um show vibrante, que incluiu uma música inédita: "O Destino". O Maria Angelica veio a seguir, pronto para conquistar a plateia com os vocais apaixonados de Fernando Naporano e o rock visceral das novas composições (especialmente "Step Motherly").

Já na madrugada de domingo, Fernando anunciou a entrada de Arnaldo Baptista no palco, quebrando um jejum de mais de seis anos. A plateia, incrédula, foi ao delírio no momento que o ex-mutante assumiu os teclados e os backing vocals em "Te Amo Podes Crer". Em seguida, a grande surpresa da noite: "Navio de Loiras", uma composição inédita capaz de deixar o mais frio espectador com um nó na garganta.

Subindo ao palco pela segunda vez no evento, os 3 Hombres iniciaram a apresentação com Arnaldo tocando "Heart of Stone", dos Rolling Stones. Depois da já esperada "Dia 36", chegava a hora do ex-mutante assumir os vocais para uma eletrizante cover de "Rocket Man", de Elton John.

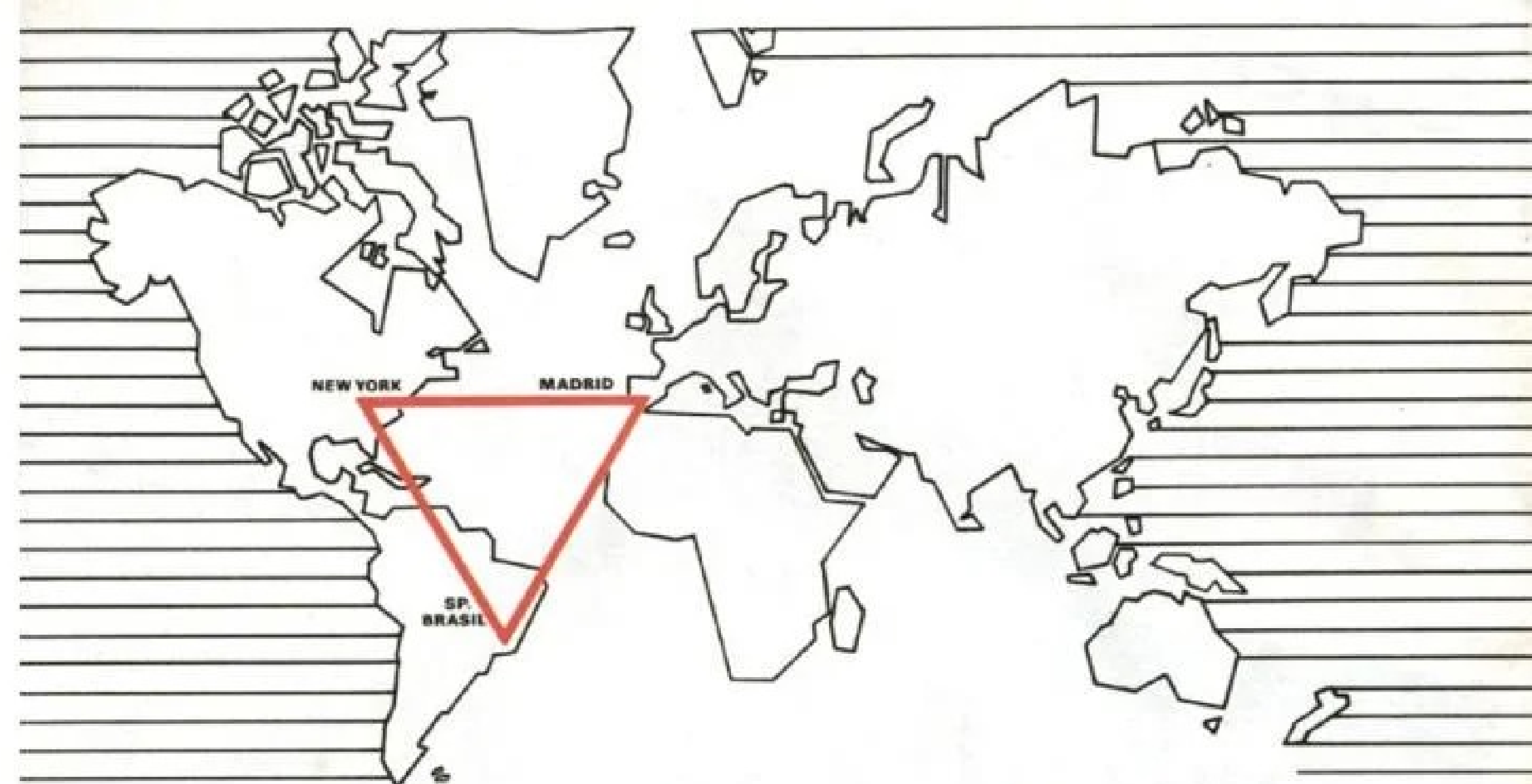
Era o fim da festa. Mas restava para o público que compareceu ao Aeroanta naquela noite de sábado a certeza de haver presenciado um momento histórico. A poesia de Arnaldo viverá para sempre.

MARISA ADAM (3)

FE



FAUSTO MARTHE E FERNANDO (VYZADOQ MOE)



Record Runner®



LP's • CD's • VÍDEOS • POSTERS • IMPORTADOS • "RARITIES"
Av. Faria Lima, 1684 • Shopping Vitrine • Sobreloja 37 • (011) 813.3017 • Cep 01452 • SP • Brasil
New York : 5 Jones St. • Madrid : San Bernardo 5

SEDEX A COBRAR • ENTREGA
URGENTE • PAGUE AO RETIRAR



ENCOMENDAS ESPECIAIS
LANÇAMENTOS SIMULTÂNEOS

Ouçã e veja o que não teve no hollywood

Rock

As maiores bandas do momento



TRANSAMÉRICA FM vai trazer para você o melhor do rock internacional — aquilo que infelizmente você não pode ver “ao vivo”.

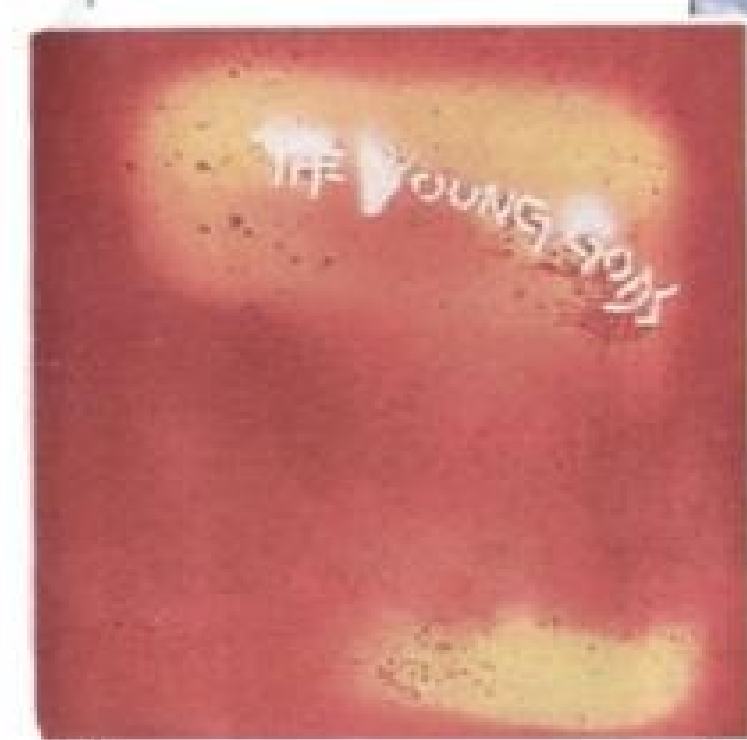
Responda as seguintes perguntas e concorra:
Quais destas bandas são de Los Angeles e qual das seis você mais gostaria de ver no Brasil. Mande sua carta para a Rádio Transamérica FM mais próxima de sua casa e fique ligado para ganhar um LP especialíssimo para sua coleção, que você nunca encontrará à venda, com as fotos e músicas destas bandas.

Recorte este cupom e coloque no envelope: Promoção WEA — SÃO PAULO: Rua Pio XI, 1587 — Alto da Lapa — CEP: 05060, S. Paulo • **RIO DE JANEIRO:** Rua São Francisco Xavier, 961 — CEP: 20.550, Rio de Janeiro • **RECIFE:** Rua Gervásio Pires, 332/15º andar — CEP: 50.000, Recife • **SALVADOR:** Rua Pedro R., 28H — Federação — CEP: 40.000, Salvador • **BRASÍLIA:** Brasília (IA — SRTVN — Quadra 701) — Iate B — Asa Norte — CEP: 70.000, Brasília • **CURITIBA:** Rua Amoury Lang Silvério, 188 — Piazinho — CEP: 80.000, Curitiba



L'EAU ROUGE (THE RED WATER) — THE YOUNG GODS

(PLAY IT AGAIN SAM/STILETTO)



De 86 para cá o rock europeu viu-se abalado pela iniciativa (não programada) de um punhado de artistas que, em última instância, buscavam sua desalienação do tradicional modelo anglo-saxão. Assim, formações como o Laibach (Iugoslávia), Pankow (Itália), KMFDM (Alemanha), La Muerte (Bélgica), The Last Drive (Grécia), Sandmen (Dinamarca), Gore (Holanda), Sator (Suécia) etc. passaram a propagar visões que apontavam rumo a uma utopia musical: um oásis sem fronteiras que acolheria esta multidão de etnias e ideais. Dentre todos estes sedicionários, o mais radical e articulado veio da Suíça: The Young Gods.

Há dois anos, eles agradeceram os tímpanos mortais com seu homônimo álbum de estréia: um estranho artefato prenhe de um *bruitism* neolítico e referências elementais. Nem mesmo a notória xenofobia inglesa foi capaz de evitar que eles (mesmo cantando em francês) fossem considerados as grandes promessas de 87 e que seu LP — via *Melody Maker* — abocanhasse o prêmio de melhor da temporada. Agora, os Young Gods voltam à carga com *L'Eau Rouge*, trabalho que os consagra definitivamente como o grupo n°1 importante da atualidade. Aqui pulsa uma música que desconhece quaisquer demarcações, que flui à deriva, expandindo-se por estradas sem fim.

O dinamismo que os impulsiona para a frente é Franz Treichler, talvez o último xamã, o último possuído do século XX. Sua voz é o eco do nada, uma eructação infernal que brilha no ar com uma violência tão inteira e desesperada que nos sinaliza com a possibilidade de uma calma idéia da própria violência. Isto nada tem, todavia, de tranquilo ou marfinizado. Em verdade, esta calma idéia de violência insurge-se contra a própria existência, contra o eterno embate entré Eros e Thanatos (do qual se nutre), ao propor arrancar a arte do supremo esvaziamento: o silêncio. Não menos vitais. Use Hiestand (baterista, um ex-pedreiro espe-

cializado em cortar lápides para túmulos) e Cesare Piss (guardião do D.R.O.S.S., sigla para o seu Digital Research For Optimum Sampling System) fornecem o anteparo acústico-eletrônico que se formula por meio de padrões rítmicos avassaladores, fraturas orquestrais e blocos sônicos traficados das mais inusitadas fontes — ideais para a catatonia ritualizada de Treichler. E é através deste revolucionário conglomerado de apetrechos que os Young Gods planejam a entronização do apocalipse.

Conforme prenunciado pelo maxi-single “L'Amourir” no final de 88, *L'Eau Rouge* revela-se ainda mais duro e metalizado que seu antecessor. Os trechos sampleados de cordas e guitarras, até então apenas insinuados, incandescem agora com a energia de uma supernova. Aliás, é preciso ressaltar que, com os Young Gods, o sampler foi projetado anos-luz à frente da simplória redundância com que vem sendo utilizado pela *acid house* e congêneres. Na dúvida, vale ouvir a introdutória “La Fille de la Mort”, em que, a partir de uma música de cabaré, um enxame de cordas nos afugenta rumo a um épico de contornos wagnerianos. Ou a guitarra ectoplasmática de Hendrix (filtrada de “House Burning Down”) incinerando sexo e vísceras em “L'Eau Rouge”, a canção.

Como se isso ainda fosse pouco, os Young Gods arremetem contra a carcaça do thrash e, para desespero dos bangers, pulverizam o gênero com um rolo compressor chamado “Longue Route”. *En passant*, o trio bestaliza-se em “Crier les Chiens”, celebra a empalgação feminina na “Rue des Tempêtes”, sangra a polca em “Charlotte” e, num derradeiro desejo de limpeza e expiação, enseja a própria morte em “Ville Nôtre”. As chamas ardem, a terra treme. Seja bem-vindo aos 90, os jovens deuses já estão entre nós.

ASTOR E CÍLIO DUARTE

D
I
S
C
O
S



REI MOMO — David Byrne (Sire/WEA)

Talvez o maior problema para a devida apreciação deste disco seja exatamente a quantidade de questões que ele levanta. Seria ele um desses safaris culturais do Primeiro Mundo entediado em busca da "autenticidade" e do "exotismo" do Terceiro? Ou, então, baseado em que o *establishment* crítico primeiro-mundista condena os Paralamas do Sucesso porque eles não soam "brasileiros" e afaga os experimentos de seus próprios pares? E nós, por que vivemos sempre esperando que o Primeiro Mundo nos leia, nos interprete, informe e endosse, nos diga o quão "autênticos" ou "modernos" podemos ou devemos ser?

O fato de *Rei Momo* atirar uma flecha muito precisa no coração do colonialismo cultural é o

seu grande trunfo, mas também uma de suas principais danças. Enquanto ficamos tontos debatendo interiormente estas e outras questões — saudabilíssimas e oportunas —, podemos tranquilamente passar ao largo do banquete de música que o disco oferece. Ou, pior ainda, desfrutá-lo como um *statement*, um ponto de vista, uma declaração, e não simplesmente como a grande festa — *unite*, por muitas vezes — que ele é. Byrne confessou aos amigos que a decisão de dedicar à música latina seu primeiro projeto totalmente solo foi muito simples: ele não queria mais se dividir entre a música que gostava e aquela que tinha de fazer profissionalmente com os Heads. Uma escolha intuitiva, singela, baseada no óbvio: mambo, merengue, *mapere, orisa* — e, no meio do embalo, o nosso samba — são tipos de música da maior qualidade, infecciosa, vital, contagiante, ritmicamente estimulante.

Fino apreciador de ritmos, Byrne escolheu a nata dos músicos latinos residentes em Nova York para executar sem artificialismo o que não chega a ser a sua leitura pessoal desses estilos, mas canções suas que, por acaso, adotam-nos. O resultado é uma grande festa, e a única chave para sua fruição é o abandono. E uma certa ingenuidade, coerente com a do *alter ego* de Byrne, que parece habitar todas as letras, olhando para um mundo incompreensivelmente complexo (e cruel) com um misto de espanto, curiosidade, loucura e deslumbramento.

Ana Maria Bahiana

próprios bons momentos. O egótico exercício de *Slave to the Rhythm*, com entrevistas e dez (!) versões da mesma música, de 85, estava mesmo destinado a ser, ao que parece, seu último suspiro. De *Slave* são decalcados alguns ritmos dançantes, e até o velho acordeão de "La Vie en Rose" volta em "Amado Mio", acompanhado de vocais em espanhol e francês e uma esdrúxula batucada. Putz. A.A.



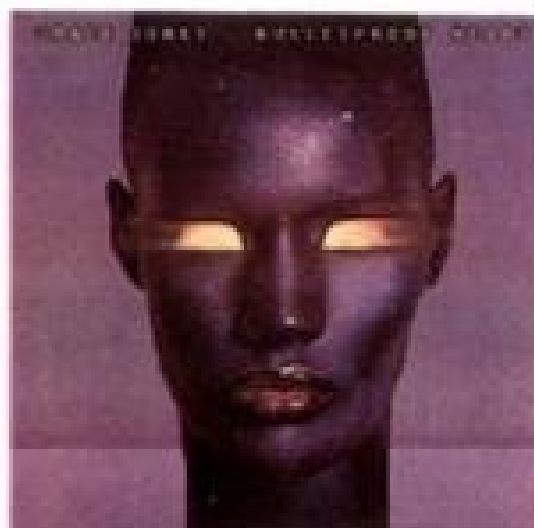
"BUSTER GOES BERSERK" — Buster Poindexter (RCA/BMG-Ariola)

A "ex-boneta de Nova York" David Johansen ataca novamente sob a identidade do *entertainer* Buster Poindexter, com este seu segundo LP. Em relação ao álbum de estreia, a principal alteração ficou por conta da mudança do diretor musical de seus impagáveis Banties of Blue (com Charlie Giordano assumindo o lugar de Joe Delia), o que pouco influir no estilo do grupo. Buster persevera em sua linha de celebrar bebedeiras e festas intermináveis, dando novas roupagens a antigas canções, dividindo duas parcerias com os metais dos Uptown Horns e temperando esta salada com muito jazz, funk e ritmos latinos. C.P.



HEART LIKE A SKY — Spondau Ballet (CBS)

Destinado a ser uma daquelas bandas de uma música só (taxativamente "True", de 83), o Spondau Ballet continua marcando toca, seguidamente sobrepujado por seus pares da new wave (particularmente o Duran Duran) e toda uma geração de neo-românticos, e hoje leva pan até de Rick Astley. Responsáveis por is-



BULLETPROOF HEART — Grace Jones (Capitol/EMI-Odeon)

Ainda que com mais garra do que em seu fraco LP anterior, *Inside Story*, Grace se limita aqui a parodiar seus

da pelas afiadas guitarras de Whitford e Perry e a cozinha a cargo de Hamilton e Kramer, que conduz o ritmo com a maior segurança. Um retorno marcante de um grande grupo. L.R.



WE TOO ARE ONE — Eurythmics (Arista/BMG-Ariola)

Nos idos de 83, o duo formado pelo tecladista/guitarrista David A. Stewart e a vocalista Annie Lennox parecia apontar novas direções para a corrente *new romantic* e o tecnopop em geral, com o hit "Sweet Dreams (Are Made of This)". Agora, em seu oitavo LP, percebe-se que seu aperfeiçoamento musical ocorreu apenas em relação à pro-

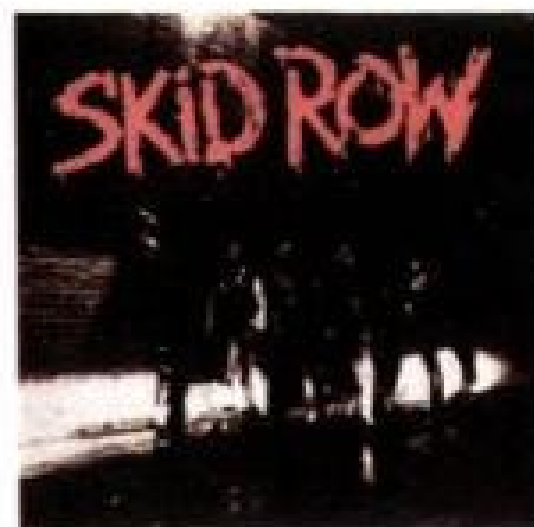
dução. As diferenças em termos sonoros ficaram por conta apenas de uma óbvia transição que consistiu em remodelar seu usual tecnopop em padronizações da *soul music*. Com arranjos empastelados pelo convencionalismo e as vocalizações "brancas" e perfeccionistas de Lennox, o duo apenas repete aqui as mesmas artimanhas que retiraram qualquer mérito de reinvenção de sua música. F.N.



PUMP — Aerosmith (Geffen/WEA)

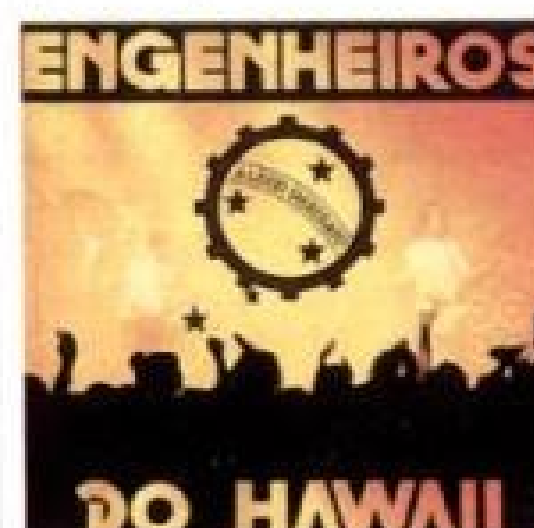
Depois das rusgas e da separação de tempos atrás, o Aerosmith atesta que acertou em cheio ao voltar à atividade com este LP. Um trabalho altamente contagiante, balanceado, com peso e sensualidade junto a boas harmonias vocais. São faixas quase emendadas umas às outras, numa sequência capaz de tirar o fôlego do ouvinte, com destaque para "Young Lust", "Love in Elevator", "Janie's Got a Gun" e "My Girl", além do blues "Don't Get Mad Get Even", e a balada de encerramento, "What It Takes". Em todas elas, mais uma vez fica comprovada a boa forma vocal de Steven Tyler, emba-

so são as fracas composições do guitarrista Gary Kemp. Elas até tentam decolar, com metaizinhos chupados de Phil Collins e o vocal garboso de Tony Hadley. Tentam. A.A.



SKID ROW (Atlantic/WEA)

Nos últimos tempos, o rock americano tem revelado inúmeros grupos heavy, sentindo que a maré está boa (principalmente em termos comerciais) para o estilo. O Skid Row é um destes grupos e mesmo antes de gravar já era comentado por várias publicações especializadas — devido às boas aberturas de shows que fizeram para bandas mais famosas. Este seu primeiro LP comprova que sua linha musical — calcada em Led Zeppelin e até mesmo Kiss e Bon Jovi — não traz nada de novo, mas ao menos é feita com eficiência, com guitarras cortantes e bom apoio de baixo e bateria. E é claro que não faltaram dois temas leves e melódicos, daqueles feitos especialmente para tocar nas FMs. L.R.



ALÍVIO IMEDIATO — Engenheiros do Hawaii (RCA/BMG-Ariola)

Este título viria a calhar caso o organizador da recente turnê que o trio empreendeu pela União Soviética tivesse se esquecido de providenciar as passagens de volta. Infelizmente, não é nada disso. O mesmo refere-se apenas aos "melhores momentos" do show que o grupo gravou em julho passado, no Canecão. Em meio à arenga ao vivo há duas faixas inéditas, uma das quais abrigando a metáfora *gesingeriana* "Meu coração é um porta-aviões perdido no mar, esperando alguém pousar". É como disse o sábio Frank Zappa: "A tortura nunca pára..." A.G.C.D.



THE SENSUAL WORLD — Kate Bush (EMI-Odeon)

Mais do que a *pop singer* consagrada por "Wuthering Heights" ou "Babooshka", Kate é uma dedicada compositora, arranjadora e produtora, sempre extremada no lirismo e no experimentalismo. *The Sensual World* deixa entrever, mais uma vez, por que ela é objeto de veneração na Inglaterra. Uma espécie de Peter Gabriel de saias, mas um Gabriel mais sinuoso, com menos ênfase nas percussões e mais nas levadas de contrabaixo, nas cordas, sopros e *barling vocal* exóticos. Com participações de John Giblin (ex-Brand X), Mick

Karn (ex-Japan) e o jazzista Eberhard Weber no baixo, David Gilmour (Pink Floyd) na guitarra, o trio Bulgarka (de vocalistas búlgaras) e uma dose inusual de malícia. A.A.



ISN'T ANYTHING — My Bloody Valentine (Creation/Cleto)

Dissonância, reverberação, microfonia, distorção, barulho e outros sinônimos em cada cantada sonolenta do segundo LP do My Bloody Valentine, enfim lançado no Brasil, como um soco tardio nos dentes sorridentes da geração *smiley*. My Bloody Valentine é o urro ensurdecedor que se quer os defensores da morte da gui-

tarra podem deixar de escutar. "Minha namorada sangrenta" fala de amor e morte no mesmo sussurro apaixonado, sob o peso sadomasoquista de distorções fatais. A perversão em seus melhores goros, em outra clássica aventura do rock. Duas gatas estonteantes e dois moços com os cabelos cortados à moda mongolide, cujo som deslocado mistura a suavidade dos anos 60 com o corte da navalha punk. O sangue corre nas bocas vermelhas. Guitarras que soam como sintetizadores no inferno envolvendo beijos de *candy*. O torpor da ira gravado às sete horas da manhã, após noites em claro tocando, à exaustão, o mesmo acorde perfeito, agressivamente. O cansaço e a depressão, a extrema ansiedade e a agitação na mesma dança caótica. Discrepância, choque, drogas químicas, rock. A delinquência juvenil retardada dos Ramones com um peso que os Pistols nunca sonharam existir. Anarquia no Reino Unido. Desculpem a falta de clareza, leitores, mas este disco é um delírio. Nos vemos na votação dos melhores de 89. M.P.



BIG BANG — Os Paralamas do Sucesso (EMI-Odeon)

Big Bang é o maior passo já dado pelos Paralamas. É bem maior que *O Passo do Lú*, o disco que emplacou vários hits do grupo. E grande o bastante para manter um pé em *Bora Bora* e outro na "Nebulosa do Amor".

De *Bora Bora* vêm os arranjos inconfundíveis, os diálogos entre o trio de instrumentos de base e o trio de metais, com os teclados de João Fera como contrapelo para os dois lados. Da "Nebulosa do Amor" vêm as novidades. A faixa que carrega este título é um samba-canção saboroso, de rara sensibilidade e letra inspiradíssima. "Se Você Me Quer" também se encaixa no bloco das novidades. Um sambinha pouco comum, com a melodia desenhada por um violão enquanto a letra é cantada/falada. O humor vai por conta

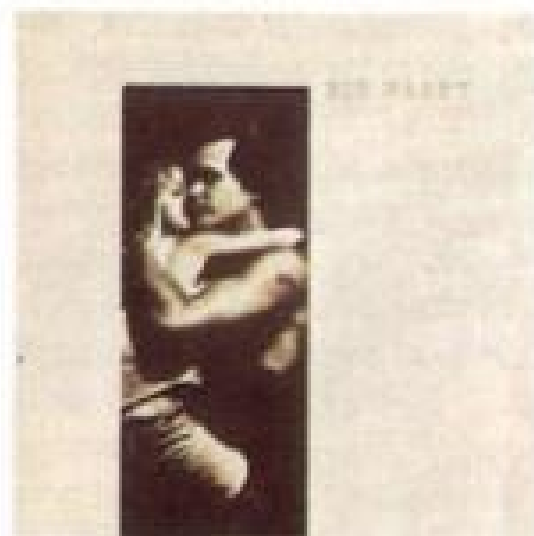
do "Rabicho do Cachorro Rabugento", que fecha o lado A, e sua versão repentinista, "Cachorro na Feira".

Mas os contrastes embutidos em *Big Bang* não derivam apenas da diversidade. Há, neste LP, uma verdadeira montanha-russa de erros e acertos. Enquanto "Pólvora" e "Bang Bang" surpreendem pela fertilidade do solo em que foram cultivadas, outras canções parecem mesmo flores artificiais. "Lanterna dos Afogados" é um desses casos. É absolutamente fria. "Lá em Algum Lugar" sofre do mesmo problema — agravado pelo meloso sax de George Israel, dispensável diante da fartura de metais que caracteriza a sonoridade dos Paralamas.

"Dos Restos", parceria de Herbert Vianna e Liminha, transita por vários estilos mas sem muita desenvoltura. Cada trecho é pontuado de forma muito explícita, diluindo um pouco a força de suas frases. "Perplexo" e "Esqueçam o que Te Disseram Sobre o Amor (Vai Ser Diferente)" trazem um instrumental rico e bem dosado, o que não ocorre em "Jubiabá", música vertida pelo compositor baiano Gerônimo. Sugere uma caricatura de lambada, no estilo global das babas de Luis Caldas.

A força de *Big Bang* está na criatividade que aparece em alguns de seus momentos felizes, em que música, letra e arranjo somam-se em um resultado equilibrado e despretenso. Quando a criatividade é ameaçada, *Big Bang* corre o risco de ser um passo menor que a perna.

Celso Masson



BIG DADDY — John Cougar Mellencamp (Mercury/PolyGram)

"Que mundo é este em que vivemos?" pergunta John Cougar Mellencamp na última faixa de *Big Daddy*, seu décimo álbum. A resposta está nas músicas que precedem "J. M.'s Question": um mundo sombrio, injusto, por vezes desesperador. Como nos discos anteriores, John Cougar enfrenta a decrepitude social dos EUA com um ponto de vista populista. Para Cougar, a solução está na recuperação dos valores básicos da vida no interior, na criação do país. Ocasionalmente esta perspectiva mostra-se utópica demais, mas os alvos do ataque de Mellencamp são

bem definidos (como Ronald Reagan em "Gentleman's Song"). No mais, ele prossegue cultivando uma sonoridade incomum para o pop, com rabeca, acordeão e banjos. J.E.R.



CHANGE — The Alarm (IRS/EMI-Odeon)

O Alarm sempre foi marcado por um travo de oportunismo, emulando, em início de carreira, o pique do Clash, e sucumbindo mais recentemente à síndrome do U2. A despeito da capacidade de compor boas canções, a solenidade que já era irritante na banda irlandesa, assumida sem muito critério por este quarteto ga-

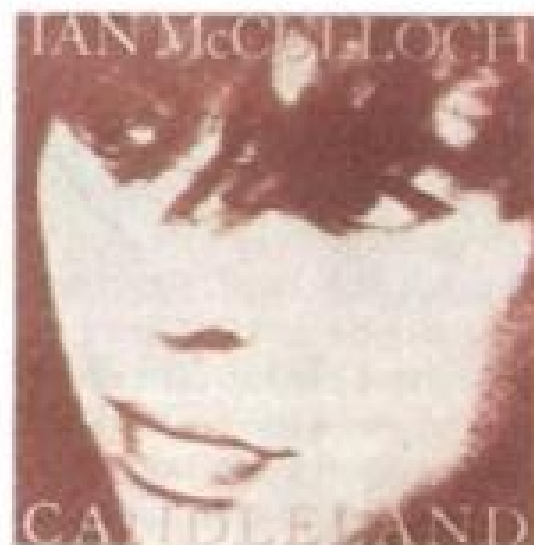
lês, os põe à beira do ridículo. Quem os salva em *Change* é o místico produtor Toni Visconti (Bowie, T. Rex), que dá um trato vigoroso a seu som. Mas a grandiloquência de "A New South Wales", faixa que fecha o disco, quase põe tudo a perder. O Test Dept. já fez mais pelo País de Gales em *Shoulder to Shoulder*, batendo lata, do que o Alarm pretendeu fazer com orquestra, coral e pieguice. A.A.



AT LAST — Lou Rawls (Blue Note/EMI-Odeon)

Aos 22 anos, ele já excursionava com Sam Cooke (que mais tarde cuidaria de seus contratos e com quem gravaria

em dueto "Bring It on Home to Me"), tendo ao longo de três décadas desenvolvido um trabalho mais do que respeitável no blues, gospel e soul. Talvez seja pelo peso deste notável passado que *At Last*, de Lou Rawls (segundo o encarte, seu 58.º álbum), soe um tanto decepcionante. Com um time de convidados irregular, produção e arranjos por demais convencionais, a grande voz de Rawls quase naufraga no LP, tendo como tábua de salvação o blues "Two Years of Torture" (de Percy Mayfield) e um clássico de Cooke — "That's Where It's At" —, cantado em dueto com Ray Charles. C.P.



CANDLELAND — Ian McCulloch (WEA)

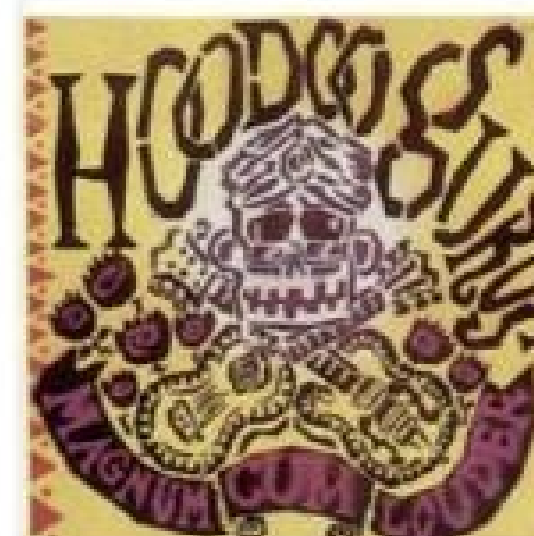
É natural esperar que o primeiro disco solo de um vocalista apresente um som semelhante ao de sua banda de origem. No caso de Ian McCulloch, porém, existe um agravante: a maioria das faixas deste *Candleland* parecem apenas rascunhos de composições do Echo & the Bunnymen, que dificilmente ganhariam espaço nos melhores LPs da banda. É o caso de "Faith and Healing", um interessante exercício de imaginação: o que aconteceria se o Echo tentasse imitar o New Order? Outro bom exemplo é "Horse's Head", uma reedição piorada de "Bring on the Dancing Horses". Ainda assim, o disco traz algumas boas canções, além de abrigar algumas das letras mais tocantes que Ian já escreveu. A produção irritantemente uniforme de Ray Shulman — responsável também pela maior parte dos instrumentos — não chega a sufocar, com seus teclados e cordas, as belas melodias de "I Know You Well", "Candleland" e "Proud to Fall" (um relato autobiográfico que soa como uma continuação de "The Game", do último LP do Echo).

Somente uma faixa consegue reeditar com sucesso as atmosferas densas que encantavam os fãs da banda de Liverpool. "Nada morre jamais", sussura Ian em "Start Again", que descreve as agruras de um reconejo. "Um dia", diz ele, "eu vou começar de novo. Eu me pergunto quando..." Que esse dia não demore muito. M.A.G.



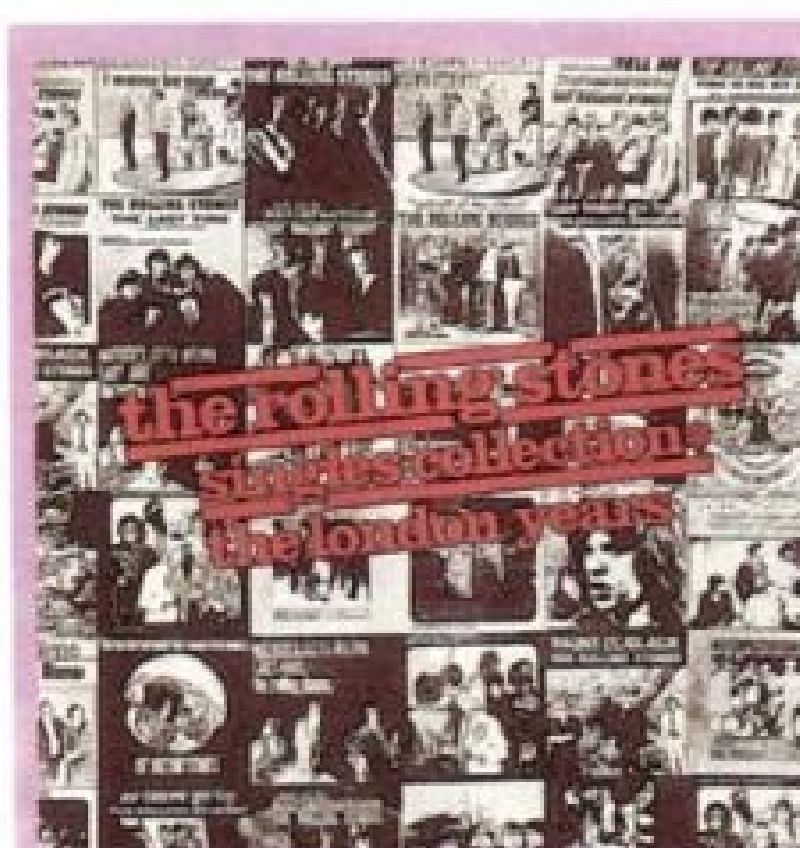
JANET JACKSON'S RHYTHM NATION 1814 — Janet Jackson (A&M/PolyGram)

A família Jackson parece sofrer de uma forma benigna de alucinação coletiva, na qual eles todos são pessoas especiais, escolhidas por alguma inteligência superior para cobrir nosso mundo conturbado de amor, paz e energias positivas. Como eles exercem este apostolado? Por sua mera existência na face da Terra — cantando, dançando. Este é o mito recorrente nos álbuns e vídeos da estrela máxima da família — Michael — e, como não poderia deixar de ser, da irmãzinha caçula Janet, em seu segundo álbum. Do título — "Nação do Ritmo" — ao "juramento" que abre o LP ("somos uma nação sem fronteiras geográficas"), quase todas as faixas trazem Janet pregando concórdia, ordem e progresso — felizmente, de maneira altamente dançável — ao estilo Jackson, com pausas para xaropos baladas de amor. A.M.B.



MAGNUM CUM LOUDER — Hoodoo Gurus (RCA/BMG-Ariola)

Atualmente radicado na Califórnia, o grupo australiano Hoodoo Gurus chega (tardamente) ao Brasil através de seu quarto LP, que traz um suculento extrato de tendências dos anos 60, notadamente o *mersey beat* e o rock de garagem. A novidade fica por conta da saída do baixista original, Clyde Bramley (substituído por Rick Grooman). Isso em nada prejudicou o pique dos Gurus, que brilham especialmente no hard rock psicodélico "Hallucination", no reverencial power-pop "Come Anytime" e no bem-humorado rock'n'roll "Where's My Hat". Es-



THE LONDON YEARS (THE ROLLING STONES SINGLES COLLECTION) — The Rolling Stones (Decca/PolyGram)

Uma onda de coletâneas em caixas de LPs e/ou CDs finalmente presenteia os fãs dos Stones, que agora têm uma compilação — no melhor sentido da palavra — de todos os compactos do grupo em sua chamada melhor fase (de 63 a 70) na gravadora Decca, cuja filial americana era a London (daí o nome do álbum). Nada mais apropriado: afinal, os Stones tinham uma proverbial obsessão pela cultura americana do blues e do rock'n'roll, chegando a preferir os EUA para gravar e até mesmo lançar muitos de seus compactos mais importantes, antes da Inglaterra. É esta coletânea de quatro LPs é bem fiel ao espírito urgente e anárquico que marcou os Stones desta época.

mesmo porque não consegue escapar de seus pequenos erros.

OK, os compactos (americanos e ingleses) estão todos aqui: do primeiro ("Come On", de 63) ao último ("Out of Time", 66, mas lançado em 75), eles se sucedem em ordem cronológica e independentemente de terem saído também em LPs originais — "I Can't Get No) Satisfaction", "Sympathy for the Devil" — ou não ("We Love You", "I Wanna Be Loved"). Pena que só tenhamos aqui os compactos simples: seus três compactos duplos bem que caberiam junto aos já generosos 185 minutos totais da coletânea, mas pelo visto terão de esperar por uma próxima caixa. E o som desta também nem sempre é o que se espera: por exemplo, "Heart of Stone" e "Honky Tonk Women" começam em estéreo, mas depois de um certo tempo transformam-se em mono — aos *stoumaniacos* mais fanáticos fica o convite para comparar as versões àquelas presentes nos dois volumes da coletânea inglesa *Hot Rocks*.

Entretanto, no câmpito geral, *The London Years* não chega exatamente a decepcionar a grande expectativa que cercou o seu lançamento. Seus grandes triunfos são ter resgatado várias raridades (como a faixa "Memo from Turner", primeira gravação solo de Jagger, de 69) e ainda trazer um livreto de 72 páginas com todas as letras e detalhes técnicos possíveis sobre cada faixa. Ponto para a PolyGram por lançar esta caixa no Brasil.

Artur Magnani Jr.



O CANTO DAS LAVADEIRAS — Martinho da Vila (CBS)

A melhor definição para este vigésimo primeiro álbum de Martinho da Vila poderia ser considerada a dele próprio, estampada na contracapa: "É uma loucura fina com forte gosto de samba, cheirinho de salsa e com sabor apimentado de semba. Este nosso novo som é pra balançar os corpos dos sobrinhos, acordar as jagatiricas que estão dentro das gatinhas e agitar as titias de sangue quente. É mesmo pra dançar". Dito e feito.

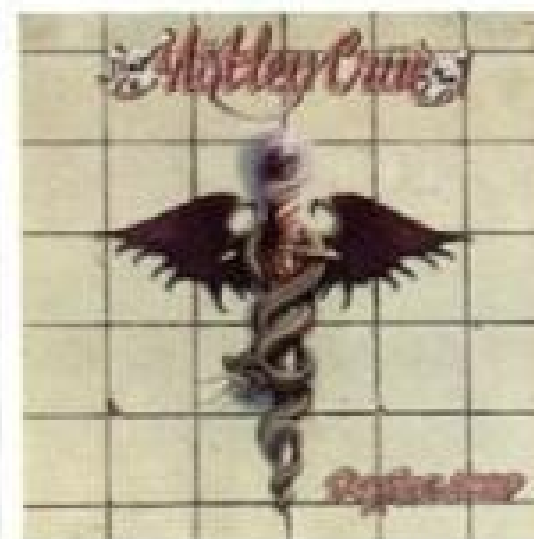
Seria uma tarefa quase impossível resistir ao charme e ao balanço deste *O Canto das Lavadeiras*. Martinho, sem renegar sua origem carioca nos terreiros e sambas-enredo de Vila Isabel, conseguiu provar de forma plena sua afinidade com os

mais diversos ritmos da música brasileira, extrapolando assim o mero rótulo de "sambista". Ou como ele mesmo cantou na faixa de abertura: "Pelos caminhos do som / vamos viajar / nas asas da Poesia / dos vários Brasis". Dessa maneira, o som de Martinho prosseguiu esquadriando o folclore capixaba ("Madalena do Jucu", "Congos do Espírito Santo"), mineiro ("Congada de Minas Gerais") e sergipano ("Bacamartes do Sergipe"), além de ter resgatado autores de Goiás ("Forro-bodô", de Wanda de Almeida), Santa Catarina ("Meu Boi Vadiou", de Alisson A. Motta) e Bahia ("Divino Santo Antônio", de Roque Ferreira). Uma "maravilha de cenário".

Nessa jornada, Martinho não esteve sozinho, contando com as preciosas colaborações do seu parceiro/arranjador/produtor de longa data — Rildo Hora — e também de um excepcional time de músicos e ritmistas (sem esquecer a valiosa participação do "Coral das Lavadeiras" em todas as doze faixas do disco). E também não deixou de lado o sotaque malandro de seu samba, tão bem representado em faixas como "Dancei" e "Beija, Me Beija, Me Beija".

Foi dessa mistura que se originou a força do "novo som" de Martinho, embasada em suas grandes interpretações (com um timbre vocal mais grave e seguro) e na inventividade dos arranjos de Rildo. Um som que delineou um verdadeiro mapa musical do Brasil (via África), mirando-se no interior do país para conseguir um resultado absolutamente universal, capaz de deixar David Byrne encabulado. Cebo Pucci

te último com direito à citação da melodia de "Lost Woman", dos Yardbirds. A.G.C.D.



DR. FEELGOOD — Mötley Crüe (Elektra/WEA)

Uma surpresa este disco do Mötley Crüe, pois com ele o grupo prova que apesar das poses e algumas frescuras que sempre cercaram a sua imagem, é capaz de fazer um convincente hard rock, com peso, entrosamento instrumental e bons arranjos, coisas que faltavam em seus LPs anteriores. O guitarrista Marse e o batera T. Lee demonstram toda sua competência e são os responsáveis pelos momentos mais

criativos do álbum, em faixas como "TNT/Dr. Feelgood", "Rattlesnake Shake" e "Kick Start My Heart". Se antes o Mötley Crüe era apenas mais um grupo heavy, agora com certeza já caminha para ser algo mais. L.R.



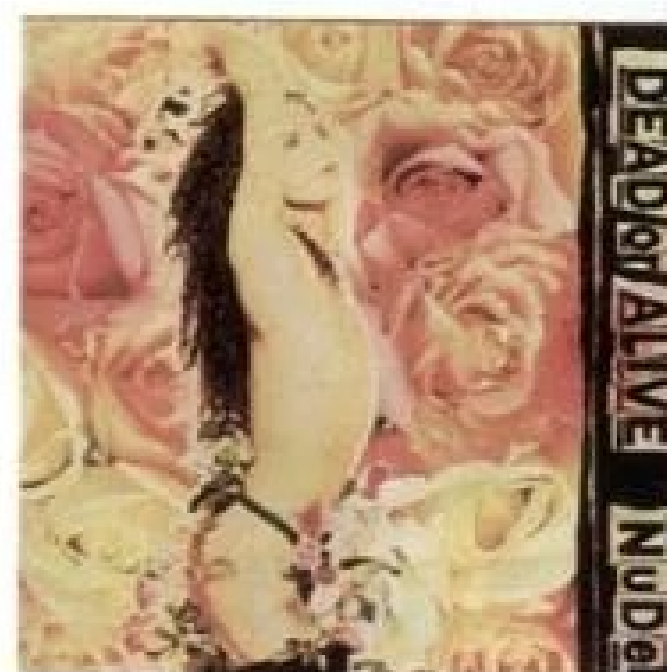
THE ROUGH TRADE SUMMER COLLECTION 1990 — Vários (Rough Trade/Stiletto)

Uma especial atenção deve ser dada a esta coletânea de criação nacional (tanto na escolha do repertório como na execução da capa), que traz uma significativa mostra do *rock* atual da afamada gravadora *indie*, nos dois lados do Atlântico. Pelas plagas ame-

ricanas, temos como maior destaque a estreia (mais do que defasada) no Brasil do Pere Ubu, antológico grupo de Cleveland formado em 1975 (!), com uma gravação ao vivo de "Ubu Dance Party". Mas também estão presentes outras boas tendências, como o original country rock do Souled American (na instrumental "Cup of Coffee") e do duo Miracle Legion ("Ladies from Town"), a neo-psicodelia do Opal ("Empty Box Blues") e até a voz da veterana baladeira Sandie Shaw (que foi resgatada por Morrissey em 84, com uma regravação de "Hand in Glove") interpretando "A Girl Called Johnny". Do lado britânico, vale ressaltar, ainda, "Love from Outer Space", uma das faixas do novo álbum do AR Kane, a bela balada country de Craig Davies ("Chrome Sweet Chrome"), o interessante resultado obtido pelo duo Shelleven Orphan ao misturar instrumentos elétricos com violinos e oboé ("Shatter"), além das faixas de duas bandas de Manchester: James ("Sit Down") e Easterhouse ("Redbird"). E bom verão 90. C.P.

Neste mês começaremos pelo rock mais pesado, que vem sendo lançado no Brasil em profusão. Senão, vejamos: os apreciadores do *black metal* desamparados pelo Black Sabbath e Ozzy têm no dinamarquês **King Diamond** um digno representante da classe, e o LP **CONSPIRACY** (Roadrunner/Eldorado) é um trabalho conceitual que dá sequência ao disco anterior (*Them*, ainda inédito por aqui). Já **CROSSOVER** (Roadrunner/Eldorado) é o segundo álbum do **D.R.I.** a merecer uma edição nacional, trazendo um violento e agressivo punk-thrash na linha do Napalm Death. Enquanto isso, a veterana titia **Alice Cooper** muda de casa e comemora os vinte anos de carreira com seu vigésimo LP, **TRASH** (Epic/CBS), em que continua insistindo em seu circo de horrores (agora com participações de gente do Aerosmith, Toto e até Bon Jovi). Apesar de algumas guitarras marcantes, o título do álbum não poderia ser mais adequado. O marasmo prossegue através do LP **DIRTY ROTTEN FILTHY STINKING RICH** (CBS), do quinteto *poseur* americano **Warrant**: tudo muito de acordo com sua imagem, mas sem trazer qualquer novidade para o gênero. E o famigerado clone do Led Zeppelin, o **Kingdom Come**, está de volta com seu segundo álbum — **IN YOUR FACE** (Polydor/PolyGram) —, em que mantém a mesma linha do primeiro (na certa, com o intuito de vender outro milhão de cópias). Não se engane, prefira o original. Mudando de área, temos o LP **NUDE** (Epic/CBS), com o pop banal do andrógino **Dead or Alive**, um disco que apresenta de mais interessante a sua capa, na qual o vocalista Pete Burns posa como uma mistura de São Sebastião e Eva no Paraíso, só faltando as flechas e a maçã. Do pop inglês também vem o sexteto **Deacon Blue** com o LP **WHEN THE WORLD KNOWS YOUR NAME** (CBS): excetuando-se alguns bons momentos da vocalista Lorraine McIntosh, um disco perfeitamente dispensável e marcado pela mesmice. Na seção dos que persistem e não desistem, temos de novo a presença de **Elton John**, cujo título de seu último trabalho, **SLEEPING WITH THE PAST** (Rocket/PolyGram), poderia servir de aviso para ele mesmo, apesar de ser dedicado ao seu "eterno parceiro" Bernie Taupin. De deixar saudade da antiga inspiração da dupla. Outros que não tomam "simancoi" são os integrantes do **Starship** (agora comandado pelo guitarrista Craig Chaquico). O álbum **LOVE AMONG THE CANNIBALS** (RCA/BMG-Ariola) prova que o grupo não tem quase mais nada a dizer (ainda mais com a volta do Jefferson Airplane). Por fim, chegamos à área nacional, de onde surgem dois surpreendentes compactos simples independentes:

um é o *thrash metal* do grupo mineiro **Chacal** em **LIVING WITH THE PIGS** (Cogumelo) e o outro — **MEIOS**, (Purnada Ypranada) — traz o rock inteligente do grupo gaúcho **Colarinhos Caóticos** (ver *Conexão Brasil* desta edição). E para deleite dos fãs de **Maria Bethânia** foi lançada a coletânea **VERDADES E MENTIRAS** (RCA/BMG-Ariola), com temas que se tornaram marcas registradas na voz da cantora baiana.



1938

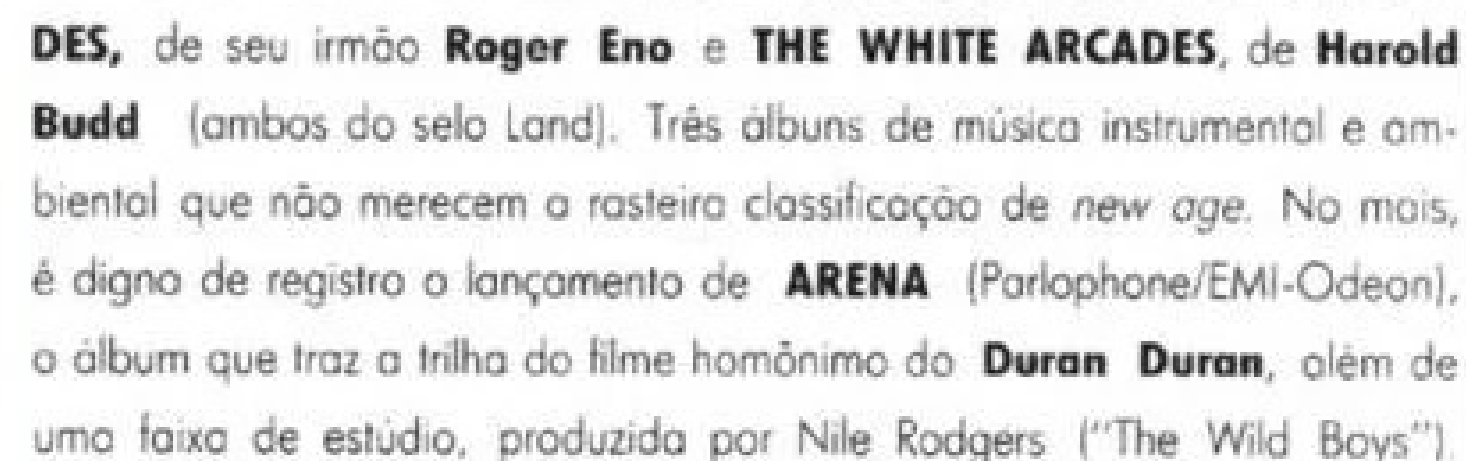
Se você acha o surf uma aventura, espere até ouvir esta história. Uma história de coragem, de ação, de emoção e de pioneirismo. E a "História do surf no Brasil", o livro que a Fluir está lançando, são 200 páginas contando tudo sobre as ondas que rolaram nos últimos 50 anos, fazendo do surf o esporte dos anos 90. Entre nesta barca. **A história do Surf no Brasil. Em breve nas bancas.**



1988

FLUIR

Em se falando de CDs, os *zeppelinmaniacos* têm motivos de sobra para se rejubilar. Depois da edição no ano passado da trilha sonora do filme ao vivo da banda, agora estão sendo lançadas nada menos que os seus outros oito álbuns de estúdio — **LED ZEPPELIN I, II, III, (SEM TÍTULO), HOUSES OF THE HOLY** (todos selo Atlantic/WEA), **PHYSICAL GRAFFITI, PRESENCE, IN THROUGH THE OUT DOOR** e a coletânea póstuma **CODA** (estes quatro últimos selo Swan Song/WEA). Mesmo em *compact disc*, "a canção permanece a mesma...". Mas não é só: por sua vez, a gravadora Siiletta editou seu primeiro pacote de CDs, que além de contar com os álbuns **FRONT BY FRONT** do **Front 242** e **VINI REILLY** do **Durutti Column** (selos RRE e Factory, respectivamente, ambos já existentes em vinil), traz também três exclusividades: os lançamentos apenas em *compact disc* de **MUSIC FOR FILMS VOL. 3**, de **Brian Eno** (selo EG), **BETWEEN TI-**



ÓTIMO

BOM

INTERESSANTE

RAZOVÁVEL

FRACO

NEW ROCK

THE CULT
REF: 120
COR: BR.

SONIC TEMPLE
REF: 142
COR: BR, CINZ

ALGODÃO
REF: 108
COR: BR, CINZ

TÍTAS
REF: 168
COR: BR.

TAM: P.M.E.G.
REF: 163
COR: BR, CINZ

PREÇOS:
MALHA COMUM: NO: \$ 300,00
MALHA ESPECIAL: NO: \$ 530,00

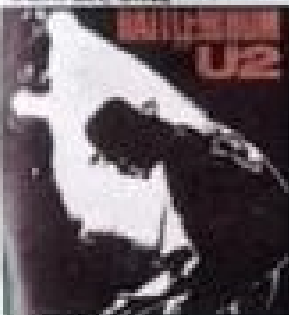
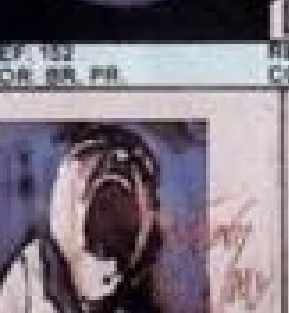
LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

NOVA COR!

ESTAMPAS EM QUADRICOMIA!

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA REVENDEDORES.

FONE: (011) 280-2952

 REF: 125 COR: PR.	 REF: 136 COR: PR.	 REF: 097 COR: PR.	 REF: 008 COR: BR, CINZ.	 REF: 167 COR: BR.	 REF: 150 COR: BR.	 REF: 112 COR: BR.	 REF: 150 COR: PR.	 REF: 149 COR: BR.
 REF: 090 COR: BR, PR.	 REF: 181 COR: BR, CINZ.	 REF: 152 COR: BR, PR.	 REF: 144 COR: BR, CINZ.	 REF: 171 COR: PR.	 REF: 162 COR: BR, PR.	 REF: 141 COR: PR.	 REF: 135 COR: BR.	 REF: 166 COR: BR.
 REF: 148 COR: BR.	 REF: 158 COR: BR.	 REF: 176 COR: BR.	 REF: 115 COR: BR.	 REF: 135 COR: BR.	 REF: 045 COR: BR.	 REF: 165 COR: PR.	 REF: 156 COR: BR, CINZ.	 REF: 164 COR: BR, CINZ.

* ATENÇÃO! A CAMISETA NA COR CINZA ESTÁ DISPONÍVEL SOMENTE NA MALHA ESPECIAL.

NEW ROCK camisetas.

COMO COMPRAR: (Leia com atenção)

— **SEDEX A PAGAR:** VOCÊ SÓ PAGA AO RETIRAR A ENCOMENDA NO CORREIO DE SUA CIDADE, O TEMPO DE ENTREGA É DE **48 HORAS** APÓS A POSTAGEM, OS PREÇOS VARIAM DE 20,00 A 200,00 CRUZADOS, DEPENDENDO DO PESO E DA LOCALIDADE.

IMPORTANTE: SÓ ENVIAREMOS SUA ENCOMENDA PELO SEDEX, SE A **TAXA MÍNIMA DE 80,00 CRUZADOS FOR ANTECIPADAMENTE PAGA**, CASO CONTRÁRIO, ENVIAREMOS SEU PEDIDO COMO ENCOMENDA SIMPLES.

— **ENCOMENDA SIMPLES:** VOCÊ SÓ PAGA AO RETIRAR A ENCOMENDA NO CORREIO DE SUA CIDADE. O PRAZO DE ENTREGA É DE 15 A 25 DIAS.

RUA CAPOTE VALENTE, 540/21
05409 - SÃO PAULO - S.P. FONE: (011) 280-2952

PREFIRO COMPRAR DA SEGUINTE MANEIRA: X123-95

() SEDEX (URGENTE) () ENCOMENDA SIMPLES

TIPO DE MALHA: () COMUM () ESPECIAL

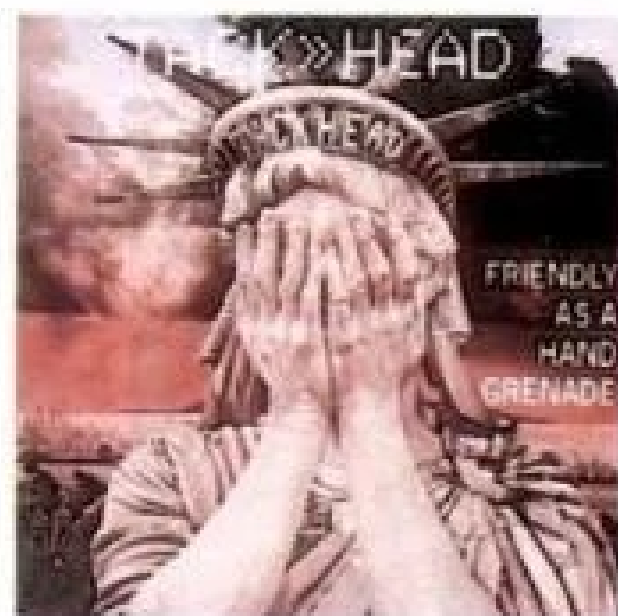
TOTAL DA COMPRA:

REF	COR	TAM	REF	COR	TAM

NOME: _____ FONE: _____

END: _____ Nº: _____

CIDADE: _____ EST: _____

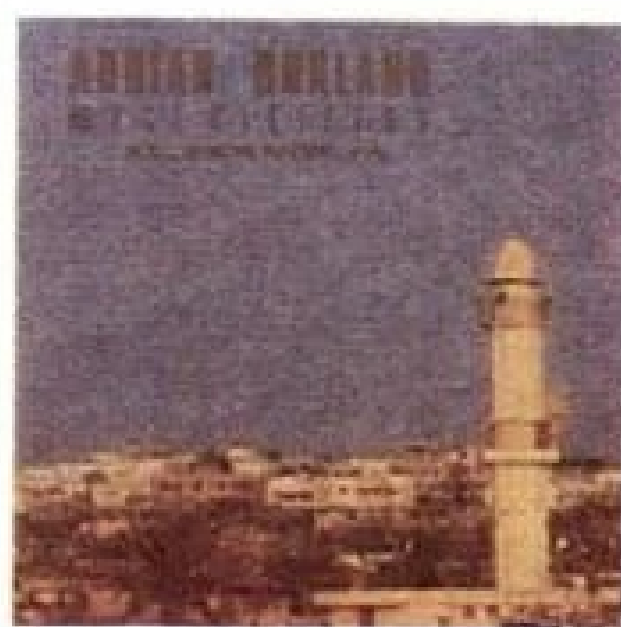


Mesmo somando cinco anos de atividade, o **Tackhead** permanece sendo um dos mais bem guardados segredos do planeta. Instável por natureza, o grupo atualmente consiste do mixologista, *expert* em produção e criador do selo On-U Sound, Adrian Sherwood, do cantor Bernard Fowler (ex-The Pech Boys) e do power-trio que sedimentou as bases do rap no selo Sugar Hill: Skip McDonald (guitarra), Doug Wimbish (baixo) e Keith LeBlanc (bateria). À exceção de Fowler, o grupo já havia se reunido nos LPs *Major Malfunction* (86), creditado a Keith LeBlanc, e *Tackhead Tape Time* (87), gravado junto com o rapper britânico Gary Clail. Tendo seu Q.G. num subúrbio de Londres, só agora chegaram ao seu primeiro LP, **FRIENDLY AS A HAND GRENADE** (World). Uma furiosa bricolagem de *dub*, funk pesado, heavy metal, *ska* e ruídos, amarrada por um discurso político radical e contestador.

Excêntricos veteranos do underground californiano, **The Residents** continuam fazendo jus à fa-

ma de geniais com o seu novo LP, **THE KING AND I** (Torso), em que homenageiam/parodiam nada mais nada menos que Elvis Aaron Presley, ícone-mor do rock'n'roll. Ao todo, são dezesseis releituras impossíveis para hits do "Rei", entremeadas estrategicamente por uma irônica historietta (narrada em cinco partes) chamada "The Baby King".

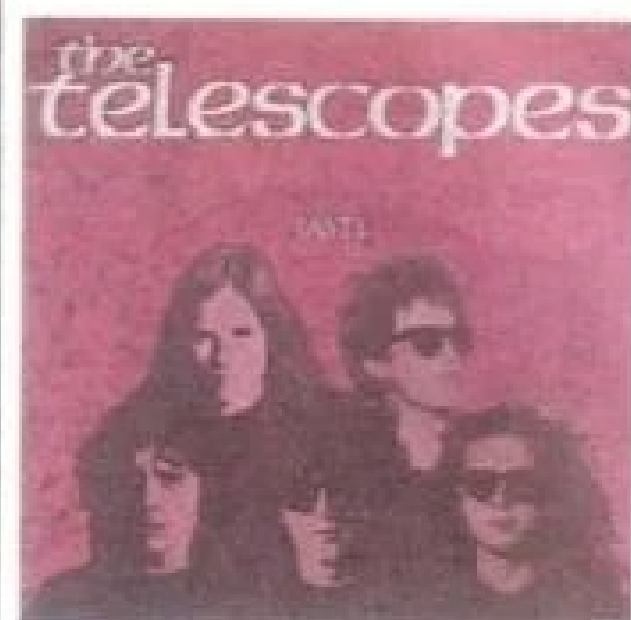
ARTHUR G. CÔRTO DUARTE



O Sound foi, sem dúvida, a banda inglesa mais injustiçada da classe de 80, amargando o anonimato apesar de poder ser comparado, às vezes com vantagem, a contemporâneos como o Echo & the Bunnymen e o Cure. Depois de discos brilhantes como *Jeopardy* e *Shock of Daylight*, ou apenas ótimos, como *From the Lions Mouth* e *All Fall Down*, o grupo amargou um melancólico final em 87. Mas o líder, vocalista e guitarrista **Adrian Borland** está de volta, acompanhado de uma nova banda, **The Citizens**, em **ALEXANDRIA** (Play It Again Sam). Os tempos são outros: a um som que tinha herdado da new wave os teclados ostensivos, Borland contrapõe um enfoque mais suave, usando até

um quarteto de cordas. Mas seu pop pessoal fluente continua o mesmo.

ALEX ANTUNES



A neo-psicodelia se constituiu como um dos mais relevantes movimentos musicais britânicos de 89. Ao lado do Spaceman 3, Loop, The Hypnotics, Happy Mondays e tantos outros, o quinteto **The Telescopes** é um de seus mais inspirados expoentes e estreia com o LP **TASTE** (What Goes On). Sua sonoridade é embasada em cáusticas atmosferas de guitarras que formam uma verdadeira *wall of sound*, obsessiva e raivosa.

A gravadora 4AD, após o sucesso dos Pixies e Throwing Muses, resolveu modificar suas diretrizes. Com a aquisição do **Lush**, que debutou com o mini-LP **SCAR**, ela inaugurou uma nova estrada rumo ao *Exotismo*. Guitarras cortantes, bases trêmulas, vocais frios e imersos em algum recanto secreto fazem as bases de um som mais uma vez inovador dentro do pop inglês.

FERNANDO SAPIORANO



RECEBA PELO CORREIO

AGORA SIM!
ENTREGA URGENTE
SEDEX À COBRAR
PAGUE AO RETIRAR

JAQUETAS DE MOLETON

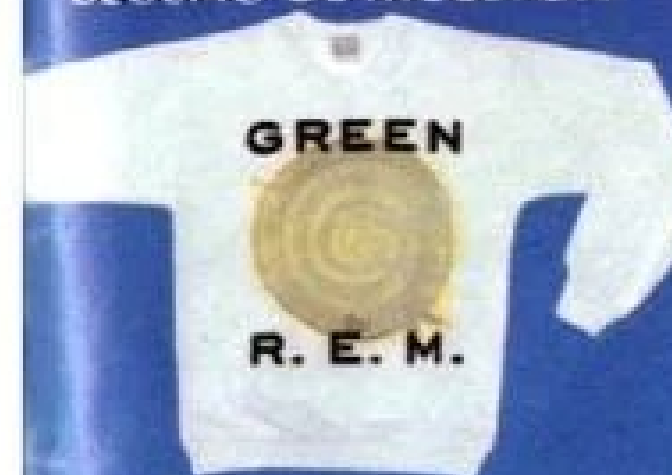
ZIPER - BOLSO E ESTAMPA NAS COSTAS



COSTAS



BLUSÃO DE MOLETON



CAMISETAS

MANGA CURTA E LONGA



REF. 398 COR. PR. REF. 364 COR. PR. REF. 260 COR. PR. REF. 287 COR. BR. PR. REF. 407 COR. PR.



REF. 399 COR. BR. REF. 397 COR. BR. REF. 390 COR. PR. REF. 351 COR. BR. REF. 404 COR. PR.



REF. 410 COR. PR. REF. 425 COR. CINZA REF. 379 COR. PR. REF. 382 COR. PR. REF. 474 COR. BR.



REF. 411 COR. BR. REF. 423 COR. PR. REF. 369 COR. BR. REF. 387 COR. CINZA REF. 400 COR. PR.



REF. 412 COR. BR. REF. 416 COR. CINZA REF. 417 COR. PR. REF. 418 COR. BR. REF. 422 COR. PR.



REF. 413 COR. CINZA REF. 378 COR. PR. REF. 296 COR. BR. REF. 295 COR. BR. REF. 401 COR. BR.



REF. 419 COR. BR. REF. 393 COR. BR. REF. 332 COR. PR. REF. 391 COR. CINZA REF. 394 COR. PR.



REF. 420 COR. PR. REF. 395 COR. PR. REF. 215 COR. PR. REF. 274 COR. BR. REF. 336 COR. BR.



REF. 421 COR. BR. REF. 317 COR. BR. REF. 348 COR. BR. REF. 406 COR. CINZA REF. 414 COR. PR.



CAMISETAS - BLUSÕES
- JAQUETAS
100% ALGODÃO
- TAMANHOS P.M.G.

PREÇOS
MANGA CURTA (MC): NC\$ 830,00
MANGA LONGA (ML): NC\$ 870,00
BLUSÃO (BL): NC\$ 960,00
JAQUETA (JQ): NC\$ 1.050,00

VALIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida.

- O pagamento da encomenda mais a despesa postal será efetuado no Correio.
- O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade.
- O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem.

Todas as estampas estão disponíveis nas quatro modelos: Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (BL) e Jaqueta (JQ).

PREÇO ESPECIAL PARA REVENDEDORES.

Desejo receber a seguinte encomenda no Valor de NC\$5 mais despesas postais.

Ref.	Cor.	Tam.	Mod.

Nome: _____
End: _____
Cep: _____ Cid: _____ Est: _____

Envie este cupom ou cópia p/Stamp - Rua Emb. João Neves da Fontoura, 136 - Cep 02013 - São Paulo - SP

IAN McCULLOCH

PROUD TO FALL

(IAN McCULLOCH)

Here you come again, acting like a saviour
there you go again, talking like a stranger

You said we all must learn to face
what we're becoming
and then I saw you in the distance
off and running

But from start to finish, I was proud to fall
and I fell so deep within it
I got lost inside it all
inside it all...

Looks like rain again, feel like it's rained forever
can't remember when, can't remember whether
I ever really told you who I was
it must have been because...
because...

From start to finish, I was proud to fall
and I fell so deep within it
I got lost inside it all
inside it all...

I fell between the bruises and the red curtain call
I prayed you'd light the fuses
and we'd burn and torch it all
long days journey into
long nights journey out
knee deep so deep within you
I kept and keep without

You said we all must learn to face
what we're becoming
and then I saw you in the mirror
off and running

But from start to finish...

ORGULHOSO EM CAIR

Ai vem você de novo, agindo como um salvador
lá vai você de novo, conversando como um estranho

Você disse que tínhamos todos de aprender a encarar
o que estamos nos tornando
e então te vi a distância
caindo fora, correndo

Mas do começo até o fim, eu tive orgulho em cair
e caí tão fundo dentro disso
que me perdi dentro de tudo
dentro de tudo...

Parece que vai chover de novo, a sensação é de que desde sempre tem chovido
não consigo lembrar quando, não consigo lembrar se
alguma vez te contei quem eu era, ou não
deve ter sido porque...
porque...

Do começo até o fim, eu tive orgulho em cair
e caí tão fundo dentro disso
que me perdi dentro de tudo
dentro de tudo...

Caí entre as feridas e a descida da cortina vermelha
rezei para que você acendesse os fuses
e nós queimássemos e incendiássemos tudo
jornada de longos dias para dentro
jornada de longas noites para fora
afundado até os joelhos, tão fundo dentro de você
me mantive e mantenho sem

Você disse que tínhamos todos de aprender a encarar
o que estamos nos tornando
e então te vi no espelho,
caindo fora, correndo

Mas do começo até o fim...

© Warner Chappell Music Ltd. (Direitos cedidos para o Brasil à Warner Chappell Edições Musicais Ltda.)



GUARDE
SUAS
FITAS



PORTA
FITAS

MONTAG (011) 885-7045

DESABAFO DURANIE

Em algum dia do ano de 1978, nasce na velha Inglaterra o grupo que seria responsável por parte do grande mercado da música pop, o Duran Duran... Uma banda que lançou o rock dançante, o som dos anos 80.

"Música é uma coisa divertida. Se em algum momento nossa mensagem não foi clara, é porque estávamos confusos e inseguros sobre o que queríamos dizer." (Simon Le Bon)

(...) Existe um elo perdido entre as suas músicas e a vida real. (...) Sentir é criar. É desse terreno que sai a música do Duran Duran. Eles criam exatamente o que sentem. Disso nascem as letras de suas músicas. Eles são, em regra geral, de tal modo acomodados e manipulados que não percebem suas possibilidades de decisão. Por isso, procuramos ansiosamente as regras e leis exteriores. (...) Há neles uma falsa sensação de Deus, mas são homens de cabeças vazias. Eles sentem no fundo do coração uma angústia e uma inveja de quem está fora desta sujeira. (...)

O Duran Duran é um grupo que precisa sair do seu comodismo e de uma sensação falsa de estar bem consigo mesmo só porque não faz nada para prejudicar ninguém. Eles vivem num mundo de fantasia, pois nunca precisaram lutar para conseguir o que queriam; as coisas simplesmente aconteceram. Em suas entrevistas, há uma contínua fuga do tema em discussão... Ninguém escuta ninguém, a não ser para rebater. Eles são músicos e falam que a música tem que ser neutra e não pode ajudar ninguém. E o mundo continua como um lugar onde muitas pessoas sofrem barbaridades nas mãos de poucos, mas, no íntimo, não é isso o que eles sentem.

Compreender o que eles pensam é discordar deles; compreender o que eles sentem é ser eles. O cérebro deles funciona igual a um toca-discos estragado. A agulha não sai do lugar e o disco repete sempre a mesma coisa: "alienação". (...) Simon Le Bon, o escritor de 99% das letras do grupo, é um magnífico poeta, porém é tão tolo quanto um bêbado que vive em meio a um nevoeiro, sem ver nem julgar clara-

mente coisa alguma. Quem eram eles quando começaram, há nove anos? Quem são eles agora?

(...) O Duran Duran está mergulhado numa infância prolongada — são crianças velhas. Crianças de olhos fechados para o novo; incapazes de alimentar a reduzida informação que recebem com a curiosidade própria da infância. O Duran Duran só faz abrir a boca para ingerir o que já vem pronto, o novo encaixotado. Estão programados para ser ótimos executantes, e não desenvolver a capacidade de reflexão. É melhor não pensar. Essas crianças velhas são indiferentes a tudo. Não têm idéia da miséria do mundo. Não se interessam por política e não têm noção do bem e do mal... Desconhecem o senso comum. Não se sentem filhos de uma mesma nação, não lutam para ajudar nem para discordar. O Duran Duran é diferente dos outros grupos. A perda da autonomia deles corresponde ao ganho da ilusão. Nunca lutaram por nada, e criticam quem o faz. Não escolhem, não experimentam, não inventam. Apenas aceitam. O Duran Duran não tem surpresa. O que eles passam aos jovens de hoje é um trabalho de necrotério, a mutilação de uma estrutura morta. Incapazes de lidar com a realidade de uma forma global, recorrem aos velhos modelos de comportamento. (...) São tradicionalistas, amedrontados e tontos. Eles fingem ainda ser alguém. Agarram-se com força a alguma significação. Eles tomam atitudes importantes, mas conhecem no íntimo do coração a tristeza, a dúvida... Será que eles não se cansam das polêmicas, dos exclusivismos, dos fanatismos?! Será que não se cansam de sempre vestir um uniforme, renunciar a coisas de suas pátrias interiores, se desculpar, pedir, provar, acima de suas palavras insensatas, que podem enganar a todos. Eles são simplesmente homens!

O trágico é observarmos que a moda domina o íntimo do homem (como deve ter acontecido com eles). Falam o que é moda falar, lêem o que é moda ler, sentem o que é moda sentir, procedem como é moda proceder, vivem como é moda viver. Tornam-se inteiramente escravos da onda com a pretensão e a ilusão de serem livres. Mas saiba que a grandeza e a riqueza de um

homem não estão no ambiente que o cerca nem no lugar que ocupa, e sim na sua alma, na nobreza de sentimentos, na riqueza de idéias, na sua capacidade de reflexão e na sua maneira de agir.

(...) Assim, os três integrantes do Duran Duran, como podemos ver com nossos próprios olhos, padecem de um destino realmente trágico. Lutam com grande sinceridade pela clareza e pela independência interior, mas servem a um mundo hipócrita e manipulador. Possuem plena consciência da destruição universal, compreendem que a humanidade pode ser ajudada através da política de conscientização, que ajudaria a eliminar os métodos da força bruta. No entanto, aceitam a escravidão que a sociedade impõe, como se fosse um destino inevitável.

(...) Há neles angústias excessivamente grandes, mágoas demasiadamente profundas e êxtases infinitamente altos. O corpo deles é inferior em demasia para sentir o infinito de suas tristezas e de suas alegrias. Eles são jovens e robustos, a carne e o sangue quentes, clamam por seus direitos dentro de si. Não haverá nenhuma escapatória para eles? Têm realmente de tolerar e padecer todas essas coisas? Terão passado para sempre os tempos em que, guiado por sua liberdade interior e independência de seu pensamento e de seu trabalho, o músico tinha a possibilidade de iluminar e enriquecer a vida de seus semelhantes? Não terão eles esquecido suas responsabilidades e dignidades?

(...) Pedimos a você que os ajude. Trata-se de socorrê-los, de fazer com que sejam livres na terra onde possuem total direito de desenvolver suas raízes. Eles certamente têm muito a ensinar. Nós aprendemos muito com eles, só que, infelizmente, mais com seus erros do que com seus acertos.

Cry Freedom, São Paulo — SP

FÂS-CLUBES

A-ha *The Sun Always Shines On "Bredy" The Lion A-ha Fan Club* r. 220, Qd. 75, lote 03, CEP 74000, Goiânia — GO

A-ha *The Swing of A-ha Fan Club A/C*

Tâmara, r. Oito, 380, CEP 79570, Aparecida do Taboado — MG

Arnaldo Baptista *Fanzine Rock'n'Roll Music* Caixa Postal 02/0168, CEP 70001, Brasília — DF

Cascavelettes *Cascarock Clube* r. Bento Gonçalves, 2870, CEP 95020, Caxias do Sul — RS

Cyndi Lauper *Fan Club Cyndi Lauper You'll Never Forget Her A/C* Rogério, av. Itaberaba, 1848, CEP 02734, São Paulo — SP

Debbie Gibson *Debbie Gibson Brazilian Fan Club A/C* Elvis Kobashikawa, r. Dr. Pedrosa, 297/185, CEP 80420, Curitiba — PR

Duran Duran *A Matter of Feeling Duran Duran Fã-clube*, r. Raimundo Vitor, 479, CEP 60000, Fortaleza — CE

Engenheiros do Hawaii *Fã-clube Engenheiros do Hawaii Infinita Highway A/C* Júnior, Pça. Roosevelt, 168, apto. 224, CEP 01303, São Paulo — SP

Engenheiros do Hawaii *Highway Engenheiros do Hawaii Fã-clube A/C* Billy, r. Júlio Ferraz, 200, CEP 31270, Belo Horizonte — MG

Information Society *Fã-clube Information Society*, r. São José, 216, CEP 13470, Americana — SP

JC Arquivo Todos os fã-clubes em um. Caixa Postal, 22125, CEP 01499, São Paulo — SP

Jean-Michel Jarre / Kraftwerk *Jarrekraft & Cia.* r. Miguel Stefano, 414, CEP 48100, Alagoinhas — BA

Led Zeppelin *Swan Song Fã-clube A/C* Moisés Pochmann, r. Mauricio Cardoso, s/n, CEP 95940, Arroio do Meio — RS

Milton Nascimento *Fã-clube de Milton Nascimento A/C* Adalberto P.V. Filho, Caixa Postal 213, CEP 58000, João Pessoa — PB

Paulo Pagni *Fã-clube P.A.* — Paulo Pagni A/C Nazira da Costa, Caixa Postal 0383, CEP 01051, São Paulo — SP

Smiths *Tendências Alternativas A/C* Márcio, Caixa Postal 53870, CEP 08250, São Paulo — SP

Smiths *The Smiths Isn't Dead*, r. Cap. Floramante, 145, CEP 11920, São Paulo — SP

Titãs *Diversão Fã-clube*, r. Maria Carneiro, 385 b, CEP 37500, Itajubá — MG

Titãs *Igreja Titânica*, r. Major Alberto Silva, 342, CEP 25660, Petrópolis — RJ

U2 *U2 — The Unforgettable Fire*, r. Crispim do Amaral, 148, CEP 05202, São Paulo — SP

MERCADO PARALELO

Vendo BIZZ números 11 a 22, 24 a 26, 28 a 31, 33 a 38 e 40 mais HEAVY números 15-B e 19-A. **Marcos Rogério Picco**, r. João Ventura Batista, 90, CEP 02054, São Paulo — SP

Compro *Revista-Poster* 23-P (A-ha) e BIZZ número 21. **Luciana Lauren Saldanha**, r. Cel. Rodovalho, 235, CEP 03632, São Paulo — SP

Compro edições de BIZZ números 14 e 21 (contendo o suplemento especial da turnê do Cure no Brasil), em bom estado. **Alessandro Costa**, r. Popular, 135, CEP 31230, Belo Horizonte — MG

Troco poster 23-P (A-ha) pelo poster do The Smiths da revista *Som Três*. **Elen Gonçalves**, r. Francisco da Silva Santos, 85, apto. 11, CEP 11370, São Vicente — SP

Compro as edições de BIZZ números 0, 1, 2 e 7 e vendo *Ídolos do Rock* 20-B, *Letras Traduzidas* 36-L, *Revista-Poster* Duran Duran, Sting, Cure, A-ha e U2. Tenho à disposição vasto material sobre o RPM. **Denise Serra Michelotti**, pça. Pinheiro da Cunha, 339, CEP 04275, São Paulo — SP

Compro *Revista-Poster* 34-P (Titãs) e 21-B (Duran Duran) e também material sobre Paulo Miklos, Charles Gavin ou qualquer outro titã. **Cláudia C. Farias**, r. da Paz, 25-B, CEP 41600, Salvador — BA

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 247-1022
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05066, São Paulo, SP.



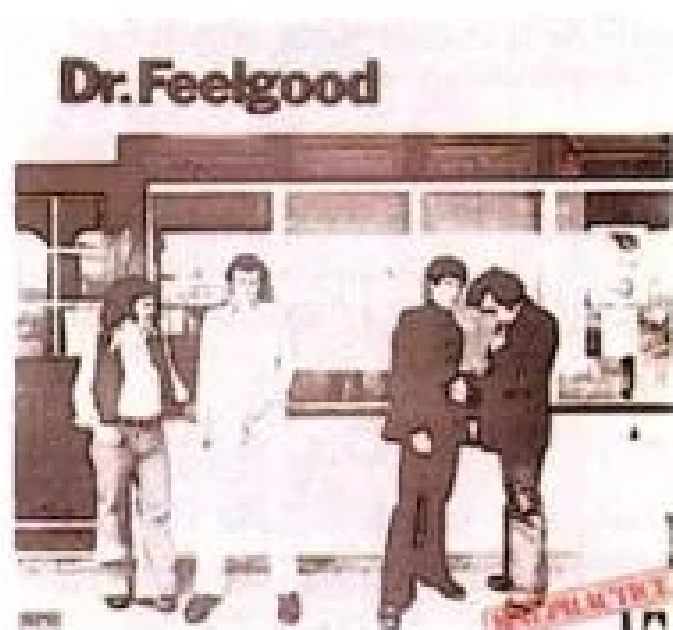
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____
Bairro _____ Estado _____ Telefone _____
Cidade _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____



DR. FEELGOOD

MALPRACTICE (1975)

Uma das maiores causas do impacto do punk rock residia na relação de igual para igual entre os grupos e suas platéias: uma suarenta comunhão em algum *pub* enfumaçado, que se opunha frontalmente à frieza burocrática da maioria dos concertos em grandes arenas. Pois esta postura inovadora teve sua origem ainda no início dos anos 70, paradoxalmente dentro de uma corrente dita "revivalista" — o *pub rock* britânico. Eram bandas que tomavam como profissão de fé o *rhythm'n'blues* das décadas de 50 e 60, com fama restrita apenas aos bares especializados no estilo, mas que arrastavam um público fiel e cada vez mais volumoso aos locais onde se apresentavam. Nesta tradição inscreveram-se grupos como o de Brinsley Schwarz (do qual participava Nick Lowe), Ducks Deluxe, Dave Edmunds, Graham Parker e, de modo especial, o Dr. Feelgood.

Formado em 1971 pelo cantor/guitarrista Lee Brilleaux, o guitarrista Wilko Johnson e o baixista John B. Sparks — os três egressos do circuito local de Canvey Island — junto ao baterista John "The Big Figure" Martin, o grupo logo começou a causar sensação, não só pelas endiabradas performances de Lee e Wilko ao vivo mas também devido ao próprio repertório escolhido: uma seleção de clássicos do r&b, assinados por nomes como Willie Dixon, John Lee Hooker, Chuck Berry e Bo Diddley entre outros, além de músicas próprias (na maioria, compostas por Wilko).

Este reconhecimento do público teve, porém, que esperar três lon-

gos anos para ser partilhado por uma gravadora. Apenas no fim de 74 o grupo conseguiu um contrato, lançando seu álbum de estreia — *Down by the Jetty* — no início do ano seguinte. Deliberadamente gravado em mono e com quase todas as canções registradas em um só *take*, o disco era um retrato fiel da rudeza do som do quarteto e firmou definitivamente a reputação de Wilko enquanto guitarrista (recebendo elogios rasgados de Pete Townshend e até sendo cogitado para substituir Mick Taylor nos Stones).

Ainda em 75 o Dr. Feelgood lançou o seu segundo álbum, *Malpractice* (termo usado para designar imperícia médica). O LP trazia depurada a energia em estado bruto de seu antecessor, com maior esmero na produção, mas mantendo o mesmo despojamento em suas onze faixas (sem *dubs*). A técnica *su generis* de execução de Wilko — com seus riffs e solos secos, tocados com os dedos da mão direita em vez da palheta — mostrava-se mais inspirada do que nunca, bem como suas composições. Canções como "Back in the Night", "Going Back Home" (esta em parceria com Mick Green), "Don't Let Your Daddy Know" e "You Shouldn't Call the Doctor (If You Can't Afford the Bills)" transpiravam o mais puro r&b e formavam um conjunto imbatível junto às sensacionais covers de "I Can Tell" (Bo Diddley), "Rolling and Tumbling" (Muddy Waters), "Don't You Just Know It" (Huey "Piano" Smith) e "Riot in Cell Block N.º 9" (Leiber/Stoller). Um santo remédio que, como receitava a contracapa, devia "ser tomado dez vezes ao dia".

Em 77, depois de um disco ao vivo (*Stupidity*) e outro de estúdio (*Sneakin' Suspicion*), Wilko abandonaria o Dr. Feelgood, formando em seguida o efêmero Solid Senders e acompanhando os Blockheads de Ian Dury por um certo tempo, antes de voltar para o circuito dos *pubs*. Lee insistiria em carregar o nome do grupo (mesmo depois da saída de Sparks e "The Big Figure" em 82) com outros músicos, porém sem nunca conseguir repetir a fórmula mágica de *Malpractice*. Afinal, foi com este disco que o bisturi do Dr. Feelgood efetuou um corte profundo nas veias do rock'n'roll.

ALDO PUCCI

BZ



EDITORIA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITADiretoria:
Angelo Rossi
Edgard de Sílvia Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Beto Abramo (Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Márcia Adán Gil (Showbiz), Lorena Calabro (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação: Celso Ferraz Masson
Coordenação de Produção: Igor Israel Assan
Atendimento ao Leitor: Lílian Cristina Viveros

ARTE

Editora: Denise Brinas
Diagramação: Angelo Asson, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Almeida
Correspondentes: José Emílio Rondreu e Ana Maria Behnato (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Colaboradores:

Texto: Alex Antunes, Antonio Carlos Miguel, Ayrton Mugnani Jr., José Roberto Matr, Leopoldo Ray, Marcel Plasse, Thomas Pascon

Fotos: Fabiana Figueiredo, Gustavo E. Smolansky, Mariano Corina, Marcos Bonissón

Arte: Antonio Fernando Moura

Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez

Projeto Gráfico: OZ Design & Associados

Diretora Responsável: Leide de Lima Doria Castelli

PÚBLICIDADE

Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo

SP - Diretor: Osvaldo Marfisi Jr.

Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Armando Coronado Mota, Arthur de Oliveira Neto

RJ - Diretor: Maria Fernanda Jorge

Contatos: Eduardo Barrós, Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA

Gerente: Edna K. Burgo

Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes

Rio Grande do Sul e Santa Catarina:

301 Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-9528

Porto Alegre: RS Centro-Oeste

Publicidade Comunicação & Negócios Ltda. Fone: (061)

223-0421 - Brasília, DF: SP 2

Intermedia: Repres e Public. S.C. Ltda. Fones: (016)

623-4262 623-4281 - Ribeirão Preto: SP

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press - Gerente: Judith Baroni - Escritórios - Nova York:

Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York,

NY 10018. Phone: (212) 213-5577-5590-5993. Telex: 237670

Fax: (212) 213-9833-9872. Paris: 33 rue de Miromesnil, 75008

Paris. Phone: (01) 42 66 21 10. Telex: 660731 ABRI/PA

Fax: (033) 42 66 15 99

Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Susana

Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo: SP

Telex: (011) 22115

Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Marín

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes

Gerente de Produto: José Carlos Beldavski

Gerente de Circulação: Gilberto Furtado Gil

Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORIA AZUL

Diretores: Ana Maria Fátiga, Carlos C. Arruda

Pedro Frazão e Vera Helena Miranda Gomes

BZ2 é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: Márcia de Sá, telefone: 1111-1011, 1111-1012, 1111-1013, 1111-1014, 1111-1015, 1111-1016, 1111-1017, 1111-1018, 1111-1019, 1111-1020, 1111-1021, 1111-1022, 1111-1023, 1111-1024, 1111-1025, 1111-1026, 1111-1027, 1111-1028, 1111-1029, 1111-1030, 1111-1031, 1111-1032, 1111-1033, 1111-1034, 1111-1035, 1111-1036, 1111-1037, 1111-1038, 1111-1039, 1111-1040, 1111-1041, 1111-1042, 1111-1043, 1111-1044, 1111-1045, 1111-1046, 1111-1047, 1111-1048, 1111-1049, 1111-1050, 1111-1051, 1111-1052, 1111-1053, 1111-1054, 1111-1055, 1111-1056, 1111-1057, 1111-1058, 1111-1059, 1111-1060, 1111-1061, 1111-1062, 1111-1063, 1111-1064, 1111-1065, 1111-1066, 1111-1067, 1111-1068, 1111-1069, 1111-1070, 1111-1071, 1111-1072, 1111-1073, 1111-1074, 1111-1075, 1111-1076, 1111-1077, 1111-1078, 1111-1079, 1111-1080, 1111-1081, 1111-1082, 1111-1083, 1111-1084, 1111-1085, 1111-1086, 1111-1087, 1111-1088, 1111-1089, 1111-1090, 1111-1091, 1111-1092, 1111-1093, 1111-1094, 1111-1095, 1111-1096, 1111-1097, 1111-1098, 1111-1099, 1111-1100, 1111-1101, 1111-1102, 1111-1103, 1111-1104, 1111-1105, 1111-1106, 1111-1107, 1111-1108, 1111-1109, 1111-1110, 1111-1111, 1111-1112, 1111-1113, 1111-1114, 1111-1115, 1111-1116, 1111-1117, 1111-1118, 1111-1119, 1111-1120, 1111-1121, 1111-1122, 1111-1123, 1111-1124, 1111-1125, 1111-1126, 1111-1127, 1111-1128, 1111-1129, 1111-1130, 1111-1131, 1111-1132, 1111-1133, 1111-1134, 1111-1135, 1111-1136, 1111-1137, 1111-1138, 1111-1139, 1111-1140, 1111-1141, 1111-1142, 1111-1143, 1111-1144, 1111-1145, 1111-1146, 1111-1147, 1111-1148, 1111-1149, 1111-1150, 1111-1151, 1111-1152, 1111-1153, 1111-1154, 1111-1155, 1111-1156, 1111-1157, 1111-1158, 1111-1159, 1111-1160, 1111-1161, 1111-1162, 1111-1163, 1111-1164, 1111-1165, 1111-1166, 1111-1167, 1111-1168, 1111-1169, 1111-1170, 1111-1171, 1111-1172, 1111-1173, 1111-1174, 1111-1175, 1111-1176, 1111-1177, 1111-1178, 1111-1179, 1111-1180, 1111-1181, 1111-1182, 1111-1183, 1111-1184, 1111-1185, 1111-1186, 1111-1187, 1111-1188, 1111-1189, 1111-1190, 1111-1191, 1111-1192, 1111-1193, 1111-1194, 1111-1195, 1111-1196, 1111-1197, 1111-1198, 1111-1199, 1111-1200, 1111-1201, 1111-1202, 1111-1203, 1111-1204, 1111-1205, 1111-1206, 1111-1207, 1111-1208, 1111-1209, 1111-1210, 1111-1211, 1111-1212, 1111-1213, 1111-1214, 1111-1215, 1111-1216, 1111-1217, 1111-1218, 1111-1219, 1111-1220, 1111-1221, 1111-1222, 1111-1223, 1111-1224, 1111-1225, 1111-1226, 1111-1227, 1111-1228, 1111-1229, 1111-1230, 1111-1231, 1111-1232, 1111-1233, 1111-1234, 1111-1235, 1111-1236, 1111-1237, 1111-1238, 1111-1239, 1111-1240, 1111-1241, 1111-1242, 1111-1243, 1111-1244, 1111-1245, 1111-1246, 1111-1247, 1111-1248, 1111-1249, 1111-1250, 1111-1251, 1111-1252, 1111-1253, 1111-1254, 1111-1255, 1111-1256, 1111-1257, 1111-1258, 1111-1259, 1111-1260, 1111-1261, 1111-1262, 1111-1263, 1111-1264, 1111-1265, 1111-1266, 1111-1267, 1111-1268, 1111-1269, 1111-1270, 1111-1271, 1111-1272, 1111-1273, 1111-1274, 1111-1275, 1111-1276, 1111-1277, 1111-1278, 1111-1279, 1111-1280, 1111-1281, 1111-1282, 1111-1283, 1111-1284, 1111-1285, 1111-1286, 1111-1287, 1111-1288, 1111-1289, 1111-1290, 1111-1291, 1111-1292, 1111-1293, 1111-1294, 1111-1295, 1111-1296, 1111-1297, 1111-1298, 1111-1299, 1111-1300, 1111-1301, 1111-1302, 1111-1303, 1111-1304, 1111-1305, 1111-1306, 1111-1307, 1111-1308, 1111-1309, 1111-1310, 1111-1311, 1111-1312, 1111-1313, 1111-1314, 1111-1315, 1111-1316, 1111-1317, 1111-1318, 1111-1319, 1111-1320, 1111-1321, 1111-1322, 1111-1323, 1111-1324, 1111-1325, 1111-1326, 1111-1327, 1111-1328, 1111-1329, 1111-1330, 1111-1331, 1111-1332, 1111-1333, 1111-1334, 1111-1335, 1111-1336, 1111-1337, 1111-1338, 1111-1339, 1111-1340, 1111-1341, 1111-1342, 1111-1343, 1111-1344, 1111-1345, 1111-1346, 1111-1347, 1111-1348, 1111-1349, 1111-1350, 1111-1351, 1111-1352, 1111-1353, 1111-1354, 1111-1355, 1111-1356, 1111-1357, 1111-1358, 1111-1359, 1111-1360, 1111-1361, 1111-1362, 1111-1363, 1111-1364, 1111-1365, 1111-1366, 1111-1367, 1111-1368, 1111-1369, 1111-1370, 1111-1371, 1111-1372, 1111-1373, 1111-1374, 1111-1375, 1111-1376, 1111-1377, 1111-1378, 1111-1379, 1111-1380, 1111-1381, 1111-1382, 1111-1383, 1111-1384, 1111-1385, 1111-1386, 1111-1387, 1111-1388, 1111-1389, 1111-1390, 1111-1391, 1111-1392, 1111-1393, 1111-1394, 1111-1395, 1111-1396, 1111-1397, 1111-1398, 1111-1399, 1111-1400, 1111-1401, 1111-1402, 1111-1403, 1111-1404, 1111-1405, 1111-1406, 1111-1407, 1111-1408, 1111-1409, 1111-1410, 1111-1411, 1111-1412, 1111-1413, 1111-1414, 1111-1415, 1111-1416, 1111-1417, 1111-1418, 1111-1419, 1111-1420, 1111-1421, 1111-1422, 1111-1423, 1111-1424, 1111-1425, 1111-1426, 1111-1427, 1111-1428, 1111-1429, 1111-1430, 1111-1431, 1111-1432, 1111-1433, 1111-1434, 1111-1435, 1111-1436, 1111-1437, 1111-1438, 1111-1439, 1111-1440, 1111-1441, 1111-1442, 1111-1443, 1111-1444, 1111-1445, 1111-1446, 1111-1447, 1111-1448, 1111-1449, 1111-1450, 1111-1451, 1111-1452, 1111-1453, 1111-1454, 1111-1455, 1111-1456, 1111-1457, 1111-1458, 1111-1459, 1111-1460, 1111-1461, 1111-1462, 1111-1463, 1111-1464, 1111-1465, 1111-1466, 1111-1467, 1111-1468, 1111-1469, 1111-1470, 1111-1471, 1111-1472, 1111-1473, 1111-1474, 1111-1475, 1111-1476, 1111-1477, 1111-1478, 1111-1479, 1111-1480, 1111-1481, 1111-1482, 1111-1483, 1111-1484, 1111-1485, 1111-1486, 1111-1487, 1111-1488, 1111-1489, 1111-1490, 1111-1491, 1111-1492, 1111-1493, 1111-1494, 1111-1495, 1111-1496, 1111-1497, 1111-1498, 1111-1499, 1111-1500, 1111-1501, 1111-1502, 1111-1503, 1111-1504, 1111-1505, 1111-1506, 1111-1507, 1111-1508, 1111-1509, 1111-1510, 1111-1511, 1111-1512, 1111-1513, 1111-1514, 1111-1515, 1111-1516, 1111-1517, 1111-1518, 1111-1519, 1111-1520, 1111-1521, 1111-1522, 1111-1523, 1111-1524, 1111-1525, 1111-1526, 1111-1527, 1111-1528, 1111-1529, 1111-1530, 1111-1531, 1111-1532, 1111-1533, 1111-1534, 1111-1535, 1111-1536, 1111-1537, 1111-1538, 1111-1539, 1111-1540, 1111-1541, 1111-1542, 1111-1543, 1111-1544, 1111-1545, 1111-1546, 1111-1547, 1111-1548, 1111-1549, 1111-1550, 1111-1551, 1111-1552, 1111-1553, 1111-1554, 1111-1555, 1111-1556, 1111-1557, 1111-1558, 1111-1559, 1111-1560, 1111-1561, 1111-1562, 1111-1563, 1111-1564, 1111-1565, 1111-1566, 1111-1567, 1111-1568, 1111-1569, 1111-1570, 1111-1571, 1111-1572, 1111-1573, 1111-1574, 1111-1575, 1111-1576, 1111-1577, 1111-1578, 1111-1579, 1111-1580, 1111-1581, 1111-1582, 1111-1583, 1111-1584, 1111-1585, 1111-1586, 1111-1587, 1111-1588, 1111-1589, 1111-1590, 1111-1591, 1111-1592, 1111-1593, 1111-1594, 1111-1595, 1111-1596, 1111-1597, 1111-1598, 1111-1599, 1111-1600, 1111-1601, 1111-1602, 1111-1603, 1111-1604, 1111-1605, 1111-1606, 1111-1607, 1111-1608, 1111-1609, 1111-1610, 1111-1611, 1111-1612, 1111-1613, 1111-1614, 1111-1615, 1111-1616, 1111-1617, 1111-1618, 1111-1619, 1111-1620, 1111-1621, 1111-1622, 1111-1623, 1111-1624, 1111-1625, 1111-1626, 1111-1627, 1111-1628, 1111-1629, 1111-1630, 1111-1631, 1111-1632, 1111-1633, 1111-1634, 1111-1635, 1111-1636, 1111-1637, 1111-1638, 1111-1639, 1111-1640, 1111-1641, 1111-1642, 1111-1643, 1111-1644, 1111-1645, 1111-1646, 1111-1647, 1111-1648, 1111-1649, 1111-1650, 1111-1651, 1111-1652, 1111-1653, 1111-1654, 1111-1655, 1111-1656, 1111-1657, 1111-1658, 1111-1659, 1111-1660, 1111-1661, 1111-1662, 1111-1663, 1111-1664, 1111-1665, 1111-1666, 1111-1667, 1111-1668, 1111-1669, 1111-1670, 1111-1671, 1111-1672, 1111-1673, 1111-1674, 1111-1675, 1111-1676, 1111-1677, 1111-1678, 1111-1679, 1111-1680, 1111-1681, 1111-1682, 1111-1683, 1111-1684, 1111-1685, 1111-1686, 1111-1687, 1111-1688, 1111-1689, 1111-1690, 1111-1691, 1111-1692, 1111-1693, 1111-1694, 1111-1695, 1111-1696, 1111-1697, 1111-1698, 1111-1699, 1111-1700, 1111-1701, 1111-1702, 1111-1703, 1111-1704, 1111-1705, 1111-1706, 1111-1707, 1111-1708, 1111-1709, 1111-1710, 1111-1711, 1111-1712, 1111-1713, 1111-1714, 1111-1715, 1111-1716, 1111-1717, 1111-1718, 1111-1719, 1111-1720, 1111-1721, 1111-1722, 1111-1723, 1111-1724, 1111-1725, 1111-1726, 1111-1727, 1111-1728, 1111-1729, 1111-1730, 1111-1731, 1111-1732, 1111-1733, 1111-1734, 1111-1735, 1111-1736, 1111-1737, 1111-1738, 1111-1739, 1111-1740, 1111-1741, 1111-1742, 1111-1743, 1111-1744, 1111-1745, 1111-1746, 1111-1747, 1111-1748, 1111-1749, 1111-1750, 1111-1751, 1111-1752, 1111-1753, 1111-1754, 1111-1755, 1111-1756, 1111-1757, 1111-1758, 1111-1759, 1111-1760, 1111-1761, 1111-1762, 1111-1763, 1111-1764, 1111-1765, 1111-1766, 1111-1767, 1111-1768, 1111-1769, 1111-1770, 1111-1771, 1111-1772, 1111-1773, 1111-1774, 1111-1775, 1111-1776, 1111-1777, 1111-1778, 1111-1779, 1



SÃO PAULO

Pronta Entrega: R. Gal Marcondes Salgado, 24
F. 826 67 11

R. Albuquerque Lins, 775 F. 826 31 50
R. Maria Antônia, 116 F. 826 17 19
R. Sete de Abril, 216 F. 828 42 88
R. Prates, 360 F. 329 46 53
R. Benjamin Constant, 41 F. 34 34 47
R. Altonópolis, 239 F. 290 75 77
R. Tabapuã, 920 F. 820 06 01
R. Cunha Gago, 97 F. 210 15 52
R. Silva Romero, 233 F. 293 72 28

STO ANDRÉ

R. Senador Flácar, 171 F. 449 87 84

BAURU

Av. Duque de Caxias, 6-3 F. 24 37 36
Bauru Shopping Center

MARILIA

R. Prudente de Moraes, 126 F. 22 51 07

ITAPETINGA

R. Campos Sales, 507 F. 71 19 04

IBUNA

R. Cel Salvador R. Freitas, 245 - 1

CARAGUATATUBA

R. Altino Arantes, 845 F. 22 50 22

S. SEBASTIÃO

R. Guarda Mm Lobo Viana, 444 F. 22 50 22

BRÁSILIA

Conj. Nacional Brasília L. 3053 F. 321 56 56

CAMPO GRANDE

R. José Antonio, 615 F. 382 58 64

FLORIANÓPOLIS

Centro Comercial ARS, 117 F. 23 30 57

CRICIÚMA

Shopping Della Giustina L. 47

CASCATEL

R. Pde Champagnat, 88 F. 24 37 49

JUIZ DE FORA

R. Mister Moore, 70 L. 136 F. 213 22 79

LAVRAS

R. Benedito Voladares, 70 F. 821 21 69

RECIFE

R. Pde Bernardino Pessoa, 282 F. 326 04 61